

“TEM TUDO QUE UMA GAROTA QUER EM UM VERÃO.”

Sarah Dessen

sem você
não é verão

JENNY HAN



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Obras da autora publicadas pela Galera Record

O verão que mudou minha vida

Sem você não é verão

J E N N Y H A N

sem você
não é verão

Tradução de
FERNANDA ROCHA

1ª edição



G A L E R A R E C O R D
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO
2012

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Han, Jenny

H197s

Sem você não é verão / Jenny Han; tradução Fernanda Rocha. – Rio de Janeiro: Galera Record, 2012.

(O verão que mudou minha vida; 2)

Tradução de: *It's not summer without you*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-01-40298-1 (Recurso Eletrônico)

1. Ficção americana. I. Rocha, Fernanda. II. Título. III. Série.

12-3028

CDD: 028.5

CDU: 087.5

Título original em inglês:

It's not summer without you by Jenny Han

Copyright © 2010 by Jenny Han

Publicado mediante acordo com Pippin Properties, Inc. through Rights People, London.

Publicado primeiramente por Simon & Schuster Books for Young Readers.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais da autora foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil
adquiridos pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000, que se reserva a
propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN: 978-85-01-40298-1

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos
lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.



J + S para sempre

Agradecimentos

Minha sincera gratidão à Emily van Beek, Holly McGhee e Elena Mechlin da Pippin Properties e à Emily Meehan e Julia Maguire da S&S. Agradeço também aos meus primeiros leitores:
Caroline, Lisa, Emmy, Julie e Siobhan.
Tenho muita sorte por conhecer todos vocês.



Capítulo um

2 DE JULHO

Era um dia quente de verão em Cousins. Eu estava deitada perto da piscina com uma revista sobre o rosto. Minha mãe jogava paciência na varanda da frente, Susannah perambulava pela cozinha. Ela provavelmente viria logo aqui para fora com um copo de chá gelado e um livro que eu deveria ler. Do tipo romântico.

Conrad, Jeremiah e Steven estavam surfando desde cedo. Caiu uma tempestade na noite anterior. Conrad e Jeremiah voltaram para casa primeiro. Eu os ouvi antes que pudesse vê-los. Eles subiram a escada, morrendo de rir por Steven ter perdido o short depois de uma onda particularmente violenta. Conrad veio correndo em minha direção, levantou a revista, já grudada de suor no meu rosto, e sorriu.

— Tem palavras nas suas bochechas.

Olhei-o de rabo de olho.

— O que elas dizem?

Ele se agachou ao meu lado e respondeu:

— Não sei. Deixe-me ver.

E então olhou para o meu rosto com aquele jeito sério de Conrad. Ele se inclinou e me beijou, os lábios frios e salgados por causa do mar.

— Acho melhor vocês irem pro quarto — disse Jeremiah.

Mas eu sabia que era brincadeira. Ele piscou para mim enquanto se aproximava por trás de Conrad, levantava-o e o jogava na piscina. Jeremiah também pulou na água e gritou:

— Vem, Belly!

E, claro, eu também pulei. A água estava boa. Mais que boa. Como sempre, Cousins era o único lugar onde eu queria estar.

— Alôô! Você ouviu alguma coisa do que eu acabei de dizer?

Abri os olhos. Taylor estava estalando os dedos na frente do meu rosto.

— Desculpe — falei. — O que você disse?

Eu não estava em Cousins. Eu e Conrad não estávamos juntos, e Susannah estava morta. As coisas nunca mais seriam como antes. Já haviam se passado... *Quantos dias já haviam se passado? Quantos dias exatamente?*... Dois meses desde a morte de Susannah e eu ainda não conseguia acreditar. Não conseguia me permitir acreditar. Quando uma pessoa que você ama morre, a situação não parece real. É como se isso estivesse acontecendo com outra pessoa. Como se fosse a vida de outra pessoa. Nunca fui muito boa com as coisas abstratas. O que significa quando alguém verdadeiramente se vai morto?

Às vezes fecho os olhos e repito na minha cabeça, várias e várias vezes, *não é verdade, não é verdade, isso não é real*. Essa não era a minha vida. Mas era. Era a minha vida agora. Depois.

Eu estava no quintal de Marcy Yoo. Os meninos estavam à toa na piscina e nós, meninas, deitadas em toalhas de praia, enfileiradinhas. Eu era amiga de Marcy, já Katie e Evelyn e as outras garotas eram mais amigas de Taylor.

Já chegava a 30 graus e mal tinha passado do meio-dia. A tarde seria quente. Estava de braços e podia sentir o suor se acumulando na base da coluna. Estava começando a me sentir mal por causa do calor. Era apenas o segundo dia de julho e eu já estava contando os dias para o verão acabar.

— *Perguntei* o que você vai usar na festa do Justin? — repetiu Taylor.

Ela havia alinhado nossas toalhas tão perto umas das outras que parecíamos estar em uma única toalha enorme.

— Não sei — respondi, virando a cabeça para ficarmos cara a cara.

Taylor tinha gotículas de suor no nariz. Ela sempre suava primeiro no nariz.

— Vou usar aquele novo vestido de verão que comprei com minha mãe naquele shopping de *outlets* — disse ela.

Fechei os olhos de novo. Estava de óculos escuros; então não dava para ela saber se meus olhos estavam abertos ou fechados.

— Qual deles?

— Você sabe, aquele de bolinha que amarra no pescoço. Eu te mostrei faz, tipo, uns dois dias. — Taylor soltou um breve suspiro impaciente.

— Ah, sim — confirmei, mas ainda não me lembrava e sabia que Taylor tinha percebido.

Comecei a falar outra coisa, algo legal sobre o vestido, mas de repente senti um toque metálico gelado na nuca. Soltei um grito agudo e lá estava Cory Wheeler, agachado ao meu lado com uma latinha de Coca pingando nas mãos, morrendo de rir.

Eu me sentei e olhei para ele com raiva, secando meu pescoço. Estava tão de saco cheio desse dia. Só queria ir para casa.

— Que *droga*, Cory!

Ele continuava rindo, o que me deixou ainda mais irritada.

— Nossa, você é tão imaturo — falei.

— Mas você parecia estar realmente com calor — protestou ele. — Só estava tentando te refrescar.

Não respondi nada. Apenas continuei com a mão na nuca. Meu maxilar estava tenso, e podia sentir todas as outras meninas olhando para mim. Foi então que o sorriso de Cory meio que sumiu e ele disse:

— Desculpa. Quer Coca?

Balancei a cabeça, ele deu de ombros e voltou para a piscina. Olhei à minha volta e vi Katie e Evelyn com aquelas caras de *qual-é-o-problema-dela* e fiquei sem graça. Ser cruel com Cory era como ser cruel com um filhotinho de pastor alemão. Não fazia o menor

sentido. Tarde demais, tentei atrair a atenção dele, mas ele não olhou para mim.

— Era só uma brincadeira, Belly — disse Taylor em voz baixa.

Voltei a me deitar na toalha, desta vez de barriga para cima. Respirei fundo e soltei o ar, bem devagar. A música que saía das caixas de som conectadas ao Pod de Marcy estava me deixando com dor de cabeça. Estava alta demais. E, de fato, eu *estava* com sede. Devia ter aceitado a Coca que Cory me ofereceu.

Taylor se inclinou e levantou meus óculos de sol para poder ver meus olhos. Ela me encarou e perguntou:

— Está irritada?

— Não. Só está quente demais aqui.

Sequei o suor da testa com a parte de trás do braço.

— Não fique brava. Cory não consegue evitar agir como um idiota quando está ao seu lado. Ele gosta de você.

— Cory não gosta de mim — retruquei, desviando o olhar.

Mas de certa forma ele gostava, e eu sabia disso. Só queria que não fosse verdade.

— Seja como for, ele está super a fim de você. Ainda acho que devia dar uma chance a ele. Isso vai te fazer parar de pensar em você-sabe-quem.

Virei o rosto para o outro lado e ela continuou:

— Que tal se eu fizer uma trança embutida no seu cabelo para a festa dessa noite? Posso fazer a parte da frente e prender para o lado como fiz da última vez.

— Tudo bem.

— O que você vai usar?

— Não sei ainda.

— Bem, você tem que ir bonita porque vai estar todo mundo lá — disse Taylor. — Vou chegar aqui mais cedo e podemos nos arrumar juntas.

Justin Ettlbrick dava as melhores festas de aniversário todo primeiro dia de julho desde a oitava série. Em julho, eu já estava em Cousins Beach, e casa, colégio e colegas da escola estavam a milhões de quilômetros de distância. Nunca me importei em perder essas coisas, nem quando Taylor me contou sobre a máquina de

algodão doce que os pais dele alugaram uma vez ou os extravagantes fogos de artifício que foram soltos sobre o lago à meia-noite.

Esse era o primeiro verão que eu estaria presente para a festa de Justin e também o primeiro que eu não voltaria para Cousins. E com isso me importava. Isso, eu lamentava. Achei que iria para lá em todos os verões da minha vida. Aquela casa de veraneio era o único lugar onde eu queria estar. Era o único lugar onde sempre quis estar.

— Você ainda vai, não é? — perguntou Taylor.

— Sim, eu disse que ia.

Ela torceu o nariz.

— Eu sei, mas — a voz de Taylor vacilou. — Deixa para lá.

Sabia que Taylor esperava que as coisas voltassem ao normal, fossem como antes. Mas elas nunca seriam como antes. Eu nunca seria como antes.

Eu costumava acreditar. Costumava achar que se desejasse com muita força, com muita vontade, tudo terminaria bem. Destino, como Susannah dizia. Eu pedia por Conrad em todos os aniversários, a todas as estrelas cadentes, todo cílio caído, toda moeda jogada numa fonte era dedicada àquele que eu amava. Achei que seria sempre assim.

Taylor queria que eu esquecesse Conrad, simplesmente o apagasse da minha memória. Ela não parava de dizer coisas como: *Todo mundo precisa superar um primeiro amor, é um rito de passagem*. Mas Conrad não era apenas o meu primeiro amor. Não era um rito de passagem. Era muito mais que isso. Ele, Jeremiah e Susannah eram minha família. Na minha lembrança, os três sempre estariam entrelaçados, eternamente conectados. Um não poderia existir sem os outros.

Se eu esquecesse Conrad, se eu o expulsasse do meu coração, fingisse que nunca esteve aqui, seria como se fizesse o mesmo à Susannah. E isso eu não podia fazer.



Capítulo dois

Aquela costumava ser a semana de junho quando éramos liberados da escola, enchíamos o carro de bagagem e íamos direto para Cousins. Na véspera, minha mãe ia até Costco e comprava jarras de suco de maçã e caixas de tamanho econômico de barrinhas de granola, filtro solar e cereais integrais. Quando eu implorava por cereais como *Lucky Charms* ou *Cap'n Crunch*, minha mãe dizia:

— Beck levará muitos cereais que irão apodrecer seus dentes, não se preocupe.

Claro que ela estava certa. Susannah, Beck para minha mãe, amava cereais de crianças, assim como eu. Experimentávamos uma variedades deles na casa de verão. Nem tínhamos tempo de enjoar. Houve uma temporada em que os meninos comiam cereal no café da manhã, almoço e jantar. Meu irmão, Steven, optava pelo *Frosted Flakes*, Jeremiah pelo *Cap'n Crunch* e Conrad pelo *Corn Pops*. Jeremiah e Conrad eram os meninos de Beck, e eles amavam cereal. E eu comia qualquer um que sobrasse e fosse coberto de açúcar.

Eu ia para Cousins desde pequena. Não perdíamos um verão sequer, nunca. Eram quase dezessete anos tentando me aproximar dos garotos, esperando e desejando que algum dia eu tivesse idade suficiente para fazer parte da turma. A turma de verão dos meninos. E agora que tinha finalmente conseguido era tarde demais. Na piscina, na última noite do último verão, dissemos que sempre

voltaríamos. É assustador ver como as promessas se quebraram com tanta facilidade. Num piscar de olhos.

Quando cheguei em casa no último verão, esperei. Agosto virou setembro, as aulas começaram, e continuei esperando. Não que eu e Conrad tivéssemos feito declarações. Não que ele fosse meu namorado. Só nos beijamos. Ele estava indo para a faculdade, onde haveria milhares de outras garotas. Garotas que não tinham toque de recolher, garotas pelos corredores, mais espertas e mais bonitas do que eu, todas cheias de mistério novinhas em folha, de um jeito que eu nunca poderia ser.

Pensava nele constantemente... no que tudo aquilo significava, o que éramos um para o outro agora. Porque não podíamos voltar atrás. Eu sabia que *eu* não podia. O que aconteceu entre nós... entre mim e Conrad, entre mim e Jeremiah... mudou tudo. E então, quando agosto e setembro começaram e ainda assim o telefone não tocou, tudo que me restava era lembrar a forma como ele me olhou naquela última noite e com isso saber que ainda havia esperança. Sabia que não tinha imaginado tudo aquilo. Não era possível.

Segundo minha mãe, Conrad estava enfurnado no alongamento, que dividia com um colega irritante de Nova Jersey, e Susannah estava preocupada por ele não estar comendo direito. Minha mãe me contava essas coisas casualmente, de um jeito espontâneo, para não ferir meu orgulho. Nunca a pressionei para que me desse mais informações. A questão é que eu sabia que ele ligaria. Tinha *certeza*. Tudo que precisava fazer era esperar.

A ligação veio na segunda semana de setembro, três semanas depois desde a última vez que nos vimos. Estava tomando sorvete de morango na sala, e Steven e eu brigávamos por causa do controle remoto. Era segunda à noite, nove em ponto, hora de assistir ao horário nobre. O telefone tocou, e nenhum dos dois se moveu para atendê-lo. Quem se levantasse perderia a batalha pela TV.

Minha mãe atendeu no escritório. Trouxe o telefone para a sala e disse:

— Belly, é para você. É o Conrad. — E deu uma piscadela.

Tudo em mim ficou alvoroçado. Podia até escutar o oceano dentro dos ouvidos. A fúria, o rugido nos tímpanos. Era como se eu tivesse ficado entorpecida. Uma sensação única. Tinha esperado, e esta era minha recompensa! Estar certa, ser paciente, nunca foi tão bom.

Foi Steven quem me tirou do transe. Franzindo a testa, disse:

— Por que Conrad está ligando para *you*?

Ignorei-o e peguei o telefone da mão da minha mãe. Eu me afastei de Steven, do controle remoto, do sorvete derretendo em minha taça. Nada disso importava.

Fiz Conrad esperar e não disse nada até chegar na escada. Eu me sentei nos degraus e falei:

— Oi.

Tentei não sorrir. Sabia que ele ouviria do outro lado do telefone se eu o fizesse.

— Oi — respondeu ele. — Como vão as coisas?

— Tudo indo.

— Nem te conto — continuou ele. — Meu colega de quarto consegue roncar mais alto que você.

Ele ligou de novo na noite seguinte, e na outra. Ficávamos conversando por horas. Quando o telefone tocava e a ligação era para mim e não para Steven, meu irmão ficava confuso.

— Por que Conrad não para de ligar para você? — reclamava.

— O que você acha? Ele gosta de mim. Gostamos um do outro.

Steven quase engasgou.

— Ele enlouqueceu — disse, balançando a cabeça.

— É assim tão impossível Conrad Fisher gostar de mim? — perguntei, cruzando os braços desafiadoramente.

Ele nem teve que pensar na resposta.

— Sim. É tão impossível assim.

E, honestamente, era mesmo.

Parecia um sonho. Irreal. Depois de tanto ansiar, esperar e desejar, anos e anos a fio, verões inteiros valerem a pena, porque *ele* estava *me* ligando. Ele gostava de conversar comigo. Eu o fazia rir mesmo quando ele não queria. Eu entendia o que ele estava passando, porque de certa forma também estava passando pela

mesma coisa. Poucas pessoas no mundo amavam Susannah do mesmo jeito que nós. Eu achava que isso seria suficiente.

Nos tornamos alguma coisa. Alguma coisa que nunca ficou muito bem definida, mas era alguma coisa. Alguma coisa mesmo.

De vez em quando, ele dirigia por três horas e meia da faculdade até minha casa. Certa vez, dormiu aqui porque ficou tão tarde que minha mãe não quis deixá-lo voltar dirigindo. Conrad ficou no quarto de hóspedes, e eu acordada na minha cama por horas, pensando em como ele estava dormindo a apenas alguns metros de distância, na *minha* casa, enquanto podia estar em qualquer outro lugar.

Se Steven não tivesse nos rodeado a noite toda como um inseto, sei que Conrad teria pelo menos tentado me beijar. Mas com meu irmão por perto foi praticamente impossível. Se Conrad e eu estivéssemos assistindo a TV, Steven se esparramaria no sofá entre nós dois. Puxaria conversa com Conrad sobre coisas que não conheço ou para as quais não dou a mínima, tipo futebol americano. Uma vez, depois do jantar, perguntei a Conrad se ele queria tomar um sorvete na Brusters, e Steven se meteu na conversa:

— Por mim, tudo bem.

Olhei pra ele de cara feia, mas ele só abriu um sorriso forçado. Em seguida, Conrad segurou minha mão, bem na frente de Steven, e disse:

— Vamos todos juntos.

E fomos, minha mãe também. Eu não podia acreditar que estava saindo com um cara levando minha mãe e meu irmão no banco de trás.

Mas, na verdade, tudo isso só fez com que aquela noite magnífica de dezembro ficasse ainda mais incrível. Conrad e eu voltamos para Cousins, só nós dois. Noites perfeitas acontecem tão raramente, mas aquela foi. Perfeita, quero dizer. O tipo de noite pelo qual vale a pena esperar.

Fico feliz por ela ter acontecido.

Porque em maio estaria tudo acabado.



Capítulo três

Saí cedo da casa de Marcy. Disse a Taylor que era para descansar para a festa de Justin naquela noite. De certa forma era verdade. Queria descansar, mas não estava nem aí para a festa. Assim que cheguei em casa, vesti uma camiseta de malha de Cousins, enchi uma garrafa d'água com refrigerante de uva e gelo picado, e assisti a TV até a cabeça doer.

O silêncio reinava alegre e pacificamente. Apenas os sons da TV e o ar-condicionado armando e desarmando. Tinha a casa só para mim. Steven estava com um emprego temporário na Best Buy. Queria economizar para comprar uma tela plana de 50 polegadas que levaria para a faculdade quando as férias acabassem. Minha mãe estava em casa, mas passava o dia inteiro trancada no escritório, colocando o trabalho em dia, segundo ela.

Eu entendia. Se eu fosse ela, também iria querer ficar sozinha.

Taylor chegou por volta das seis, equipada com sua bolsa de maquiagem rosa choque da Victoria's Secret. Ela entrou na sala de estar e me viu deitada no sofá com a blusa de Cousins e fechou a cara.

— Belly, você ainda nem tomou banho?

— Tomei hoje de manhã — respondi, sem me levantar.

— É, e ficou deitada tomando sol o dia todo. — Taylor segurou meu braço e deixei que ela me colocasse na posição vertical. —

Anda logo e vai pro banho.

Eu a segui escada acima e ela entrou no meu quarto enquanto me dirigi ao banheiro do corredor. Foi o banho mais rápido da minha vida. Sempre que ficava sozinha, Taylor bisbilhotava tudo e remexia meu quarto como se fosse dela.

Quando saí do banho, Taylor estava sentada no chão do meu quarto em frente ao meu espelho. Ela bruscamente passou uma base com efeito bronzeador nas bochechas.

— Quer que eu faça sua maquiagem também?

— Não, obrigada. Feche os olhos enquanto eu me visto, tá?

Ela revirou os olhos e depois os fechou.

Belly, você é tão puritana.

— Não me importo em ser — retruquei, vestindo a calcinha e o sutiã. Depois voltei a colocar a blusa de Cousins. — Pronto, pode olhar.

Taylor arregalou os olhos e passou o rímel.

— Eu podia fazer suas unhas — ofereceu. — Comprei três cores novas.

— Nah, não tem por quê. — Levantei as mãos. Minhas unhas estavam roídas até o sabugo.

Taylor fez uma careta.

— Bem, o que vai usar?

— Isso — respondi, escondendo o sorriso e apontando para a blusa de Cousins.

Já a tinha usado tantas vezes que ela acabou com furinhos na gola e ficou macia como um cobertor antigo. Queria poder usá-la na festa.

— Muito engraçado — comentou minha amiga, seguindo de joelhos em direção ao meu guarda-roupa. Ela ficou de pé e começou a vasculhar, empurrando cabides para o lado, como se já não soubesse de cor e salteado cada peça de roupa que tenho. Normalmente não me importava, mas hoje tudo estava me deixando incomodada e irritada.

— Não se preocupe com isso. Vou usar meu short desfiado e uma camiseta sem manga.

— Belly, as pessoas vão realmente arrumadas para as festas do Justin. Como você nunca foi, não tem como saber, mas não dá pra simplesmente usar seu short velho.

Taylor pegou meu vestido branco de alcinha. Eu o usara pela última vez no verão passado naquela festa com Cam. Susannah havia dito que o vestido me realçava, como um quadro emoldurado.

Eu me levantei, tirei o vestido da mão de Taylor e coloquei-o de volta no guarda-roupa.

— Esse está manchado — comentei. — Vou escolher outra coisa.

Taylor sentou-se em frente ao espelho e disse:

— Bem, então use aquele preto com florzinhas. Seus peitos ficam maravilhosos nele.

— É desconfortável, fica apertado demais — aleguei.

— Fica bonita, pode ser?

Suspirando, tirei-o do cabide e o vesti. Às vezes era mais fácil simplesmente se render a Taylor. Éramos amigas, melhores amigas, desde a infância. Éramos melhores amigas há tanto tempo que parecia mais um hábito, o tipo de coisa que não precisava mais ser dita.

— Viu, ficou gostosa. — Ela se aproximou e fechou o zíper. — Agora vamos conversar sobre nosso plano de ação.

— Que plano de ação?

— Acho que podia rolar alguma coisa entre você e Cory Wheeler lá na festa.

— Taylor...

Ela ergueu a mão:

— Só me ouve. Cory é superlegal e superbonitinho. Se malhasse e ficasse um pouco definido, ele poderia ser, tipo, um daqueles modelos gostosos da Abercrombie.

— Por favor — falei, dando uma risadinha debochada.

— Bem, ele pelo menos é tão bonito quanto aquele-com-C.

Ela não o chamava mais pelo nome. Agora ele era apenas “você-sabe-quem” ou “aquele-com-C”.

— Taylor, para de me pressionar. Não posso esquecê-lo simplesmente porque você quer.

— Não pode nem ao menos tentar? — perguntou em tom bajulador. — Cory podia ser sua volta por cima. Ele não se importaria.

— Se você mencionar Cory mais uma vez, não vou à festa — ameacei, falando sério.

Na verdade, eu de certa forma queria que ela falasse dele novamente para ter uma desculpa para não ir.

Os olhos dela se arregalaram.

— Tudo bem, tudo bem. Desculpa. Meus lábios estão selados.

Então pegou a bolsa de maquiagem e se sentou na beirada da cama; eu me sentei aos seus pés. Ela pegou o pente e repartiu meu cabelo. Taylor trançava depressa, com dedos rápidos e firmes, e quando acabou, prendeu a trança no alto da minha cabeça para o lado. Não falamos nada durante o processo, até que ela comentou:

— Adoro seu cabelo assim. Você fica parecendo uma índia, como uma princesa Cherokee ou algo assim.

Comecei a rir, mas me contive logo em seguida. Taylor olhou nos meus olhos através do espelho e disse:

— Você pode rir, sabia? Pode se divertir.

— Eu sei — menti.

Antes de sairmos, parei no escritório da minha mãe. Ela estava sentada à mesa com pastas e pilhas de papel. Susannah a nomeara sua testamenteira, e havia muita burocracia envolvida, supus. Minha mãe estava sempre ao telefone com o advogado de Susannah, repassando as coisas. Ela queria que estivesse tudo perfeito, os últimos desejos de Beck.

Susannah tinha deixado uma quantia em dinheiro para a nossa faculdade, minha e de Steven. Ela também me deixou algumas joias. Um bracelete de safira que eu não conseguia me imaginar usando. Um colar de diamantes para o dia do meu casamento... Ela especificou isso por escrito. Um conjunto de brincos e anel de opala. Meus preferidos.

— Mãe?

Ela ergueu os olhos para mim.

— Sim?

— Você jantou? — Eu sabia que não. Ela não saía do escritório desde que tinha chegado em casa.

— Não estou com fome. Se não tiver comida na geladeira, pode pedir uma pizza se quiser.

— Posso preparar um sanduíche para você — ofereci.

Eu tinha feito algumas compras no início daquela semana. Steven e eu estávamos nos revezando nessa tarefa. Duvido que ela ao menos soubesse que estávamos no final de semana de 4 de julho.

— Não, não precisa. Mais tarde eu desço e preparo alguma coisa para mim.

— OK — hesitei. — Taylor e eu estamos indo a uma festa. Não vou chegar em casa muito tarde.

Parte de mim queria que ela dissesse para eu ficar. Parte de mim queria se oferecer para ficar e fazer companhia a ela, assistir a alguma coisa no Turner Classic Movies e fazer pipoca.

Ela já tinha voltado para a papelada. Estava mordendo a tampa da caneta esferográfica.

— Que ótimo — comentou. — Juízo.

Fechei a porta.

Taylor estava me esperando na cozinha, digitando uma mensagem no celular.

— Vamos logo.

— Espera, só preciso fazer mais uma coisa.

Fui até a geladeira e peguei itens para preparar um sanduíche de peru. Mostarda, queijo, pão de forma.

— Belly, vai ter comida na festa. Não vai comer agora, né.

— É para minha mãe — expliquei.

Fiz o sanduíche, coloquei num prato, cobri com filme plástico e deixei sobre o balcão da cozinha onde ela o veria.

A festa de Justin era tudo o que Taylor disse que seria. Metade da nossa turma estava lá, e nem sinal dos pais dele. Havia tochas Tiki alinhadas no jardim, e as caixas de som praticamente vibravam com a música muito alta. As meninas já estavam dançando.

Havia um grande barril e um cooler vermelho enorme. Justin estava na churrasqueira, virando bifés e linguiças. Usava um avental

que dizia “Beije o Chef”.

— Como se alguém fosse querer ficar com ele — resmungou Taylor.

Taylor tinha dado em cima de Justin no início do ano antes de começar a namorar o Davis. Ela e Justin tinham saído algumas vezes antes dele dar um fora nela para ficar com uma veterana.

Havia me esquecido de passar repelente, e os mosquitos estavam me jantando. Não parava de me abaixar para coçar a perna e fiquei feliz por isso. Feliz por ter alguma coisa para fazer. Estava com medo de acidentalmente fazer contato visual com Cory. Ele estava de bobeira perto da piscina.

As pessoas estavam bebendo cerveja em copos plásticos vermelhos. Taylor pegou batidas para nós duas. A minha era de pêsego com suco de laranja. Parecia xarope e tinha um gosto artificial. Tomei dois goles antes de jogá-la fora.

Logo depois Taylor avistou Davis perto da mesa de beer pong. Ela colocou o dedo na frente dos lábios e segurou minha mão. Caminhamos por trás dele e Taylor deslizou as mãos, abraçando-o pelas costas.

— Te peguei! — exclamou ela.

Os dois se beijaram como se não tivessem se visto há poucas horas. Fiquei ali parada por um tempo, segurando a bolsa, meio sem jeito, olhando para todos os lugares menos para eles. Na verdade, o nome dele era Ben Davis, mas todo mundo o chamava só de Davis. Ele era muito bonitinho, tinha covinhas e olhos verdes como mar. E era baixo, o que no início Taylor dizia ser um empecilho, mas algo que agora ela alegava não se importar tanto. Eu odiava ir para a escola de carro com os dois porque eles ficavam de mãos dadas o tempo todo enquanto eu sentava no banco de trás como uma criança. Terminavam pelo menos uma vez por mês e só estavam namorando desde abril. Numa das vezes que terminaram, ele ligou para Taylor, chorando, pedindo pra voltar, e ela o colocou no viva-voz. Eu me senti culpada por ouvir, mas ao mesmo tempo senti inveja e fiquei meio impressionada por ele se importar tanto a ponto de chorar.

— Pete está indo mijar — disse Davis, passando o braço ao redor da cintura de Taylor. — Vai ficar e ser minha parceira até ele voltar?

Ela olhou para mim e fez que não com a cabeça. Desvencilhou-se dele e disse:

— Não posso abandonar Belly.

Lancei-lhe um olhar.

—Taylor, não precisa tomar conta de mim como se fosse minha babá. Você devia jogar.

— Tem certeza?

— Claro que tenho.

Comecei a me afastar antes que ela discutisse comigo. Disse oi para Marcy, Frankie, com quem eu costumava ir de ônibus para a escola, Alice, minha melhor amiga no jardim da infância, e Simon, com quem apareci no anuário. Conhecia a maioria deles a vida inteira e ainda assim nunca senti tanta saudade de Cousins.

De rabo de olho, vi Taylor conversando com Cory, e fugi dali antes que ela pudesse me chamar. Peguei um refrigerante e segui em direção ao trampolim. Não havia ninguém ali; então tirei as sandálias de dedo e subi. Deitei bem no meio, tendo o cuidado de segurar a saia perto do corpo. No céu, as estrelas eram como pequenos diamantes brilhando. Tomei um gole da Coca, arrotei algumas vezes, olhei ao redor para ver se alguém tinha escutado. Mas não, todos estavam mais para perto da casa. Então tentei contar as estrelas, o que é quase tão bobo quanto contar grãos de areia, mas acabei fazendo assim mesmo por ser alguma coisa com a qual eu podia me ocupar. Fiquei imaginando quando conseguiria sair à francesa e voltar para casa. Tínhamos ido no meu carro, e Taylor poderia ir embora de carona com Davis. Fiquei me perguntando se pegaria muito mal eu embrulhar alguns cachorros-quentes e levá-los comigo para comer mais tarde.

Fazia pelo menos duas horas que eu não pensava em Susannah. Talvez Taylor estivesse certa, talvez aqui fosse o lugar onde eu tivesse que estar. Se continuasse desejando Cousins, se continuasse olhando para o passado, estaria condenada para sempre.

Enquanto divagava sobre isso, Cory Wheeler subiu no trampolim e caminhou até o meio, onde eu estava. Ele se deitou ao meu lado e

disse:

— Oi, Conklin.

Desde quando eu e Cory tínhamos intimidade para nos tratarmos pelo sobrenome? Desde nunca.

— Oi, Wheeler — acabei respondendo.

Tentei não olhar para ele. Tentei me concentrar na contagem de estrelas e não na proximidade de nossos corpos.

Cory se apoiou num dos cotovelos e perguntou:

— Se divertindo?

— Claro.

Meu estômago começou a doer. Fugir de Cory estava me dando uma úlcera.

— Já viu alguma estrela cadente?

— Ainda não.

Cory cheirava a perfume, cerveja e suor, e por mais estranho que pareça não era uma combinação ruim. Os grilos cricrilavam tão alto que a festa parecia muito distante.

— Então, Conklin.

— Diga?

— Continua saindo com aquele cara que você trouxe na formatura? Aquele da monocelha?

Sorri. Não pude evitar.

— Conrad não tem monocelha. E não. Nós, hum, terminamos.

— Legal — disse ele, e a palavra ficou suspensa no ar.

Esse era um daqueles momentos onde nos vemos diante de uma encruzilhada. A noite podia ter dois destinos. Se me inclinasse um pouco para a esquerda, podia beijá-lo. Podia fechar meus olhos e me perder em Cory Wheeler, como também tentar esquecer. Fingir.

Mas mesmo que Cory fosse bonitinho, gente boa, ele não era Conrad. Não chegava nem perto. Cory era simples, como um corte de cabelo militar, todas as linhas harmonizadas e tudo indo na mesma direção. Conrad, não. Conrad era capaz de me virar do avesso com um olhar, um sorriso.

Cory estendeu a mão e deu um tapinha no meu braço de um jeito brincalhão.

— Então, Conklin... talvez a gente pudesse...

Eu me sentei. Falei a primeira coisa que passou pela minha cabeça.

— Nossa, preciso fazer xixi. Nos vemos mais tarde, Cory!

Arrastei-me para fora do trampolim o mais rápido que pude, encontrei minhas sandálias e voltei para a casa. Avistei Taylor perto da piscina e fui direto até ela.

— Preciso falar com você — sibilei.

Segurei a mão dela e a puxei para perto da mesa de petiscos.

— Tipo, cinco segundos atrás, Cory Wheeler quase pediu pra ficar comigo.

— E? O que você disse?

Os olhos de Taylor brilhavam, e eu odiava aquele ar presunçoso, como se tudo estivesse correndo como planejado.

— Disse que precisava fazer xixi — contei.

— Belly! Trate de voltar agora mesmo para aquele trampolim e ficar com ele!

— Taylor, quer parar? Eu te disse que não estava interessada no Cory. Eu vi vocês conversando mais cedo. Você fez com que ele viesse falar comigo?

Ela deu de ombros levemente.

— Bem... ele está a fim de você desde o início do ano e tem se esforçado para te convidar para sair. Posso ter dado um *gentil* empurrãozinho na direção certa. Vocês estavam tão bonitinhos juntos em cima do trampolim.

Balancei a cabeça.

— Queria muito que você não tivesse feito isso.

— Só estava tentando fazer você se desligar um pouco das coisas!

— Bem, não preciso que faça isso — disse.

— Precisa sim.

Nos encaramos por um minuto. Às vezes, em ocasiões como essa, eu queria voar no pescoço dela. Taylor era sempre tão mandona. Estava ficando bem cansada de tê-la por perto me dizendo que caminho tomar, me vestindo como se eu fosse uma de suas bonecas velhas, menos sortudas. Sempre foi assim entre nós.

Mas a questão era que eu finalmente tinha uma desculpa real para ir embora, e estava aliviada.

- Acho que vou para casa — falei.
- Como assim? Acabamos de chegar.
- Só não estou no clima para ficar aqui, OK?

Acho que Taylor também estava ficando de saco cheio de mim, porque disse:

— Isso está começando a ficar batido, Belly. Você perambulando apática há meses. Isso não é saudável... Minha mãe acha que você devia se consultar com alguém.

— O quê? Você tem falado com sua mãe sobre mim? — perguntei, encarando-a. — Diga a sua mãe para guardar os conselhos psiquiátricos dela para Ellen.

Taylor perdeu o ar.

— Não acredito que acabou de me dizer isso.

Segundo a mãe de Taylor, a gata delas, Ellen, sofria de desordem afetiva sazonal. Era tratada à base de antidepressivos durante todo o inverno, e, quando continuava mal-humorada na primavera, elas a mandavam para um adestrador de gatos. O que não ajudava em nada. Na minha opinião, Ellen era simplesmente má.

Respirei fundo.

— Ouço você choramingar por causa da Ellen há meses, e aí Susannah morre e você só quer que eu fique com Cory, jogue beer pong e a esqueça? Bem, me desculpe, mas não posso.

Taylor deu uma rápida olhada ao redor antes de se inclinar e dizer:

— Não aja como se Susannah fosse a única coisa que está te deixando triste, Belly. Você também está mal por causa de Conrad, sabe disso.

Não podia acreditar que Taylor tinha dito aquilo para mim. Doeu. Doeu porque era verdade. Mas ainda assim era golpe baixo. Meu pai costumava chamar Taylor de indomável. Ela era mesmo. Bem ou mal, Taylor Jewel era uma parte de mim, e eu era uma parte dela.

— Nem todos podemos ser iguais a você, Taylor — disse, não muito despretensiosa.

— Você pode tentar — sugeriu ela, com um risinho. — Olha, sinto muito pelo lance com o Cory. Só quero que seja feliz.

— Eu sei.

Deixei que ela colocasse o braço ao meu redor.

— Será um verão incrível, você vai ver.

— Incrível — repeti.

Não estava esperando nada incrível. Só queria sobreviver. Seguir em frente. Se conseguisse passar por esse verão, o próximo seria mais fácil. Teria que ser.

Acabei ficando mais um pouco. Me sentei na varanda com Davis e Taylor e assisti ao Cory flertar com uma garota do segundo ano. Comi um cachorro-quente. Depois fui para casa.

Chegando lá, o sanduíche continuava sobre o balcão, ainda embrulhado no plástico. Coloquei-o no geladeira e subi. A luz do quarto da minha mãe estava acesa, mas não entrei para dizer boa noite. Fui direto para o meu quarto, vesti o blusão de Cousins de novo, desfiz a trança, escovei os dentes e lavei o rosto. Em seguida, entrei debaixo das cobertas e deitei, pensando: *Então é assim que a vida é agora. Sem Susannah, sem os meninos.*

Dois meses haviam se passado. Sobrevivi a junho. Pensei comigo mesma: *Posso fazer isso. Posso ir ao cinema com Taylor e Davis, posso nadar na piscina da Marcy, talvez até possa sair com Cory Wheeler. Tudo bem se eu fizer essas coisas. Talvez me permitir esquecer como tudo costumava ser bom tornará as coisas mais fáceis.*

Mas naquela noite sonhei com Susannah e com a casa de verão, e mesmo no sonho eu sabia exatamente como tudo costumava ser bom. Como era certo. E não importa o que você faz ou o quanto você tenta, não se pode evitar um sonho.



Capítulo quatro

JEREMIAH

Ver o próprio pai chorar realmente mexe com a sua cabeça. Talvez não seja com todo mundo. Talvez algumas pessoas tenham pais que não se importem em chorar e que lidem bem com suas emoções. Mas meu pai não. Ele não é de chorar, e com certeza também nunca nos encorajou a fazê-lo. Mas no hospital, e depois na capela funerária, ele chorou como uma criancinha perdida.

Minha mãe morreu no início da manhã. Tudo aconteceu tão rápido, levei um certo tempo para me recuperar e perceber o que estava acontecendo de verdade. A ficha não caiu imediatamente. Porém, mais tarde naquela noite, a primeira que passamos sem ela, éramos só eu e Conrad em casa. A primeira vez que ficávamos sozinhos há dias.

A casa estava tão silenciosa. Nosso pai estava na capela com Laurel. Os parentes, num hotel. Éramos só eu e Con. Durante todo o dia, as pessoas entraram e saíram da casa, e agora éramos só nós.

Estávamos sentados à mesa da cozinha. As pessoas enviaram todo tipo de coisa. Cestas de frutas, bandejas com sanduíches, bolo de café. Uma lata grande de biscoitos amanteigados de Costco.

Arranquei um pedaço do bolo de café e enfiei-o na boca. Estava seco. Arranquei mais um e também o comi.

— Quer um pouco? — perguntei a Conrad.

— Nah...

Meu irmão estava bebendo leite. Fiquei pensando se aquele leite não estava velho. Não conseguia me lembrar da última vez que alguém fez compras.

— O que vai acontecer amanhã? — perguntei. — Todos vão vir para cá?

Conrad deu de ombros:

— Provavelmente — respondeu ele, com um bigode de leite.

Foi tudo o que dissemos um ao outro. Ele subiu as escadas e foi para o quarto, eu arrumei a cozinha. Depois fiquei cansado e também subi. Pensei em ir até o quarto de Conrad, porque, mesmo que não disséssemos nada, era melhor quando estávamos juntos, menos solitário. Parei no corredor por um segundo, pronto para bater na porta, e o ouvi chorando. Soluços sufocados. Não entrei. Deixei-o sozinho. Sabia que era assim que ele queria. Fui para o meu quarto e me deitei. Também chorei.



Capítulo cinco

Usei meus óculos velhos no enterro, aqueles com a armação de plástico vermelha. Era como colocar um casaco antigo muito apertado. Eles me deixavam tonta, mas não ligava. Susannah sempre gostou de me ver com aqueles óculos. Dizia que eu parecia a menina mais esperta do recinto, o tipo de garota que estava indo a algum lugar e sabia exatamente como chegar lá. Prendi parte do cabelo para trás, porque era assim que ela gostava. Porque deixava meu rosto à mostra.

Parecia ser a coisa certa, aparecer do jeito que ela mais gostava de me ver. Mesmo sabendo que ela só dizia aquelas coisas para me fazer sentir melhor, elas ainda soavam verdadeiras. Eu acreditava em tudo o que Susannah dizia. Acreditava até quando falava que nunca iria partir. Acho que todos nós acreditávamos, até minha mãe. Todos fomos pegos de surpresa quando aconteceu, e mesmo quando se tornou inevitável, um fato, nunca chegamos a acreditar realmente. Parecia impossível. Não a nossa Susannah, não a Beck. A gente sempre ouve histórias de pessoas melhorando, indo contra todas as probabilidades. Eu tinha certeza de que ela seria um desses casos. Mesmo que fosse uma chance em um milhão. Ela era uma em um milhão.

As coisas pioraram rápido. Pioraram tanto que minha mãe passou a viajar para a casa de Susannah em Boston. No início, um fim de

semana sim, outro não, e depois com mais frequência. Ela teve que tirar licença do trabalho. Tinha até um quarto dela na casa de Susannah.

A ligação veio no início da manhã. Ainda estava escuro. Eram más notícias, é claro. Notícias desse tipo são as únicas que não podem esperar. Assim que ouvi o telefone tocar, mesmo dormindo, eu sabia. Susannah tinha partido. Fiquei ali deitada, esperando minha mãe vir me contar. Podia ouvi-la se movimentando em seu quarto, escutei o barulho do chuveiro.

Quando ela não apareceu, fui até lá. Estava arrumando a mala, o cabelo ainda molhado. Olhou para mim, os olhos cansados e vazios, e disse:

— Beck se foi. — E nada mais.

Pude sentir minhas entranhas se encolherem. Meus joelhos também. Sentei no chão, encostada na parede, precisando que ela me sustentasse. Achei que sabia como era a dor de um coração partido. Achei que eu, sozinha na formatura, estava de coração partido. Aquilo não foi nada. Isso sim é um coração partido. A agonia no peito, a dor no fundo dos olhos. A consciência de que as coisas nunca mais serão como antes. Tudo é relativo, suponho. Você acha que sabe o que é o amor, você acha que sabe o que é dor de verdade, mas não sabe. A gente não sabe nada.

Não sei ao certo quando comecei a chorar. Assim que comecei, não pude mais parar. Não conseguia respirar.

Minha mãe atravessou o quarto e se ajoelhou perto de mim, me abraçando, me balançando para a frente e para trás. Mas não chorou. Ela nem estava ali. Era uma moldura inabalável, um porto vazio.

Minha mãe foi dirigindo para Boston no mesmo dia. Só tinha ido em casa para ver se eu estava bem e pegar uma muda de roupa. Achou que teria mais tempo. Ela deveria ter estado lá quando Susannah morreu. Pelos meninos, pelo menos. Tinha certeza de que ela estava pensando a mesma coisa.

Com seu melhor tom de professora, ela explicou para Steven e para mim que seguiríamos viagem sozinhos em dois dias, no dia do

enterro. Não queria que atrapalhássemos os preparativos do funeral... Havia muito a se fazer. Arestas a serem aparadas.

Minha mãe foi nomeada executora do testamento, e claro que Susannah sabia exatamente o que estava fazendo quando a escolheu. A verdade é que não havia ninguém melhor para fazer o serviço, já que elas analisaram as coisas antes mesmo de Susannah morrer. Mas, além disso, minha mãe dava o melhor de si quando estava encarregada de coisas. Ela não perdeu o controle, nem quando precisava. Não, minha mãe encarou a situação de frente. Queria ter herdado esse gene. Porque fiquei perdida. Simplesmente não sabia o que fazer.

Pensei em ligar para Conrad. Cheguei a discar o número algumas vezes. Mas não podia. Não sabia o que falar. Estava com medo de dizer as coisas erradas, de piorar tudo. Então pensei em ligar para Jeremiah. Mas foi o medo que me impediu. Sabia que no momento que ligasse, no momento que dissesse em voz alta, aquilo se tornaria real. Ela realmente teria partido.

Na viagem de ida, passamos a maior parte do tempo em silêncio. O único terno de Steven, que ele só usou na formatura, estava embrulhado num plástico e pendurado no banco de trás. Nem me incomodei em pendurar meu vestido.

— O que diremos a eles? — perguntei finalmente.

— Não sei — admitiu ele. — O único funeral de que participei foi o da tia Shirle, e ela era bem velhinha.

Eu era muito nova na época para me lembrar daquele enterro.

— Onde vamos ficar hoje? Na casa de Susannah?

— Não faço ideia.

— Como você acha que o Sr. Fisher está lidando com isso? — Não conseguia pensar em Conrad e Jeremiah, ainda não.

— Uísque. — Foi a resposta de Steven.

Depois disso, parei de fazer perguntas.

Trocamos de roupa em um posto de gasolina a 48 quilômetros da capela. Assim que vi como o terno de Steven estava bem passado, me arrependi por não ter pendurado meu vestido. De volta ao carro,

eu continuava alisando a saia com as mãos, mas não estava ajudando muito. Minha mãe havia me dito que não fazia sentido usar seda artificial... devia tê-la escutado. Também devia ter experimentado o vestido antes de colocá-lo na mala. A última vez que usei essa roupa fora numa recepção na universidade da minha mãe há três anos, e agora ele estava curto demais.

Chegamos lá cedo, o suficiente para encontrar minha mãe andando de um lado para o outro, arrumando flores e conversando com o Sr. Browne, o agente funerário. Assim que me viu, ela franziu a testa:

— Você devia ter passado esse vestido, Belly.

Mordi o lábio inferior para não dizer alguma coisa da qual sabia que me arrependeria depois.

— Não deu tempo — expliquei, embora não fosse verdade. Tive muito tempo. Puxei a saia para baixo para que não parecesse tão curta.

Ela fez um gesto discreto.

— Vocês podem ficar com os meninos? Belly, converse com Conrad.

Steven e eu nos entreolhamos. O que iria dizer? Já fazia um mês desde a formatura, a última vez que havíamos conversado.

Eles estavam na sala ao lado, que tinha bancos de igreja e caixas de lenço sob tampas laqueadas. Jeremiah estava com a cabeça baixa, como se estivesse orando, algo que nunca soube que ele fazia. Conrad estava sentado ereto, os ombros alinhados, olhando para o nada.

— Oi — disse Steven, limpando a garganta.

Meu irmão foi em direção aos dois, abraçando-os com força.

Passou pela minha cabeça que eu nunca tinha visto Jeremiah de terno antes. Aquele parecia um pouco apertado... Ele estava desconfortável, não parava de puxar a gola. Mas o sapato parecia novo. Me perguntei se minha mãe tinha ajudado a escolhê-lo.

Quando chegou a minha vez, corri para Jeremiah e o abracei o mais forte que pude. Ele parecia tenso em meus braços.

— Obrigado por ter vindo — disse ele com a voz estranhamente formal.

Por um minuto achei que estivesse chateado comigo, mas afastei a ideia assim que ela surgiu. Me senti culpada por pensar assim. Esse era o enterro de Susannah, por que ele estaria pensando em mim?

Acariciei as costas dele meio sem jeito, minha mão se movimentando em pequenos círculos. Os olhos dele estavam incrivelmente azuis, o que costumava acontecer quando chorava.

— Sinto muito mesmo — falei, e me arrependi de imediato, porque as palavras eram inúteis. Elas não expressavam o que eu realmente queria dizer, como eu realmente me sentia. “Sinto muito” era tão sem sentido quanto seda artificial.

Depois olhei para Conrad. Tinha voltado a se sentar, as costas retas, a camisa branca totalmente amarrotada.

— Oi — falei, sentando ao lado dele.

— Oi — respondeu ele.

Não sabia se devia abraçá-lo ou deixá-lo quieto. Então lhe apertei o ombro, e ele não disse nada. Era feito pedra. Fiz uma promessa a mim mesma: não sairia do lado dele o dia todo. Ficaria bem ali, seria uma fortaleza, como minha mãe.

Mamãe, Steven e eu nos sentamos no quarto banco, atrás dos primos de Conrad e Jeremiah, e do irmão do Sr. Fisher e a esposa, que tinha passado perfume demais. Achei que minha mãe devia ficar na primeira fileira, e comentei isso com ela, num sussurro. Ela espirrou e me disse que não fazia diferença. Acho que ela estava certa. Em seguida tirou o casaco e colocou-o sobre minhas coxas à mostra.

Virei para trás uma vez e vi meu pai nos fundos. Por alguma razão, não esperava vê-lo ali. O que era estranho, já que ele também conhecia Susannah, e estar no enterro fazia muito sentido. Dei um tchauzinho e ele acenou de volta.

— Papai está aqui — sussurrei para minha mãe.

— Claro que está.

Ela não olhou para trás.

Os amigos de escola de Jeremiah e Conrad sentaram-se todos juntos, nas últimas fileiras. Pareciam sem graça e deslocados. Os

meninos permaneceram de cabeça baixa e as meninas cochichavam umas com as outras, agitadas.

A missa foi longa. Um padre que eu nunca tinha visto prestou a homenagem fúnebre. Disse coisas bem legais a respeito de Susannah. Disse que ela era gentil, compassiva, graciosa, e ela era mesmo todas essas coisas, porém, soou como se ele nunca a tivesse conhecido. Inclinei o corpo para perto de minha mãe para fazer esse comentário, mas ela estava balançando levemente a cabeça, acompanhando-o.

Achei que não choraria novamente, mas chorei, muito. O Sr. Fisher se levantou, agradeceu a presença de todos e disse que seríamos bem-vindos à sua casa mais tarde para uma recepção. Sua voz falhou algumas vezes, mas ele conseguiu mantê-la firme. Quando o vi pela última vez, estava bronzeado, confiante. Mas naquele dia parecia um homem que se perdeu numa tempestade de neve. Ombros arqueados, rosto pálido. Pensei em como devia ser difícil para ele ficar ali de pé, na frente de todos que a amavam. Ele a havia traído, a havia abandonado quando ela mais precisava dele, mas, no final, retornou. Segurou a mão dela nas últimas semanas. Talvez ele também achasse que haveria mais tempo.

Era um caixão fechado. Susannah disse a minha mãe que não queria ninguém embasbacado, observando-a quando não estivesse com sua melhor aparência. "Pessoas mortas parecem falsas", explicou. "Como se fossem feitas de cera." Lembrei-me de que a pessoa dentro do caixão não era Susannah, que sua aparência não importava, pois ela já havia partido.

Quando acabou, depois de rezarmos o pai-nosso, formamos a procissão e todos tiveram a chance de oferecer condolências. Me senti estranhamente adulta ali, ao lado da minha mãe e do meu irmão. O Sr. Fisher se inclinou e me deu um abraço firme, os olhos molhados. Apertou a mão de Steven, e, quando abraçou minha mãe, ela sussurrou alguma coisa no ouvido dele, que acenou com a cabeça.

Quando abracei Jeremiah, nós dois estávamos chorando tanto que um se apoiou no outro. Os ombros dele não paravam de tremer.

Quando abracei Conrad, queria dizer alguma coisa, algo para confortá-lo. Alguma coisa melhor do que “Sinto muito”. Mas foi tão rápido que não houve tempo para dizer nada além daquilo. Uma enorme fila de pessoas estava atrás de mim, todos esperando para prestar condolências também.

O cemitério não ficava muito longe. Meus calcanhares ficavam grudando no chão. Devia ter chovido no dia anterior. Antes de colocarem Susannah no solo úmido, tanto Conrad quanto Jeremiah colocaram uma rosa branca sobre o caixão, e depois o restante de nós acrescentou mais flores. Eu escolhi uma mônica cor-de-rosa. Alguém cantou um cântico. Quando acabou, Jeremiah não se moveu. Ficou parado aonde viria a ser a sepultura de Susannah, e chorou. Foi minha mãe quem se aproximou dele. Ela o pegou pela mão e falou-lhe suavemente.

De volta à casa de Susannah, Jeremiah, Steven e eu escapulimos para o quarto de Jeremiah. Sentamos na cama com nossas roupas elegantes.

— Onde está Conrad? — perguntei.

Não tinha esquecido do meu voto de permanecer ao lado dele, mas ele estava dificultando as coisas, desaparecendo daquele jeito.

— Vamos deixá-lo sozinho por um tempo — disse Jeremiah. — Estão com fome?

— Eu estava, mas não queria admitir.

— Você está?

— Estou mais ou menos. Tem comida lá embaixo. — A voz dele ficou embargada ao dizer “lá embaixo”.

Sabia que ele não queria descer e dar de cara com todas aquelas pessoas, ter que ver a pena em seus olhos. *Que tristeza, diriam, olhe só os dois meninos que ela deixou.* Os amigos dele não vieram para a recepção, saíram logo depois do enterro. Só havia adultos lá embaixo.

— Eu vou — ofereci.

— Obrigado — disse ele agradecido.

Eu me levantei e fechei a porta atrás de mim. Parei no corredor para olhar os retratos de família. Eram foscos e todos com o mesmo

tipo de moldura preta. Numa das fotos, Conrad usava uma gravata borboleta e estava sem os dentes da frente. Em outra, Jeremiah tinha 8 ou 9 anos e usava um boné do Red Sox que se recusou a tirar durante, tipo assim, todo o verão. Dizia que era um boné da sorte. Ele o usou todos os dias durante três meses. A cada duas semanas, Susannah o lavava e colocava de volta no quarto enquanto ele dormia.

Lá embaixo, os adultos estavam perambulando, bebendo café e conversando com vozes abafadas. Minha mãe estava de pé perto da mesa do bufê, cortando fatias de bolo para estranhos. Afinal, eram estranhos para mim. Fiquei me perguntando se ela os conhecia, se essa pessoas sabiam quem ela era para Susannah, como havia sido sua melhor amiga, como tinham passado todos os verões juntas durante praticamente a vida inteira.

Peguei dois pratos e minha mãe me ajudou na preparação deles.

— Vocês estão bem lá em cima? — ela perguntou, colocando um pedaço de queijo gorgonzola no prato.

Fiz um sinal com a cabeça e logo em seguida tirei a fatia dali:

— Jeremiah não gosta de gorgonzola — expliquei a ela. Depois peguei um punhado de biscoitos água e sal e um cacho de uvas verdes. — Viu Conrad?

— Acho que está no porão — ela respondeu. Reorganizando a tábua de queijos, ela acrescentou: — Por que não vai ver se está tudo bem com ele e aproveita para levar um prato? Vou levar esse aqui lá em cima para os meninos.

— Tudo bem.

Peguei o prato e atravessei a sala de jantar no momento em que Jeremiah e Steven estavam descendo. Fiquei ali de pé e observei Jeremiah parar e conversar com as pessoas, permitindo que elas o abraçassem e segurassem sua mão. Nossos olhos se encontraram, levantei a mão e acenei discretamente. Ele fez o mesmo, revirando um pouco os olhos por causa da mulher que estava apertando seu braço. Susannah teria ficado orgulhosa.

Depois segui para o porão. Era um ambiente acarpetado e com isolamento acústico. Susannah o havia preparado quando Conrad começou a tocar guitarra.

Estava escuro. Conrad não tinha acendido as luzes. Esperei meus olhos se adaptarem e depois desci lentamente os degraus, tateando o caminho com os pés.

Logo o encontrei. Estava deitado no sofá com a cabeça no colo de uma garota. Ela estava passando as mãos pelo cabelo dele, como se ali fosse o lugar delas. Apesar de o verão mal ter começado, ela estava bronzeada. Seus sapatos estavam no chão, as pernas seminuas esticadas sobre a mesinha de centro. E Conrad fazia carinho em uma delas.

Fiquei completamente paralisada, tensa.

Eu tinha visto a menina no funeral. Achei-a muito bonita e fiquei imaginando quem seria. Parecia ser asiática, indiana talvez. Tinha cabelos e olhos escuros, e estava com uma minissaia preta e uma blusa preta e branca com bolinhas. E uma faixa de cabelo preta.

Ela me viu primeiro.

— Oi — disse ela.

Foi quando Conrad olhou para cima e me viu parada à porta com um prato de queijo e biscoitos. Ele se sentou:

— Isso é comida para a gente? — perguntou, quase sem olhar para mim.

— Minha mãe mandou — respondi, e minha voz saiu num tom sussurrante e sereno.

Eu me aproximei e coloquei o prato sobre a mesinha de centro. Fiquei ali por um segundo, sem saber exatamente o que fazer em seguida.

— Obrigada — disse a garota, de um jeito que pareceu mais um *Já pode ir*. Ela não disse isso de um jeito rude, mas de uma maneira que deixou bem claro que eu estava interrompendo.

Recuei lentamente pelo porão, mas ao chegar na escada subi correndo. Corri, passando por todas as pessoas na sala de estar e pude ouvir Conrad vindo atrás de mim.

— Espera um pouco — gritou.

Tinha quase conseguido passar pela antessala quando ele me alcançou e segurou meu braço.

— O que você quer? — perguntei, tentando me desvencilhar dele.
— Me solta.

— Aquela é Aubrey — disse ele, me soltando.

Aubrey, a garota que partiu o coração de Conrad. Eu a imaginava diferente. Eu a imaginava loura. Essa menina era mais bonita do que eu pensei que seria. Nunca poderia competir com uma garota assim.

— Desculpa, interromper seu momento especial — falei.

— Ah, vê se cresce — retrucou ele.

Há momentos na vida que você deseja de todo o coração poder voltar atrás. Tipo simplesmente apagá-los de sua existência. Assim, se pudesse, você também deixaria de existir imediatamente só para fazer com que aquele momento não existisse.

O que eu disse em seguida foi um desses momentos para mim.

No dia do funeral da mãe dele, para o menino que amei mais do que já tinha amado qualquer coisa ou pessoa, eu disse:

— Vá para o inferno.

Foi a pior coisa que já tinha dito a alguém na vida. Não que eu nunca tivesse dito essas palavras antes. Mas a expressão no rosto dele. Nunca vou esquecer. A expressão naquele rosto me fez querer morrer. Ela confirmou todas as coisas ruins e baixas que eu já havia pensado sobre mim mesma, as coisas que você espera e reza para que ninguém nunca descubra. Porque, se descobrissem, veriam seu verdadeiro eu e lhe desprezariam.

— Eu devia saber que você ficaria assim — comentou Conrad.

Lamentavelmente, perguntei:

— Como assim?

Ele deu de ombros, o queixo tenso.

— Esquece.

— Não. Agora fala.

Ele começou a se virar para sair, mas eu o impedi. Parei na frente dele.

— Me conta — falei, a voz aumentando.

Ele olhou para mim e disse:

— Sabia que era uma má ideia começar alguma coisa com você. Você não passa de uma criança. Foi um grande erro.

— Não acredito em você — retruquei.

As pessoas estavam começando a olhar. Minha mãe estava parada na sala, conversando com pessoas que eu não reconhecia. Ela

ergueu o olhar quando comecei a falar. Nem consegui encará-la... Podia sentir meu rosto queimando.

Sabia que a coisa certa a se fazer era sair dali. Sabia que era isso que eu deveria fazer. Naquele momento, foi como se eu flutuasse sobre mim mesma, vendo a mim, como todos no recinto me olhavam. Mas, quando Conrad simplesmente deu de ombros e começou a ir embora outra vez, fiquei com tanta raiva, me senti tão... insignificante. Queria me conter, mas não consegui parar.

— Eu te odeio — falei.

Conrad deu meia-volta e fez que sim com um gesto de cabeça, como esperando que eu dissesse exatamente aquilo.

— Que bom — disse ele.

O jeito que me olhou naquele instante, com pena, de saco cheio e como se não ligasse. Fiquei mal.

— Não quero vê-lo nunca mais — continuei, abrindo caminho ao empurrá-lo para o lado, e subi a escadaria correndo tanto que tropecei no degrau mais alto. Caí de joelhos, com força. Pensei ter ouvido alguém suspirar. Mal conseguia enxergar em meio as lágrimas. Às cegas, me pus novamente de pé e corri para o quarto de hóspedes.

Tirei os óculos, deitei na cama e chorei.

Não era Conrad quem eu odiava. Era a mim mesma.

Meu pai subiu depois de um tempo. Bateu na porta algumas vezes, e quando não respondi, ele entrou e sentou na beirada da cama.

— Você está bem? — perguntou ele. Sua voz era tão gentil que senti lágrimas escorrendo pelos cantos dos meus olhos de novo. Ninguém deveria ser legal comigo. Eu não merecia.

Rolei para o lado, ficando de costas para ele.

— Mamãe está aborrecida comigo?

— Não, claro que não. Vamos descer e nos despedir do pessoal.

— Não posso.

Como eu poderia descer e encarar todo mundo depois de ter feito aquela cena? Era impossível. Estava me sentindo humilhada, e por minha culpa.

— O que aconteceu com você e Conrad, Belly? Vocês brigaram? Terminaram?

Era tão estranho ouvir a palavra “terminaram” saindo da boca de meu pai. Não conseguia conversar sobre isso com ele. Era bizarro demais.

— Pai, não consigo falar sobre essas coisas com você. Será que você se importa? Quero ficar sozinha.

— Tudo bem — disse ele, e pude ouvir a mágoa em sua voz. — Quer que eu traga sua mãe?

Ela era a última pessoa que eu queria ver. Imediatamente, respondi:

— Não, por favor, não.

A cama estalou quando meu pai se levantou e fechou a porta.

A única pessoa que eu queria era Susannah. Ela era a única. E foi então que um pensamento surgiu em minha mente, claro como o dia. Eu nunca mais seria a preferida de alguém. Nunca seria uma criança de novo, não da mesma maneira. Tudo estava acabado agora. Ela realmente tinha partido.

Esperava que Conrad tivesse me ouvido. Esperava nunca mais vê-lo. Se eu tivesse que olhar para ele de novo, se ele olhasse para mim do jeito que olhou naquele dia, isso acabaria comigo.



Capítulo seis

3 DE JULHO

Quando o telefone tocou cedo na manhã seguinte, a primeira coisa que me ocorreu foi: *As únicas ligações que recebemos assim tão cedo são as ruins.* E eu estava certa, ou quase.

Acho que ainda estava sonhando quando ouvi a voz dele. Por um longo segundo, pensei ser Conrad, e durante aquele momento não consegui recuperar o fôlego. Conrad me ligando de novo... isso foi o suficiente para me fazer esquecer como respirar. Mas não era Conrad. Era Jeremiah.

Eles eram irmãos, afinal. As vozes eram parecidas. Parecidas mas não iguais. Ele, Jeremiah, começou:

— Belly, é Jeremiah. Conrad se foi.

— O que quer dizer com “se foi”? — De repente eu estava completamente desperta e meu coração estava na boca.

“Se foi” tinha passado a significar uma coisa diferente, de um jeito que não costumava ser. Algo permanente.

— Saiu do curso de verão há dois dias e não voltou. Sabe onde ele está?

— Não. — Conrad e eu não nos falávamos desde o enterro de Susannah.

— Ele perdeu duas provas. Conrad nunca faria uma coisa dessas.

— Jeremiah parecia desesperado, apavorado até.

Eu nunca o tinha ouvido daquele jeito. Estava sempre tranquilo, sempre rindo, nunca sério. E estava certo. Conrad nunca faria aquilo, ele nunca sairia sem dizer nada a ninguém. Pelo menos, não o velho Conrad. Não o Conrad que eu amava desde que tinha 10 anos de idade, ele não.

Eu me sentei, esfregando os olhos.

— Seu pai já sabe? — perguntei.

— Sabe. E está histérico. Não sabe lidar com esse tipo de coisa.

Esse tipo de coisa seria da alçada de Susannah, não do Sr. Fisher.

— O que quer fazer, Jere? — Tentei fazer minha voz soar do jeito que minha mãe faria. Calma, racional. Como se a ideia de Conrad ter sumido não me apavorasse. Não que eu pensasse que ele estava em apuros. Mas se ele tivesse ido, de verdade, poderia nunca mais voltar. E isso me assustava mais do que eu podia dizer.

— Não sei. — Jeremiah soltou um forte sopro de ar. — O celular dele está desligado há dias. Você poderia me ajudar a encontrá-lo?

Respondi imediatamente:

— Sim. Claro. Claro que posso.

Tudo fez sentido naquele momento. Essa era minha chance de consertar as coisas com Conrad. Do meu ponto de vista, era por essa oportunidade que eu estava esperando e nem fazia ideia. Era como se nos dois últimos meses eu estivesse sonâmbula, e agora aqui estava eu, finalmente desperta. Tinha um objetivo, um propósito.

Eu disse coisas terríveis naquela última vez. Coisas imperdoáveis. Talvez, se eu o ajudasse, pelo menos um pouco, poderia ser capaz de consertar o que tinha quebrado.

Ainda assim, apesar do medo de pensar que Conrad havia sumido, apesar da ansiedade para me redimir, a ideia de estar perto dele de novo me apavorava. Ninguém nesse mundo me afetava como Conrad Fisher.

Logo depois que Jeremiah e eu desligamos o telefone, eu estava em vários lugares ao mesmo tempo, jogando roupas íntimas e blusas de malha dentro da mala. Quanto tempo levaríamos para encontrá-lo? Será que ele estava bem? Eu saberia se não estivesse,

não saberia? Peguei a escova de dentes, um pente. Solução para limpeza das lentes de contato.

Minha mãe estava passando roupa na cozinha. Estava olhando para o nada, a testa era uma ruga gigante.

— Mãe? — chamei.

Assustada, ela olhou para mim.

— O quê? O que foi?

Eu já havia planejado o que dizer em seguida.

— Taylor está tendo um tipo de colapso porque terminou com David de novo. Vou dormir na casa dela hoje, talvez amanhã também, dependendo de como ela estiver se sentindo.

Prendi a respiração, esperando que ela se pronunciasse. Minha mãe tem um detector de mentira como ninguém no universo. Era mais que uma intuição de mãe, era como um dispositivo localizador. Mas nenhum alarme disparou, nenhuma campainha nem sirene. Seu rosto estava perfeitamente vazio.

— Tudo bem — respondeu ela, voltando a passar. E então: — Tente estar em casa amanhã à noite — falou. — Vou fazer peixe.

Ela salpicou goma na calça cáqui. Eu estava livre. Devia me sentir aliviada, mas não, na verdade não.

— Vou tentar — respondi.

Por um instante, pensei em contar a verdade. Dentre todas as pessoas, ela entenderia. Ela ia querer ajudar. Ela amava os dois. Foi minha mãe quem levou Conrad para o pronto-socorro quando ele quebrou o braço andando de skate, porque Susannah tremia tanto que não conseguia dirigir. Minha mãe era firme, sólida. Sempre sabia o que fazer.

Ou, pelo menos, costumava saber. Agora eu não tinha tanta certeza. Quando Susannah adoeceu de novo, minha mãe ligou o piloto automático, fazendo o que precisava ser feito. Praticamente ausente. Certo dia, desci as escadas e a encontrei varrendo o corredor da entrada, seus olhos estavam vermelhos e fiquei com medo. Ela não era do tipo que chorava. Vê-la daquele jeito, como uma pessoa real e não apenas minha mãe, quase me fez não confiar nela.

Minha mãe apoiou o ferro. Pegou a bolsa no balcão e tirou a carteira.

— Compre um sorvete Ben & Jerry's para Taylor, por minha conta — disse ela, entregando-me uma nota de 20.

— Obrigada, mãe — falei, pegando o dinheiro e enfiando-o no bolso. Ele quebraria um galho mais tarde, na hora de abastecer.

— Divirtam-se — disse ela, voltando a se desligar. Ausente. Passando o mesmo par de calças cáqui que tinha acabado de engomar.

Quando estava no carro, dirigindo, finalmente me permiti sentir. Alívio. Nada de mãe triste e silenciosa, hoje não. Eu odiava deixá-la sozinha e odiava ficar perto dela, porque me fazia lembrar do que eu mais queria esquecer. Susannah estava morta, não voltaria, e nenhum de nós seria o mesmo novamente.



Capítulo sete

Na casa de Taylor, a porta da frente quase nunca ficava trancada. A escadaria, com seu longo corrimão e degraus de madeira lustrosos, era tão familiar para mim quanto eu mesma.

Depois que entrei, subi direto para o quarto da minha amiga.

Taylor estava deitada de bruços, folheando revistas de fofoca. Assim que me viu, ela se sentou e disse:

— Você é masoquista ou o quê?

Joguei a bolsa no chão e me sentei ao seu lado. Havia ligado para ela enquanto vinha para cá e contado tudo. Não queria, mas acabei fazendo.

— Por que está indo procurar por ele? — reclamou. — O cara nem é mais seu namorado.

Suspirei.

— Como se algum dia tivesse sido — comentei.

— Exatamente. — Ela passou algumas páginas da revista e entregou-a a mim. — Olha só. Posso ver esse biquíni em você. O tomara que caia branco. Vai ficar supersensual com seu bronzeado.

— Jeremiah vai chegar daqui a pouco — falei, olhando a revista e devolvendo-a logo depois.

Não conseguia me imaginar naquele biquíni. Mas conseguia imaginá-la com ele.

— Você devia *mesmo* ter escolhido o Jeremy — disse ela. — Conrad é basicamente uma pessoa louca.

Já tinha explicado várias e várias vezes que não era uma escolha tão simples assim. Nada nunca era. Não era como se eu tivesse tido alguma escolha, na verdade.

— Conrad não é louco, Taylor.

Ela nunca o perdoou por não ter gostado dela no verão em que a levei para Cousins, quando tínhamos 14 anos. Taylor estava acostumada a ter todos os meninos aos seus pés e não estava habituada a ser ignorada. E foi exatamente isso que Conrad fez. Mas Jeremiah, não. Assim que ela pousou seus grandes olhos castanhos nele, ele era dela. Seu *Jeremy*, era assim que o chamava... daquele jeito provocante, exatamente como os meninos adoram. Jeremiah também caiu como um patinho, até ela trocá-lo pelo meu irmão, Steven.

— Tudo bem, talvez isso tenho sido cruel *demais*. Talvez ele não seja louco. Mas, tipo, e aí? Você sempre vai ficar à disposição dele? Toda vez que ele quiser? — disse Taylor, franzindo os lábios.

— Não! Mas Conrad está com algum problema. Ele precisa dos amigos agora mais do que nunca — respondi, puxando um fiapo do tapete. — Não importa o que aconteceu entre nós, sempre seremos amigos.

Ela revirou os olhos.

— Que seja. Só estou concordando com isso para que você tenha seu ponto final.

— Ponto final?

— Sim. Agora eu sei que essa é a única maneira. Você precisa ficar cara a cara com Conrad e dizer a ele que o esqueceu e que não vai mais continuar com esses joguinhos. Só assim você vai conseguir desencanar daquele babaca.

— Taylor, não sou inocente nisso tudo. — Engoli em seco. — Fui terrível na última vez que o vi.

— Tanto faz. A questão é: você precisa seguir em frente. Para jardins mais floridos. — Ela me olhou. — Como Cory. Que, por sinal, duvido que ainda te dê alguma chance depois daquela noite.

Aquela noite parecia ter sido há milhares de anos. Fiz o melhor que pude para parecer arrependida e disse:

— Olha, obrigada mais uma vez por deixar meu carro ficar aqui. Se minha mãe ligar...

— Por favor, Belly. Tenha mais respeito. Sou a rainha no quesito mentir para os pais, diferente de você. — Torceu o nariz. — Você volta a tempo para amanhã à noite, não é? Vamos sair no barco dos pais do Davis, está lembrada? Você prometeu.

— Isso só vai acontecer depois das oito ou nove. Com certeza já estarei de volta nesse horário. Além disso — ressaltou — não *prometi* nada.

— Então prometa agora — ordenou. — Prometa que estará lá. Revirei os olhos.

— Por que quer tanto que eu esteja de volta? Para poder incitar Cory Wheeler para cima de mim de novo? Você tem o Davis, não precisa de mim.

— Preciso de você sim, mesmo você sendo uma péssima melhor amiga. Namorados não são a mesma coisa que melhores amigas e você sabe disso. Logo, logo estaremos na faculdade. E se formos para faculdades diferentes? E aí? — Taylor me encarou com olhos acusadores.

— Tudo bem, tudo bem. Eu prometo.

Taylor ainda queria muito que fôssemos para a mesma faculdade, do jeito que sempre dissemos que faríamos. Ela ergueu a mão para mim e cruzamos os dedos mindinhos.

— Você vai usar isso aí? — perguntou ela de repente.

Olhando para minha camiseta de rendinha cinza, respondi:

— Bem, sim.

Ela sacudiu a cabeça tão rápido que o cabelo balançou para todos os lados.

— Vai usar isso para ver Conrad *pela primeira vez*?

— Não estou indo a um encontro, Taylor.

— Quando você encontra um ex, tem que estar melhor do que jamais esteve. Tipo, essa é a regra número um dos termos de relacionamento. Você tem que fazê-lo pensar “Droga, perdi *tudo* isso?” É assim que funciona.

Eu não havia pensado nisso.

— Não ligo para o que ele pensa — expliquei.

Ela já estava vasculhando minha mala.

— Aqui só tem roupa íntima e uma blusa de malha. E essa camiseta sem manga velha. Eca. Odeio essa camiseta. Ela precisa ser oficialmente aposentada.

— Pode parar — intervi. — Nada de revirar minhas coisas.

Taylor deu um salto, o rosto radiante e animado.

— Ora, fala sério, deixe-me arrumar a bolsa para você, Belly! Por favor, isso me deixaria tão feliz.

— Não — respondi, tão firme quanto pude. Com a Taylor era preciso ser firme. — Provavelmente estarei de volta amanhã. Não preciso de mais nada.

Taylor me ignorou e desapareceu closet adentro.

Foi então que meu telefone tocou, e era Jeremiah. Antes de atender, enfatizei:

— Estou falando sério, Tay.

— Não se preocupe. Tenho tudo sob controle. Pense em mim como sua fada madrinha — disse, ainda no closet.

Abri o flip do celular.

— Oi — falei. — Onde você está?

— Já estou quase chegando. Uma hora de distância, mais ou menos. Está na casa da Taylor?

— Estou — respondi. — Precisa que eu te passe as coordenadas de novo?

— Não, já sei o caminho. — Ele fez uma pausa, e por um segundo achei que tinha desligado. Depois, ele continuou: — Obrigado por isso.

— Fala sério — respondi.

Pensei em dizer mais alguma coisa, falar como ele era um dos meus melhores amigos e como parte de mim estava quase feliz por ter uma razão para vê-lo de novo. Simplesmente não era verão sem os meninos da Beck.

Mas não consegui fazer com que as palavras soassem bem na minha cabeça, e antes que pudesse organizá-las, ele desligou.

Quando Taylor finalmente saiu do closet, ela estava fechando minha bolsa.

— Tudo pronto — disse ela, mostrando as covinhas do rosto ao sorrir.

— Taylor... — Tentei tirar a bolsa das mãos dela.

— Não, espere até você chegar ao seu destino. Você vai me agradecer — alegou. — Fui *muito* generosa, mesmo que você esteja me abandonando completamente.

Ignorei a última parte e agradei.

— Obrigada, Tay.

— De nada — respondeu, olhando o cabelo no espelho da cômoda. — Está vendo o quanto você precisa de mim? — Taylor me encarou, as mãos na cintura. — Mas, enfim, como vocês estão planejando encontrar o Conrad? Até onde se sabe, ele está debaixo de uma ponte em algum lugar.

Eu não havia pensado muito nessa parte, nos detalhes em si.

— Tenho certeza de que Jeremiah tem algumas ideias — respondi.

*

Jeremiah apareceu em uma hora, exatamente como havia dito. Nós observamos pela janela da sala de estar quando o carro encostou na entrada circular de carros da casa de Taylor.

— Ai, meu Deus, ele está tão bonitinho — constatou Taylor, correndo até a penteadeira e passando gloss nos lábios. — Por que não me disse que ele tinha ficado tão bonito?

Na última vez que ela tinha visto Jeremiah, ele estava mais baixo e magrelo. Não era de admirar que ela tivesse ido atrás do Steven. Mas, para mim, ele continuava sendo o mesmo Jeremiah.

Peguei minha mochila e fui lá para fora, com Taylor no meu encalço.

Quando abri a porta da frente, Jeremiah estava de pé nos degraus da entrada. Usava o boné do Red Sox, o cabelo mais curto do que da última vez que nos vimos. Era estranho vê-lo ali, na frente da casa de Taylor. Surreal.

— Já ia te ligar — comentou, tirando o boné.

Ele era um menino que não tinha medo do jeito que o boné deixava o cabelo, de parecer bobo. Essa era uma de suas qualidades mais agradáveis, algo que eu admirava porque eu mesma vivia praticamente o tempo todo com medo de me colocar numa situação embaraçosa.

Eu queria abraçá-lo, mas por algum motivo... talvez porque ele não veio até mim primeiro, talvez porque fiquei tímida de repente... eu me contive. Em vez disso, falei:

— Você chegou muito rápido.

— Corri que nem um louco — comentou ele, e em seguida: — Oi, Taylor.

Ela foi na ponta dos pés e o abraçou, e me arrependi por não tê-lo abraçado também.

Ao se afastar, Taylor o olhou de cima abaixo com um ar de aprovação e disse:

— Jeremy, você está bonito. — Ela sorriu para ele, esperando ouvir a mesma coisa. Quando Jeremiah não disse nada, ela continuou: — Alôô, essa era a deixa para você dizer o quanto eu estou bonita. Dã.

Jeremiah riu.

— A mesma Taylor de sempre. Você sabe que está bonita. Não precisa que eu te diga isso.

Os dois ficaram sorrindo afetadamente um para o outro.

— É melhor a gente ir andando — comentei.

Jeremiah pegou a bolsa que estava no meu ombro e o seguimos em direção ao carro. Enquanto ele abria espaço no porta-malas, Taylor agarrou meu cotovelo.

— Me ligue assim que chegarem aonde quer que estejam indo, Cinderbelly.

Ela costumava me chamar assim quando éramos pequenas, quando éramos obcecadas pela *Cinderela*. Ela cantava junto com os ratinhos. *Cinderbelly, Cinderbelly*.

De repente, senti uma onda de afeição por ela. Nostalgia, uma história compartilhada, que valia por muitas. Mais do que eu tinha

me dado conta. Eu sentiria saudades dela no ano que vem quando estivéssemos em faculdades diferentes.

— Obrigada por deixar meu carro ficar aqui, Tay.

Ela concordou com um gesto. E logo depois, sem emitir sons, sibilou as palavras *ponto final*.

— Tchau, Taylor. — Jeremiah se despediu, entrando no carro.

Eu também entrei. O carro dele estava uma bagunça, como sempre. Havia garrafas de água vazias por todo o chão e no banco de trás.

— Tchau — gritei quando começamos a nos afastar.

Ela ficou lá parada, acenou e nos observou. Respondeu gritando:

— Não esqueça sua promessa, Belly!

— Que promessa? — perguntou Jeremiah, olhando pelo retrovisor.

— De que voltaria a tempo para a festa de 4 de julho do namorado dela. Vai ser num barco.

Jeremiah balançou a cabeça.

— Você voltará a tempo, não se preocupe. Se tudo correr bem, trago você de volta hoje à noite.

— Ah — respondi. — Tudo bem.

Deduzi que não precisaria da mala no final das contas.

E, então, ele disse:

— Taylor continua exatamente a mesma.

— É, acho que sim.

E nenhum dos dois disse mais nada. Apenas ficamos em silêncio.



Capítulo oito

JEREMIAH

Posso apontar o exato momento em que tudo mudou. Foi no último verão. Con e eu estávamos sentados na varanda, e eu tentava explicar para ele como o novo assistente do técnico de futebol era babaca.

— É só aguentar firme — disse ele.

Fácil para ele falar. Depois de desistir.

— Você não entende, esse cara é louco — comecei a contar, mas Conrad não estava mais ouvindo.

O carro tinha acabado de estacionar na entrada para veículos. Steven saiu primeiro, depois Laurel. Ela perguntou onde minha mãe estava e me deu um abraço apertado. Depois abraçou Conrad e perguntei:

— Ei, cadê a Bellyzinha?

E lá estava ela.

Conrad a viu primeiro. Olhava por cima do ombro de Laurel. Para ela, que vinha em nossa direção. O cabelo esvoaçava em várias direções e as pernas pareciam ter quilômetros de comprimento. Usava um short curto e um tênis sujo. A alça do sutiã estava aparecendo por baixo da camiseta. Juro que nunca tinha notado aquelas alças antes. Tinha um ar engraçado no rosto, um olhar que não reconheci. Meio tímido e nervoso, mas ao mesmo tempo orgulhoso.

Observei Conrad abraçá-la, esperando minha vez. Queria perguntar em que ela estava pensando, por que estava com aquele semblante. Mas não o fiz. Me aproximei de Conrad, segurei-a pelo braço e disse alguma coisa estúpida. Isso a fez rir e, então, ela voltou a ser a Belly de sempre. E aquilo foi um alívio, porque eu não queria que ela fosse nada, só a mesma Belly.

Eu a conhecia desde sempre. Nunca tinha pensado nela como uma menina. Ela era uma de nós. Era minha amiga. Vê-la de um jeito diferente, mesmo que por um segundo, mexeu comigo.

Meu pai costumava dizer que para tudo na vida existe um momento de reviravolta. O momento do qual todas as outras coisas dependem, mas você raramente percebe quando ele acontece. A cesta de três pontos no segundo quarto que muda todo o ritmo do jogo. Desperta as pessoas, as traz de volta à vida. Tudo isso remete àquele momento específico.

Devo ter me esquecido disso, daquele momento quando o carro deles chegou e essa menina desceu, uma menina que eu mal reconhecia. Esse pode ter sido um daqueles momentos. Sabe, como quando uma pessoa encontra o seu olhar, como o cheiro de um perfume enquanto você anda pela rua. A gente continua andando. A gente esquece. Devo ter me esquecido. As coisas devem ter voltado a ser do jeito que eram antes.

Mas então veio a reviravolta.

Era noite, talvez uma semana depois do início do verão. Belly e eu estávamos de bobeira na piscina, e ela estava morrendo de rir de alguma coisa que eu disse, não me lembro o quê. Eu adorava fazê-la rir. Apesar de não ser nenhuma façanha, porque ela ria demais, era ótimo. Ela disse: "Jere, você é, tipo assim, a pessoa mais engraçada que conheço."

Esse foi um dos melhores elogios da minha vida. Mas não foi esse o momento da reviravolta.

Ele aconteceu depois. Eu estava superempolgado, fazendo uma imitação de Conrad quando ele acorda pela manhã. Uma parada totalmente Frankenstein. Na mesma hora, Conrad apareceu e se sentou ao lado dela na espreguiçadeira. Ele puxou o rabo de cavalo da Belly e perguntou: "Qual é a graça?"

Belly olhou para ele, e estava de fato ficando vermelha. O rosto estava completamente corado, e os olhos brilhavam. “Não me lembro”, respondeu ela.

Meu estômago simplesmente embrulhou. Senti como se alguém o tivesse acertado em cheio com um chute. Eu estava com ciúme, louco de ciúme. De Conrad. E, quando ela levantou pouco depois para pegar um refrigerante, eu o vi observá-la enquanto ela se afastava e me senti mal.

Foi aí que eu percebi que as coisas nunca mais seriam as mesmas.

Eu queria dizer a Conrad que ele não tinha o direito. Que ele a havia ignorado por todos esses anos, que não podia simplesmente decidir ficar com ela só porque estava a fim.

Ela era toda nossa. Minha mãe realmente a adorava. Costumava chamar Belly de sua filha secreta. Esperava ansiosamente para vê-la todos os anos. Steven, apesar de tê-la feito passar por poucas e boas, era muito protetor. Todo mundo cuidava da Belly, só ela que não sabia disso. Estava ocupada demais olhando para Conrad. Desde quando qualquer um de nós se lembrava, ela era apaixonada por Conrad.

Tudo o que eu sabia era: queria que ela olhasse para mim daquele jeito. Depois daquele dia, eu estava condenado. Gostava dela não só como amiga. E talvez até a amasse.

Haveria outras meninas. Mas elas não eram Belly.

Eu não queria pedir ajuda a Belly. Estava muito chateado com ela. Não por ter escolhido o Conrad. Isso não era novidade. Ela sempre escolheria o Conrad. Mas éramos amigos também. Quantas vezes ela tinha me ligado desde que mamãe morreu? Duas? Algumas mensagens no celular e e-mails? Mas sentado no carro ao lado dela, sentindo seu cheiro de Belly Conklin (sabonete *Ivory*, coco e açúcar), o jeito que o nariz se enrugava enquanto ela estava pensando, o sorriso nervoso e as unhas roídas. O jeito que dizia meu nome.

Quando ela se inclinou para mexer no ar-condicionado, seu cabelo roçou na minha perna e era muito macio. Isso me fez reviver tudo. Ficou difícil continuar com raiva e mantê-la fora do meu alcance como havia planejado. Praticamente impossível. Quando ficava perto

dela, eu só queria agarrá-la, abraçá-la e beijá-la até não poder mais. Talvez assim ela finalmente esquecesse o imbecil do meu irmão.



Capítulo nove

— E para onde estamos indo? — perguntei a Jeremiah.

Tentei captar o olhar dele, fazê-lo olhar para mim só por um segundo. Parecia que ele não tinha me encarado nem uma vez desde que nos encontramos, e isso me deixava nervosa. Eu precisava saber que estava tudo bem entre nós.

— Não sei — respondeu ele. — Já faz algum tempo que não falo com Con. Não faço ideia de onde ele possa ter ido. Estava torcendo para que você tivesse algumas ideias.

A questão era, eu não tinha. Não mesmo. Nenhuma, na real. Limpei a garganta.

— Conrad e eu não nos falamos desde... desde maio.

Jeremiah me olhou de lado, mas não disse nada. Fiquei imaginando o que Conrad havia contado a ele. Pouca coisa, provavelmente.

Continuei falando porque ele ficou em silêncio.

— Você ligou para o colega de quarto dele?

— Não, eu não tenho o número. Aliás, eu nem sei o nome dele.

— Eric — respondi rapidamente. Fiquei feliz por saber pelo menos aquilo. — É o mesmo da faculdade. Eles continuaram no mesmo quarto para o curso de verão. Bom, acho que é para lá que vamos então. Para Brown. Vamos conversar com Eric, com os vizinhos. Nunca se sabe, ele pode estar só curtindo pelo campus.

— Parece uma boa. — Enquanto olhava pelo retrovisor e mudava de faixa, ele começou: — Então você tem visitado Conrad na faculdade?

— Não — respondi, olhando pela janela. Era constrangedor demais admitir isso. — E você?

— Meu pai e eu o ajudamos com a mudança para os dormitórios. — De um jeito quase relutante, acrescentou: — Obrigado por ter vindo.

— Não precisa agradecer.

— Laurel concordou numa boa?

— Ah, sim, totalmente — menti. — Fico feliz por ter conseguido vir.

Eu costumava esperar ansiosamente o ano todo para ver Conrad. Costumava esperar pelo verão como as crianças esperam pelo Natal. Só pensava nisso. Até agora, mesmo depois de tudo, eu continuava pensando só nele.

Um tempo depois, liguei o rádio para preencher o silêncio entre nós.

Num determinado momento, pensei tê-lo ouvido dizer alguma coisa, e perguntei:

— Falou alguma coisa?

— Não.

Durante um período nós só rodamos. Jeremiah e eu éramos duas pessoas que nunca ficávamos sem ter o que falar um para o outro, mas lá estávamos nós, sem dizer uma palavra sequer.

Finalmente ele se pronunciou:

— Vi Nona semana passada. Dei uma passadinha no asilo onde ela está trabalhando.

Nona foi a enfermeira que cuidou de Susannah na casa de repouso. Eu a vi poucas vezes. Ela era engraçada e forte. Nona era baixinha, talvez tivesse 1,58m, com braços e pernas finos, mas eu a havia visto levantar Susannah como se não pesasse nada, o que, na reta final, acredito que fosse realmente verdade.



Capítulo dez

Quando Susannah voltou a ficar muito doente, ninguém me contou logo de cara. Nem Conrad, nem minha mãe, nem mesmo a própria Susannah. Tudo aconteceu muito rápido.

Tentei evitar ao máximo ver Susannah aquela última vez. Disse a minha mãe que tinha uma prova de trigonometria que valia um quarto da nota. Eu teria dito qualquer coisa para não ir.

— Vou ter que estudar o fim de semana todo. Não posso ir. Talvez semana que vem — expliquei ao telefone. Tentei manter minha voz descontraída e sem desespero. — Tudo bem?

Ela respondeu imediatamente:

— Não, não está tudo bem. Você vem esse fim de semana. Susannah quer ver você.

— Mas...

— Nada de "mas". — A voz afiada como uma navalha. — Já comprei suas passagens. Nos vemos amanhã.

Durante a viagem de trem, tentei com todas as forças pensar em coisas que eu poderia dizer quando visse Susannah. Eu contaria como a prova de trigonometria seria difícil, que Taylor estava apaixonada, que eu estava pensando em concorrer para representante de turma, o que era mentira. Eu não ia concorrer a nada, mas sabia que Susannah gostaria de ouvir isso. Contaria a ela todas essas coisas, e não perguntaria sobre Conrad.

Minha mãe me pegou na estação de trem. Quando entrei no carro, ela disse:

— Estou feliz que tenha vindo. — E completou dizendo: — Não se preocupe, Conrad não está aqui.

Não respondi nada, só olhei pela janela. Estava injustificavelmente aborrecida com ela por ter me obrigado a vir. Não que ela ligasse. E continuou falando:

— Já te aviso logo que ela não está com uma aparência boa. Está cansada. Muito cansada, mas também muito animada para te ver.

Assim que ouvi as palavras “ela não está com uma aparência boa”, fechei os olhos. Eu me odiava por ter medo de vê-la, por não visitá-la com mais frequência. Mas eu não era como minha mãe, tão forte e estável como aço. Ver Susannah daquele jeito era difícil demais. Eu sentia como se pedaços dela, de quem ela costumava ser, se desintegrassem o tempo todo. Vê-la daquele jeito tornava a situação real.

*

Quando paramos na entrada de veículos, Nona estava do lado de fora fumando um cigarro. Eu a conhecera algumas semanas antes quando Susannah voltou para casa pela primeira vez. Nona tinha um aperto de mão intimidador. Quando saímos do carro, ela estava desinfetando as mãos e espirrando desodorizador de ambientes no uniforme como se fosse uma adolescente fumando escondido, apesar de Susannah não se importar com isso. Ela adorava um cigarrinho de vez em quando, mas não podia mais fumá-los. Só maconha, uma vez ou outra.

— Bom dia — bradou Nona, acenando para nós.

— Bom dia — bradamos de volta.

Ela estava sentada na varanda da frente.

— É bom ver você — falou para mim. Para minha mãe, ela complementou: — Susannah já está arrumada e esperando por vocês aqui embaixo.

Minha mãe se sentou ao lado de Nona.

— Belly, entre primeiro. Vou conversar com Nona.

E por “conversar”, eu sabia que ela queria dizer que ia fumar. Ela e Nona ficaram muito próximas com tudo isso.

Nona era pragmática e profundamente espiritualizada também. Certa vez, convidou minha mãe para ir à igreja com ela, e, apesar de não ser nem um pouco religiosa, mamãe foi. A princípio achei que fosse só para fazer a vontade de Nona, mas quando ela começou a ir à igreja sozinha percebi que era mais do que isso. Minha mãe estava procurando por algum tipo de paz.

— Sozinha? — perguntei, e me arrependi logo depois.

Não queria que nenhuma delas me julgasse por estar com medo. Eu mesma já estava me julgando.

— Ela está esperando por você — concluiu minha mãe.

E estava mesmo. Sentada na sala de estar, usando suas roupas de sempre em vez do pijama. Maquiada. Seu blush cor de pêssego, brilhoso e extravagante, contrastava com a pele branca como giz. Ela havia se esforçado por mim. Para não me assustar. Então fingi não estar assustada.

— Minha menina preferida — disse ela, abrindo os braços para mim.

Eu a abracei, com o máximo de cuidado que pude, e disse que ela parecia estar muito melhor. Menti.

Susannah disse que Jeremiah só chegaria tarde da noite, e que a casa era toda das garotas.

Minha mãe entrou, mas nos deixou sozinhas. Veio até a sala dizer um rápido olá e depois foi preparar o almoço, enquanto colocávamos o papo em dia.

Assim que minha mãe saiu da sala, Susannah falou:

— Se está preocupada em esbarrar com Conrad, pode ficar tranquila, querida. Ele não estará aqui esse fim de semana.

Engoli em seco.

— Ele te contou?

Ela deu uma risadinha.

— Aquele menino não me conta nada. Sua mãe comentou que a formatura não correu... tão bem quanto esperávamos. Sinto muito, meu bem.

— Ele terminou comigo — contei a ela.

Era mais complicado do que isso, mas resumindo tudo, foi o que aconteceu. Aconteceu porque era o que ele queria. Sempre dependeu dele... Era uma decisão dele se estávamos juntos ou não.

Susannah segurou minha mão.

— Não odeie Conrad — pediu-me ela.

— Não odeio — menti.

Eu o odiava mais do que tudo. Eu o amava mais do que tudo. Porque ele *era* tudo. E eu odiava isso também.

— Connie está passando por um momento difícil com tudo isso. É demais para ele. — Ela fez uma pausa e afastou o cabelo que caía sobre meu rosto, a mão hesitando na minha testa como se eu estivesse com febre. Como se fosse eu quem estivesse doente, precisando de conforto. — Não deixe que ele te afaste. Conrad precisa de você. Ele te ama, você sabe.

Neguei com a cabeça.

— Não ama, não. — Em pensamento, eu acrescentei: *A única pessoa que ele ama é ele mesmo. E você.*

Ela agiu como se não tivesse me ouvido.

— Você o ama?

Quando não respondi, ela acenou como se eu o tivesse feito.

— Você vai fazer uma coisa para mim?

Lentamente, concordei com a cabeça.

— Cuide dele por mim. Você fará isso?

— Você não vai precisar que eu cuide dele, Susannah, você estará aqui para fazer isso — respondi, e tentei não soar desesperada, mas não importava.

Susannah sorriu e disse:

— Você é minha menina, Belly.

Após o almoço, Susannah foi tirar um cochilo. Só acordou no final da tarde, e, quando isso aconteceu, estava muito nervosa e desorientada. Ela gritou com minha mãe uma vez, o que me apavorou. Susannah nunca havia gritado com ninguém. Nona tentou colocá-la na cama, e no início Susannah se recusou, mas depois cedeu. A caminho do quarto, me deu uma piscadela sem entusiasmo.

Jeremiah chegou em casa perto da hora do jantar. Fiquei aliviada ao vê-lo. Ele tornava as coisas mais suaves, mais fáceis. O simples fato de ver o rosto dele amenizava um pouco da tensão de estar ali.

Ele entrou na cozinha e perguntou:

— Que cheiro de queimado é esse? Ah, Laurel está cozinhando. Oi, Laurel!

Minha mãe o chicoteou com o pano de prato. Ele se esquivou e começou a levantar as tampas das panelas de um jeito brincalhão.

— Oi, Jere. — Eu o cumprimentei. Estava sentada num banquinho, descascando vagem.

Ele me olhou superficialmente e disse:

— Ah, oi. Tudo bem? — Depois se aproximou e me deu um ligeiro meio abraço.

Tentei captar nos olhos dele alguma dica de como ele estava, mas Jeremiah não me permitiu. Continuou andando de um lado para o outro, brincando com Nona e minha mãe.

De certo modo, ele continuava o mesmo garoto, mas por outro lado, dava para ver como tudo isso o havia mudado. Ele amadurecera. Tudo precisava de mais esforço, as piadas, os sorrisos. Nada mais vinha fácil.



Capítulo onze

Pareceu ter demorado uma eternidade até Jeremiah falar outra vez. Eu fingia estar dormindo e ele tamborilava os dedos no volante. De repente, ele disse:

— Essa foi a música-tema da minha formatura.

Abri os olhos de imediato.

— A quantas formaturas você já foi? — perguntei.

— No total? Cinco.

— O quê? Ah tá, valeu. Não acredito em você — falei, apesar de acreditar.

Claro que Jeremiah tinha ido a cinco formaturas. Ele era exatamente aquele tipo de cara que todo mundo quer ter como acompanhante. Ele sabia como fazer uma menina se sentir a rainha do baile, mesmo que ela não fosse ninguém.

Jeremiah começou a enumerar nos dedos.

— No primeiro ano, fui a duas, a minha e a da Flora Martinez, no *Sagrado Coração*. Este ano fui à minha formatura e a outras duas. Da Sophia Franklin na...

— Tá, tudo bem. Já entendi. Sei que você é muito requisitado.

Eu me inclinei para mexer no controle do ar-condicionado.

— Tive que comprar um *smoking*. Era mais barato do que alugar um toda vez — explicou ele. Jeremiah só olhava para a frente, e em

seguida disse a última coisa que eu esperava ouvir. — Você estava bonita. Gostei do vestido.

Eu o encarei. Conrad mostrou as fotos para ele? Será que chegou a contar alguma coisa?

— Como você sabe?

— Minha mãe emoldurou uma das fotos.

Não esperava que ele mencionasse Susannah. Pensei que a formatura seria um assunto seguro.

— Tomei conhecimento de que você foi o rei do baile na sua formatura.

— É.

— Aposto que foi divertido.

— Sim, foi muito divertido.

Eu devia ter levado Jeremiah em vez do Conrad. Se tivesse sido Jeremiah, as coisas seriam diferentes. Ele teria dito as coisas certas. Seria Jeremiah no centro da pista de dança, fazendo passos como o *Typewriter*, o *Lawn Mower* e o *Toaster*, e todas aquelas danças estúpidas que ele costumava ensaiar quando assistíamos à MTV.

Ele se lembraria que margaridas eram minhas flores prediletas, e ficaria amigo do namorado de Taylor, Davis, e todas as outras meninas teriam ficado de olho nele, desejando tê-lo como par.



Capítulo doze

Desde o início, eu sabia que não seria nada fácil convencer Conrad a ir. Ele não fazia o tipo rei do baile. Mas a questão era que eu não estava nem aí. Só queria muito que ele fosse comigo, como meu namorado. Já haviam se passado sete meses desde a primeira vez que tínhamos nos beijado. Dois meses desde a última vez que eu o tinha visto. Uma semana desde a última vez que ele ligou.

Ser o par de uma pessoa na formatura é um divisor de águas. É uma coisa real. E eu tinha essa fantasia de formatura na minha cabeça, de como ela seria. Como ele iria me olhar, como colocaria a mão na parte inferior das minhas costas quando dançássemos uma música lenta. Como comeríamos batata frita com queijo na lanchonete depois da festa e assistiríamos ao nascer do sol do capô do carro dele. Eu já tinha tudo planejado, como tudo aconteceria.

Quando liguei naquela noite, Conrad parecia ocupado. Mas segui em frente mesmo assim. Eu o convidei.

— O que você vai fazer no primeiro fim de semana de abril? — Minha voz falhou quando disse a palavra “abril”.

Estava com muito medo de que ele dissesse não. Na verdade, lá no fundo eu meio que esperava por isso.

— Por quê? — perguntou ele cautelosamente.

— É minha formatura.

Ele suspirou.

— Belly, eu odeio bailes.

— Sei disso. Mas é minha formatura e quero muito ir, e quero que vá comigo.

Por que ele sempre tinha que tornar as coisas tão complicadas?

— Estou na faculdade agora — lembrou-me ele. — Não queria ir nem na minha própria formatura.

Levianamente, sugeri:

— Então, está vendo? Mais um motivo para você ir na minha.

— Você não pode ir com seus amigos?

Fiquei em silêncio.

— Sinto muito, mas não estou mesmo a fim de ir. As provas finais estão chegando e vai ser complicado dirigir até aí só por causa de uma noite.

Então ele não podia fazer apenas uma coisa por mim para me deixar feliz. Não estava a fim. Beleza.

— Tudo bem — disse a ele. — Tem vários outros meninos com quem posso ir. Sem problema.

Eu podia ouvir a cabeça dele trabalhando do outro lado da linha.

— Deixa para lá. Eu levo você — falou.

— Quer saber? Nem precisa se preocupar — continuei. — Cory Wheeler já me convidou. Posso dizer a ele que mudei de ideia.

— Quem diabos é Cory Wheeler?

Eu sorri. Tinha conseguido. Ou pelo menos achava que tinha.

— Cory Wheeler. Ele joga futebol com Steven. É um bom dançarino. É mais alto que você.

Mas aí Conrad comentou:

— Acho que vai poder usar salto alto, então.

— Acho que vou. — E desliguei.

Será que era pedir demais que ele fosse meu par na formatura por uma droga de noite? E eu havia mentido sobre Cory Wheeler. Ele não tinha me convidado. Mas eu sabia que o faria, se o deixasse pensar que queria isso.

Na cama, debaixo do edredom, chorei um pouco. Eu tinha a ideia dessa noite de formatura perfeita na cabeça, Conrad de terno e eu com o vestido violeta que minha mãe comprou há dois verões,

aquele que implorei para ter. Ele nunca me viu arrumada antes ou usando salto alto, aliás. Queria muito, muito mesmo que visse.

Mais tarde, ele ligou e deixei que a secretária eletrônica atendesse. Na mensagem, ele disse: "Oi. Desculpa por antes. Não vá com Cory Wheeler nem com nenhum outro cara. Eu vou. Você ainda pode usar salto alto."

Devo ter repetido a mensagem umas trinta vezes, pelo menos. Ainda assim, nunca cheguei a ouvir o que ele realmente dizia... Ele não queria que eu fosse com outro cara, mas também não queria ir comigo.

Usei meu vestido violeta. Minha mãe estava feliz, dava para perceber. Também usei o colar de pérolas que Susannah havia me dado no meu aniversário de 16 anos, e isso também a deixou feliz. Taylor e as outras meninas estavam arrumando o cabelo em salões de beleza chiques. Decidi arrumar o meu por conta própria. Enrolei-o em ondas soltas e minha mãe me ajudou com a parte de trás. Acho que a última vez que ela tinha arrumado meu cabelo fora na segunda série, quando eu usava tranças todos os dias. Ela levava jeito com o *babyliss*, mas também levava jeito com a maioria das coisas.

Assim que ouvi o carro estacionar na entrada de veículos, corri para a janela. Conrad estava bonito de terno preto. Nunca tinha visto aquela roupa antes.

Desci as escadas correndo e abri a porta antes mesmo que ele tocasse a campainha. Não conseguia parar de rir e estava prestes a abraçá-lo quando ele disse:

— Você está bonita.

— Obrigada — respondi, e meus braços voltaram a pender ao meu lado. — Você também.

Devemos ter tirado umas cem fotos em casa. Susannah disse que queria provas fotográficas de nós dois; Conrad usando terno, e eu com aquele vestido. Minha mãe a manteve no telefone para falar conosco. Ela entregou-o para Conrad primeiro, e a resposta dele para o que quer que ela dissesse era a mesma: "Eu prometo." Me perguntei o que ele tanto prometia.

Também fiquei me perguntando se, um dia, Taylor e eu seríamos assim... falando ao telefone enquanto nossos filhos se arrumavam para a formatura. A amizade de minha mãe e Susannah transcendeu décadas, filhos e maridos. Eu me perguntava se minha amizade com Taylor era constituída das mesmas coisas. Duráveis, impenetráveis. De certo modo, eu duvidava disso. O que elas tinham era algo extremamente raro.

Para mim, Susannah perguntou:

— Você arrumou seu cabelo do jeito que conversamos?

— Sim.

— Conrad disse o quanto você está bonita?

— Sim — respondi, apesar dele não ter dito, não exatamente.

— Essa noite será perfeita — prometeu-me ela.

Minha mãe nos posicionou nos degraus da frente, na escadaria, parados próximos à lareira. Steven estava lá com a namorada, Claire Cho. Eles riram o tempo todo, e quando chegou a vez deles de serem fotografados, Steven parou atrás dela com os braços ao redor da cintura e ela se inclinou para trás, apoiando-se nele. Era tão natural. Nas nossas fotos, Conrad ficou formalmente parado ao meu lado, com um braço ao redor dos meus ombros.

— Está tudo bem? — sussurrei.

— Sim — respondeu.

Ele sorriu para mim, mas não acreditei na resposta. Alguma coisa havia mudado. Só não sabia o quê.

Eu lhe dei uma orquídea para a lapela. Ele se esqueceu de trazer meu *corsage*. Disse que o havia deixado em sua geladeira na faculdade. Não fiquei triste nem chateada. Fiquei constrangida. Durante todo esse tempo, dei muita importância ao que rolava entre Conrad e eu, em como éramos algum tipo de casal. Mas tive que implorar para que ele fosse à formatura comigo, e ele nem sequer chegou a se lembrar de me trazer flores.

Pude notar como ele se sentiu péssimo ao perceber isso, no exato momento em que Steven foi até a geladeira e voltou com um *corsage* de pulso, com pequeninas rosas cor-de-rosa para combinar com o vestido de Claire. Ele também lhe deu um grande buquê.

Claire tirou uma das rosas do buquê e entregou-a para mim.

— Aqui — disse ela —, vamos fazer um *corsage* pra você.

Sorri para mostrar a ela como estava agradecida.

— Está tudo bem. Não quero fazer um furo no vestido — expliquei.

Que besteira. Ela não acreditou em mim, mas fingiu ter engolido a desculpa.

— E que tal se colocarmos no seu cabelo, então? Acho que vai ficar muito bonito assim — sugeriu ela.

— Claro — respondi.

Claire Cho era legal. Eu esperava que ela e Steven nunca terminassem. Queria que ficassem juntos para sempre.

Depois do lance com o *corsage*, Conrad se retraiu ainda mais. A caminho do carro, ele segurou meu pulso e disse, num tom de voz baixo:

— Sinto muito por ter esquecido seu *corsage*. Eu devia ter me lembrado.

Engoli em seco e sorri sem chegar a abrir a boca.

— Como ele era?

— Uma orquídea branca — descreveu ele. — Minha mãe que escolheu.

— Bem, no meu próximo baile de formatura você terá que me dar dois *corsage* para compensar — disse a ele. — Vou usar um em cada pulso.

Eu o observei enquanto falava isso. Continuaríamos juntos daqui a um ano, não continuaríamos? Era isso o que eu estava pedindo.

A expressão dele não mudou. Conrad segurou meu braço e disse:

— Como quiser, Belly.

No carro, Steven nos olhava pelo retrovisor.

— Cara, nem acredito que estou saindo de casalzinho com você e minha irmã mais nova. — Ele balançou a cabeça e riu.

Conrad não disse nada.

Eu já podia sentir a noite escapulindo entre meus dedos.

A formatura era uma festa conjunta do primeiro e do terceiro anos. Era assim que nossa escola fazia. Até certo ponto era legal, porque você consegue ir a duas festas de formatura. Os veteranos votavam

no tema, e, este ano, o enredo foi Os Velhos Tempos de Hollywood. Foi no Parque Aquático e havia um tapete vermelho e paparazzi.

A comissão de formatura comprou um daqueles kits, aqueles pacotes de festa de formatura que custam rios de dinheiro. Eles arrecadaram uma boa verba durante toda a primavera. Havia pôsteres de filmes antigos expostos nas paredes, e um grande letreiro de Hollywood piscando. A pista de dança foi feita para parecer com um cenário de filme, com luzes e uma câmera falsa num tripé. Tinha até uma cadeira de diretor na lateral.

Sentamos à mesa com Taylor e Davis. Com seu salto agulha de 12 centímetros, ela e o namorado estavam do mesmo tamanho.

Conrad deu um abraço em Taylor ao chegar, mas não fez muito esforço para conversar com ela ou com Davis. Ele não estava se sentindo à vontade com aquele terno, sentado ali. Quando Davis abriu o paletó e mostrou o cantil prateado para Conrad, eu me encolhi. Talvez Conrad *estivesse* velho demais para tudo isso.

Foi quando vi Cory Wheeler na pista de dança, no centro de uma roda de pessoas, incluindo meu irmão e Claire. Ele estava dançando break.

Eu me inclinei para mais perto de Conrad e sussurrei:

— Aquele é o Cory.

— Quem é Cory? — perguntou.

Não podia acreditar que ele não se lembrava. Simplesmente não podia acreditar. Eu o encarei por um segundo, examinando o rosto dele, e depois me afastei.

— Ninguém — respondi.

Depois de ficarmos sentados ali por alguns minutos, Taylor pegou minha mão e anunciou que estávamos indo ao toalete. Fiquei aliviada.

No banheiro, ela retocou o gloss.

— Davis e eu vamos para o dormitório do irmão dele depois da festa — sussurrou para mim.

— Para quê? — perguntei, vasculhando minha bolsinha em busca do meu próprio gloss.

Taylor me entregou o dela.

— Para... você sabe. Ficarmos *sozinhos*. — Ela arregalou os olhos para dar ênfase.

— Sério? Nossa — falei lentamente. — Não sabia que você gostava tanto dele assim.

— Bem, você tem andado muito ocupada com todo o seu drama Conrad. Ele, por sinal, está um espetáculo, mas por que está sendo tão chato? Vocês brigaram?

— Não... — Eu não conseguia encará-la, então continuei passando o gloss.

— Belly, não entre na dele. Essa é a noite da sua formatura. Tipo, ele é seu namorado, não é? — Ela afofou o cabelo, posando em frente ao espelho e fazendo bico. — Pelo menos o faça dançar com você.

Quando voltamos para a mesa, Conrad e Davis estavam conversando sobre o torneio da NCAA, e relaxei um pouco. Davis era fã do UConn, e Conrad gostava do UNC. O melhor amigo do Sr. Fisher tinha sido um coadjuvante do time, e Conrad e Jeremiah se tornaram grandes fãs. Conrad podia conversar eternamente sobre o basquete universitário da Carolina.

Começou a tocar uma música lenta, Taylor pegou Davis pela mão e seguiram para a pista de dança. Eu os observei dançar, a cabeça dela no ombro dele, as mãos dele no quadril dela. Logo, logo, Taylor não seria mais virgem. Ela sempre disse que seria a primeira.

— Está com sede? — perguntou-me Conrad.

— Não — respondi. — Quer dançar?

Ele hesitou.

— Precisamos?

Tentei sorrir.

— Fala sério, foi você quem supostamente me ensinou a dançar música lenta.

Conrad se levantou e me estendeu a mão.

— Então vamos.

Segurei a mão dele e o segui até o meio da pista de dança. Nós dançamos devagar, e eu estava feliz pela música estar alta e por ele não poder ouvir as batidas do meu coração.

— Estou feliz por você ter vindo — falei, olhando para ele.

— O quê?

Mais alto, repeti:

— Eu disse que estou feliz por você ter vindo.

— Eu também.

A voz dele estava estranha. Disso eu me lembro, do jeito que o tom soou.

Apesar de estar bem na minha frente, com as mãos ao redor da minha cintura, as minhas ao redor do pescoço dele, nunca o senti tão distante.

Depois, voltamos para a mesa.

— Você quer ir a algum lugar? — perguntou ele.

— Bem, a festa pós-formatura só começa depois de meia-noite — respondi, brincando com o colar de pérolas. Eu o enrolava nos dedos. Não conseguia olhar para ele.

— Não, quis dizer só eu e você. Algum lugar onde a gente possa conversar — disse Conrad.

De repente, fiquei tonta. Se Conrad queria ir para algum lugar onde pudéssemos ficar sozinhos, onde pudéssemos conversar, isso significava que ele queria terminar comigo. Estava certa disso.

— Não vamos sair, não. Vamos ficar aqui mais um pouco — falei, e me esforcei para não soar desesperada.

— Tudo bem — concordou ele.

E ficamos ali sentados, assistindo a todos ao nosso redor dançarem, os rostos resplandecentes, maquiagens borradas. Tirei a flor do cabelo e guardei-a na bolsa.

Depois de algum tempo de silêncio, eu comecei:

— Sua mãe obrigou você a vir? — Fazer essa pergunta partiu meu coração, mas eu precisava saber.

— Não. — Mas ele esperou demais para responder.

No estacionamento, estava começando a chover. Meu cabelo, o cabelo que eu tinha passado a tarde toda enrolando, já estava desmanchando.

— Minha cabeça está me matando — disse Conrad enquanto caminhávamos em direção ao carro.

Parei no meio do caminho.

— Quer que eu volte lá dentro e veja se alguém tem uma aspirina?

— Não, está tudo bem. Quer saber, acho melhor voltar para a faculdade. Tenho prova na segunda e tudo mais. Você se importaria se eu não fosse à pós-graduação? Ainda posso te deixar em casa. — Ele não olhou nos meus olhos enquanto falava.

— Achei que fosse passar a noite aqui.

Conrad mexeu na chave do carro e resmungou:

— Eu sei, mas pensando bem, acho que devia voltar... — A voz dele falhou.

— Mas não quero que vá — falei, e odiei a forma como eu parecia implorar.

Ele enfiou as mãos nos bolsos da calça.

— Sinto muito — disse ele.

Ficamos parados no estacionamento, e pensei: *Se entrarmos no carro, estará tudo acabado. Ele vai me deixar em casa, viajar de volta para a faculdade e nunca mais voltar. E tudo ficará por isso mesmo.*

— O que aconteceu? — perguntei, e pude sentir o pânico subir pelo peito. — Fiz alguma coisa errada?

Ele desviou o olhar.

— Não. Não é você. Não tem nada a ver com você.

Segurei-o pelo braço, e ele hesitou.

— Será que você pode conversar comigo? Me dizer o que está acontecendo?

Conrad não disse nada. Ele queria já estar dentro do carro, indo embora. Quanto a mim, eu queria bater nele.

— Tá, tudo bem, então. — Me adiantei. — Se não vai dizer, eu vou.

— Se não vou dizer o quê?

— Que acabou. Que, seja lá o que isso for, acabou. É isso, não é?

Eu estava chorando, o nariz escorria, e tudo isso estava misturado com a chuva. Sequei meu rosto com a parte de trás do braço.

Ele hesitou. Eu o vi hesitar, medir as palavras.

— Belly...

— Não — falei, me distanciando dele. — Simplesmente não. Não me diga nada.

— Espere só um minuto — pediu. — Não deixe as coisas acabarem assim.

— É você quem está deixando acabar assim — retruquei.

Então comecei a me afastar, o mais rápido que meus pés conseguiam com aquele salto estúpido.

— Espere! — gritou ele.

Não dei meia-volta, andei mais rápido. Depois eu o ouvi socar o capô do carro. Quase parei.

Talvez tivesse parado se ele tivesse me seguido. Mas ele não veio atrás de mim. Entrou no carro e foi embora, como disse que faria.

Na manhã seguinte, Steven entrou no meu quarto e se sentou à minha escrivaninha. Tinha acabado de chegar em casa. Ainda estava com o smoking.

— Estou dormindo — disse a ele, rolando para o lado.

— Não está, não. — Ele fez uma pausa. — Conrad não vale a pena, tá?

Eu sabia como foi difícil para ele me dizer aquilo, e eu o amei pelo gesto. Steven era o fã número um de Conrad, sempre fora. Quando Steven se levantou e saiu, repeti para mim mesma. “Ele não vale a pena.”

Quando desci as escadas no dia seguinte, perto da hora do almoço, minha mãe me perguntou:

— Você está bem?

Eu me sentei à mesa da cozinha e deitei a cabeça. Senti a madeira fria e agradável junto ao meu peito. Olhei para ela.

— Pelo visto, Steven já veio fofocar.

— Não exatamente — falou ela com cuidado. — Perguntei a ele por que Conrad não dormiu aqui como planejamos.

— Nós terminamos.

De certa forma, era emocionante ouvir isso ser dito em voz alta, porque se tínhamos terminado significava que em algum momento estivemos juntos. Que tínhamos sido de verdade.

Minha mãe se sentou na minha frente. Ela suspirou.

— Estava com medo de que isso acontecesse.

— O que quer dizer?

— A situação é muito mais complicada do que só você e Conrad. Existem mais pessoas envolvidas.

Eu queria gritar com ela, dizer como ela estava sendo insensível, como estava sendo cruel, e perguntar como era possível ela não ver que meu coração estava literalmente partido. Mas quando olhei para o rosto dela me contive e engoli as palavras. Ela estava certa. Havia mais coisas com que me preocupar além do meu coração idiota. Tinha que pensar em Susannah. Ela ia ficar tão desapontada. Eu odiava desapontá-la.

— Não se preocupe com Beck — comentou minha mãe, a voz soava gentil. — Eu mesma conto. Quer que eu prepare alguma coisa para você comer?

Respondi que sim.

Mais tarde, no meu quarto, sozinha de novo, disse a mim mesma que era melhor assim. Que ele queria isso desde o começo; então foi melhor eu falar primeiro. Mas eu não acreditava em nada disso. Se ele tivesse ligado e me pedido para voltar, se tivesse aparecido aqui em casa com flores ou um rádio no ombro tocando nossa música — nós sequer tínhamos uma música? Eu não sabia dizer, mas, se ele tivesse feito o mínimo gesto, eu o teria aceitado de volta, com prazer. Mas Conrad não ligou.

Quando fiquei sabendo que Susannah tinha piorado, que ela não ia melhorar nem um pouco, eu liguei, uma vez. Ele não atendeu e eu não deixei uma mensagem. Se tivesse atendido, se tivesse retornado a ligação, não sei o que eu teria dito.

E foi assim. Tínhamos terminado.



Capítulo treze

JEREMIAH

Quando minha mãe descobriu que Conrad ia levar Belly ao baile de formatura, ela ficou histérica. Absurdamente feliz. Dava para pensar que eles estavam se casando ou alguma coisa do tipo. Eu não a via feliz assim há muito tempo, e parte de mim estava contente por ele poder proporcionar isso a ela. Mas, acima de tudo, eu estava com ciúmes. Mamãe não parava de ligar para ele na faculdade, lembrando-o de coisas, certificando-se de que alugasse o smoking a tempo. Ela disse que ele talvez pudesse pegar o meu emprestado, e eu falei que duvidava que coubesse. O assunto ficou por isso mesmo, e isso me deixou aliviado. Acabei indo ao baile de formatura de uma garota naquela noite. Então ele não poderia tê-lo usado mesmo. A questão é, mesmo que ele pudesse ter usado, eu não ia querer que o fizesse.

Ela o fez prometer que seria gentil com Belly, o perfeito cavalheiro.

— Faça a noite dela ser inesquecível — orientou minha mãe.

Quando cheguei em casa na tarde depois da formatura, o carro de Conrad estava na entrada de veículos, o que era estranho. Achei que ele ficaria na casa de Laurel e depois seguiria direto para a faculdade. Parei no quarto dele, mas Conrad estava dormindo e, logo depois, eu também apaguei.

Naquela noite pedimos comida chinesa porque mamãe disse estar com desejo, mas, quando a entrega chegou, ela não comeu nada.

Lanchamos na sala de TV, no sofá, algo que nunca fazíamos antes dela adoecer.

— E então? — perguntou ela, olhando para Conrad de um jeito completamente ávido.

Essa foi a coisa mais enérgica que a vi fazer o dia todo.

Ele estava enfiando um rolinho primavera garganta abaixo, como se estivesse com muita pressa. E tinha trazido toda aquela roupa suja com ele, como se esperasse que mamãe fosse lavar.

— Então o quê? — perguntou ele.

— Então que você me fez esperar o dia todo para ouvir sobre a formatura! Quero saber de tudo!

— Ah, isso.

Ele estava com um ar envergonhado no rosto, e eu sabia que não queria falar sobre o assunto. Tinha certeza de que ele tinha estragado tudo.

— Ah, isso — provocou minha mãe. — Vamos lá, Connie, me dê alguns detalhes. Como ela ficou com o vestido? Vocês dançaram? Quero saber de tudo. Ainda estou esperando Laurel me mandar as fotos por e-mail.

— Foi bom — disse Conrad.

— Só isso? — perguntei.

Fiquei irritado com ele naquela noite, com tudo nele.

Ele levou Belly ao baile e agiu como se isso fosse uma grande obrigação. Se fosse comigo, eu faria tudo certo.

Conrad me ignorou.

— Ela estava muito bonita. Usou um vestido roxo.

Mamãe concordou com a cabeça, sorrindo.

— Sei exatamente qual. Como ficou o *corsage*?

Ele se ajeitou no sofá.

— Ficou legal.

— Você acabou comprando o modelo broche ou o tipo que se usa no pulso?

— O broche — respondeu ele.

— E vocês dançaram?

— Sim, muito. Dançamos, tipo, todas as músicas.

— Qual foi o tema?

— Não me lembro — disse, e quando mamãe pareceu ficar desapontada, ele acrescentou — Acho que foi Uma Noite no Velho Continente. Foi, tipo uma viagem pela Europa. Eles tinham uma grande Torre Eiffel, enfeitada com luzes de Natal, e uma London Bridge, que você podia atravessar. E uma Torre de Pisa.

Lancei um olhar para ele. Uma Noite no Velho Continente foi o tema do baile de formatura da nossa escola no ano passado. Sei disso porque eu estava lá.

Mas acho que minha mãe não se lembrava, porque ela disse:

— Oh, parece tão bonito. Queria ter podido estar na casa de Laurel para ajudar Belly a se arrumar. Vou ligar para Laurel hoje à noite e perturbá-la para me mandar logo as fotos. Quando você acha que vai receber as fotos profissionais? Quero emoldurá-las.

— Não sei ao certo — disse ele.

— Pergunte a Belly, OK? — Ela apoiou o prato na mesa de centro e recostou nas almofadas do sofá. Parecia exausta de repente.

— Pode deixar — respondeu ele.

— Acho que vou me deitar agora — comentou ela. — Jere, você arruma tudo?

— Claro, mãe — afirmei, ajudando-a a ficar de pé.

Ela nos deu um beijo na bochecha e foi para o quarto. Estávamos usando o quarto de estudos no segundo andar e mudamos o quarto dela para baixo, pois assim minha mãe não precisava ficar subindo e descendo escadas.

Quando ela não estava mais por perto, perguntei sarcasticamente:

— Então vocês dançaram a noite toda, hein?!

— Deixa isso quieto — respondeu ele, recostando a cabeça no sofá.

— Você pelo menos foi à formatura? Ou mentiu para mamãe sobre isso também?

Ele me fuzilou com o olhar.

— Sim, eu fui.

— Bem, de toda forma eu duvido que vocês tenham dançado a noite toda — comentei. Me senti um imbecil, mas simplesmente não

podia deixar passar.

— Por que você tem que ser tão babaca? Por que se importa tanto com a formatura?

Dei de ombros.

— Só espero que não tenha arruinado o momento dela. Afinal de contas, o que está fazendo aqui?

Eu esperava irritá-lo; na verdade, acho que queria que isso acontecesse. Mas tudo o que ele disse foi:

— Nem todos nós podemos ser o Sr. Rei do Baile. — Ele começou a fechar as caixas de comida. — Acabou de comer?

— Sim, acabei.



Capítulo quatorze

Quando entramos no campus, havia pessoas circulando pelo gramado. Meninas de short e tops de biquíni estavam deitadas ao sol, e um grupo de garotos jogava *Ultimate Frisbee*. Encontramos uma vaga bem em frente ao dormitório de Conrad e aproveitamos para entrar no prédio quando uma garota saiu com um cesto cheio de roupas para lavar. Me senti incrivelmente jovem, e perdida também... Nunca tinha estado ali antes. Era diferente do que eu havia imaginado. Mais barulhento. Mais tumultuado.

Jeremiah sabia o caminho e tive que correr para acompanhá-lo. Ele subia dois degraus por vez, e no terceiro andar nós paramos. Eu o segui por um corredor intensamente iluminado. Na parede ao lado do elevador havia um quadro de avisos que dizia: vamos conversar sobre sexo, baby. Havia panfletos sobre DST e como realizar o exame das mamas, e camisinhas coloridas espertamente grampeadas por todo o lugar. *Pegue uma*, alguém havia escrito com marca-texto. *Ou três*.

A porta de Conrad tinha o nome dele, e abaixo, o nome Eric Trusky.

Seu colega de quarto era um cara atarracado e musculoso com o cabelo castanho avermelhado que abriu a porta usando um short de ginástica e uma camisa de malha.

— E aí? — perguntou, os olhos pousando em mim.

Ele me lembrava um lobo. Em vez de me sentir lisonjeada por ter um cara de faculdade me secando, só achei nojento. Queria me esconder atrás de Jeremiah do jeito que costumava fazer atrás da saia da minha mãe quando tinha 5 anos e era muito tímida. Tive que me lembrar que tinha 16, quase 17. Velha demais para ficar nervosa perto de um cara chamado Eric Trusky. Mesmo depois de Conrad ter me contado que Eric sempre lhe enviava vídeos pornôos bizarros e passava praticamente o dia todo no computador. A não ser quando assistia a novelas das 14h às 16h.

Jeremiah limpou a garganta.

— Sou irmão do Conrad, e essa é... nossa amiga. Você sabe onde ele está?

Eric abriu a porta e nos deixou entrar.

— Cara, não faço ideia. Ele simplesmente vazou. Ari te ligou?

— Quem é Ari? — perguntou Jeremiah.

— O orientador — disse ele.

— Ari, o orientador — repeti, e os cantos da boca de Jeremiah se ergueram.

— Quem é você? — perguntou-me Eric.

— Belly.

Eu o observei, esperando por um lampejo de reconhecimento, alguma coisa que me permitisse saber que Conrad havia falado sobre mim, que havia ao menos mencionado alguma coisa. Mas obviamente não havia dito nada.

— Belly, né? Que bonitinho. Sou Eric — continuou ele, recostando na parede.

— Hum, oi — respondi.

— Então... Conrad não disse nada antes de sair? — interrompeu Jeremiah.

— Ele mal fala, e ponto. Parece mais um androide. — Depois sorriu de um jeito malicioso para mim. — Bem, ele conversa com garotas bonitas.

Me senti mal. Que garotas bonitas? Jeremiah bufou e entrelaçou as mãos atrás da cabeça. Depois pegou o celular e o encarou, como se houvesse alguma resposta ali.

Eu me sentei na cama de Conrad... lençol e edredom azul marinho. Ela estava desarrumada. Conrad sempre arrumava a cama na casa de verão com dobraduras no melhor estilo camareira de hotel e tudo mais.

Então era assim que ele estava vivendo. Essa era sua vida agora.

Ele não tinha muitas coisas no quarto do dormitório. Não havia TV, nem som, nem fotos penduradas. Certamente nenhuma minha, mas nem mesmo uma de Susannah nem do pai dele. Só o computador, as roupas, alguns sapatos e livros.

— Eu estava de saída, pessoal. Indo para a casa de campo dos meus pais. Vocês podem só trancar a porta ao sair? E quando encontrarem o C digam que ele me deve vinte pratas pela pizza.

— Não se preocupe, cara. Vou dar o recado — respondeu Jeremiah.

Deu para perceber que ele não gostava do Eric pelo jeito que seus lábios nem chegaram a formar um sorriso quando disse isso. Ele se sentou à mesa de Conrad, analisando o quarto.

Alguém bateu na porta e Eric caminhou lentamente para abri-la. Era uma garota, usando uma blusa de manga comprida, *leggings* e óculos escuros presos na cabeça.

— Você viu meu suéter? — perguntou ela.

A menina olhou ao redor dele como se procurasse alguma coisa. Alguém.

Será que eles ficaram?, eu me perguntei. Esse foi meu primeiro pensamento. O segundo foi *sou mais bonita do que ela*. Senti vergonha de mim mesma por pensar assim, mas não pude evitar. A verdade é que, não importava quem fosse mais bonita, ela ou eu. Ele não me queria mesmo.

Jeremiah deu um pulo.

— Você é amiga do Con? Sabe para onde ele foi?

Ela nos olhou de um jeito curioso. Percebi que achou Jeremiah bonitinho pelo jeito como colocou o cabelo para trás da orelha e tirou os óculos escuros.

— Bem, sim. Oi. Sou Sophie. Quem é você?

— Irmão dele.

Jeremiah caminhou até ela e apertou sua mão. Apesar do estresse, ele teve tempo para analisá-la minuciosamente e dar um dos seus sorrisos típicos que ela logo absorveu.

— Ah, nossa. Vocês nem se parecem?

Sophie era uma daquelas meninas que terminava as frases com um ponto de interrogação. Já dava para perceber que se eu a conhecesse iria odiá-la.

— É, já ouvi muito isso — disse Jeremiah. — Con comentou alguma coisa com você, Sophie?

Ela gostou do jeito que ele a chamava pelo nome.

— Acho que disse que ia para a praia, surfar ou alguma coisa do tipo? Ele é tão doido.

Jeremiah olhou para mim. A praia. Ele estava na casa de veraneio.

Quando Jeremiah ligou para o pai, eu me sentei na beirada da cama de Conrad e fingi não estar ouvindo. Ele disse ao Sr. Fisher que estava tudo bem, que Conrad estava seguro em Cousins. Ele não mencionou que eu estava ali.

— Pai, eu vou buscá-lo, não tem nada de mais.

O Sr. Fisher disse alguma coisa do outro lado da linha, e Jeremiah respondeu:

— Mas pai... — Em seguida ele olhou para mim e gesticulou com a boca um *Já volto*.

Jeremiah seguiu para o corredor e fechou a porta atrás de si.

Depois que saiu, eu fui me deitar na cama de Conrad e fitei o teto. Então era aqui que ele dormia todas as noites. Eu o conhecia a minha vida toda, mas em alguns aspectos ele permanecia um mistério para mim. Um enigma.

Eu me levantei da cama e segui em direção à mesa dele. Com todo cuidado, abri a gaveta e encontrei uma caixa de canetas, alguns livros e papel. Conrad sempre foi muito caprichoso com as coisas. Disse a mim mesma que isso não era *espionagem*. Estava procurando por provas. Eu era Belly Conklin, detetive.

Eu a encontrei na segunda gaveta. Uma caixa azul-celeste da Tiffany enfiada lá no fundo. Mesmo sabendo que abri-la era errado

não pude me conter. Era uma caixinha de joia, e havia um colar dentro, um pingente. Eu o tirei dali e deixei que pendesse.

No início, achei que era a imagem de um oito, e que talvez ele estivesse namorando uma garota que patinasse no gelo... E decidi odiá-la também. Mas, depois, olhei-o com mais atenção e coloquei-o na horizontal na palma da mão. Não era um oito.

Era o símbolo do infinito.



Foi quando percebi. O colar não era para alguma menina que patinava no gelo nem para a Sophie do fim do corredor. Era para mim. Ele o havia comprado para mim. Aqui estava minha prova. A prova de que ele realmente se importava.

Conrad era bom em matemática. Bem, ele era bom em tudo, mas era muito bom em matemática.

Algumas semanas depois que começamos a conversar pelo telefone, quando tinha praticamente se tornado uma rotina, mas não menos emocionante, contei a ele o quanto eu odiava trigonometria e como já estava indo mal na matéria. Me senti imediatamente culpada por tocar nesse assunto... Lá estava eu reclamando de matemática enquanto Susannah estava com câncer. Meus problemas eram tão insignificantes e infantis, tão *ensino médio* comparados com o que Conrad estava passando.

— Desculpe — falei.

— Pelo quê?

— Por falar da minha nota ridícula em trigonometria quando... — minha voz falhou. — Quando sua mãe está doente.

— Não se desculpe. Você pode dizer o que quiser para mim. — Ele fez uma pausa. — E Belly, minha mãe está melhorando. Ela engordou dois quilos este mês.

A esperança na voz dele fez com que me sentisse tão compassiva em relação a ele que eu podia ter chorado.

— É, minha mãe me contou isso ontem. Uma ótima notícia.

— Então, tudo bem. Mas seu professor já lhe ensinou o sohcahtoa?

A partir dali, Conrad começou a me ajudar, tudo pelo telefone. No início eu não prestava muita atenção, só ficava ouvindo aquela voz, ouvindo-o explicar as coisas. Mas, quando me fazia uma pergunta para ver se eu estava atenta, eu odiava desapontá-lo. E assim começaram as aulas particulares. Pelo jeito que minha mãe sorria maliciosamente quando o telefone tocava à noite, eu sabia que ela achava que estávamos tendo algum tipo de romance, e não a corrigi. Era mais fácil assim. E isso me fazia sentir bem, as pessoas pensando que éramos um casal. Admito que as deixava pensar assim. Queria que pensassem assim. Eu sabia que não era verdade, ao menos ainda não, mas desse jeito quem sabe poderia ser. Um dia. Nesse meio tempo, eu tinha meu próprio professor particular de matemática e começava a pegar o jeito com a trigonometria. Conrad conseguia fazer as coisas impossíveis fazerem sentido, e nunca o amei tanto quanto durante aquelas noites escolares que ele passava comigo ao telefone, repassando os mesmos problemas várias e várias vezes, até que eu, finalmente, os entendesse também.

Jeremiah voltou para o quarto, e fechei o punho ao redor do colar antes que ele pudesse vê-lo.

— E aí? — perguntei. — Seu pai ficou irritado? O que ele disse?

— Ele mesmo queria ir para Cousins, mas eu disse para deixar comigo. Conrad nunca ouviria meu pai numa hora dessas. Se papai viesse, só o deixaria ainda mais irritado. — Jeremiah se sentou na cama. — Acho que vamos para Cousins esse verão, afinal.

Assim que ele disse isso, a situação se tornou real. Quero dizer, na minha imaginação. Ver Conrad não era mais um faz de conta tão distante. Estava acontecendo. Num piscar de olhos, esqueci todos os meus planos para salvá-lo e falei sem pensar:

— Talvez você devesse me deixar em casa no caminho.

Jeremiah me encarou.

— Está falando sério? Não posso lidar com isso sozinho. Você não sabe como tem sido difícil. Desde que mamãe adoeceu de novo,

Conrad tem agido de um jeito totalmente autodestrutivo. Não liga para nada. — Jeremiah parou de falar e depois comentou: — Mas sei que ele ainda se importa com o que você pensa dele.

Umedeci os lábios, que ficaram secos de repente.

— Não tenho tanta certeza disso.

— Bem, eu tenho. Conheço meu irmão. Será que você pode, por favor, vir comigo?

Quando pensei na última coisa que disse a Conrad, a vergonha tomou conta de mim e me queimou por dentro. Não se diz aquele tipo de coisa para uma pessoa que acabou de perder a mãe. Simplesmente não se diz. Como eu poderia ficar frente a frente com ele? Simplesmente não dava.

E, então, Jeremiah disse:

— Vou trazer você de volta a tempo para a festa no barco, se é com isso que está preocupada.

Dizer esse tipo de coisa não fazia o estilo de Jeremiah, e isso me tirou do transe de vergonha e me fez encará-lo.

— Você acha que eu ligo para uma festinha idiota num barco em comemoração ao 4 de julho?

Ele me lançou um olhar.

— Você adora fogos de artifício.

— Cala a boca — eu ordenei, e ele abriu um sorriso. — Tudo bem — cedi. — Você venceu. Eu vou.

— Tudo certo, então. — Ele se levantou. — Vou tirar água do joelho antes de irmos. Ah, e Belly?

— Oi?

Jeremiah sorriu maliciosamente para mim.

— Sabia que ia ceder. Você não tinha escolha.

Joguei um travesseiro em cima dele, que se esquivou e fez uma minivolta da vitória até a porta.

— Faz esse xixi logo, seu babaca.

Quando saiu, coloquei o colar por baixo da camiseta. O pingente havia deixado uma marquinha do infinito em minha mão, por eu tê-lo segurado com muita força.

Por que fiz isso? Por que o coloquei no pescoço? Por que simplesmente não o coloquei no bolso ou saí com ele na caixa? Não

sei nem ao menos explicar. Tudo o que eu sabia era que queria muito, muito mesmo, usá-lo. Era como se ele pertencesse a mim.



Capítulo quinze

Antes de descermos para o carro peguei os livros, cadernos e o laptop de Conrad e enfiei tudo o que pude numa mochila North Face que encontrei no armário.

— Assim ele vai poder estudar para os testes de segunda — expliquei, entregando o laptop para Jeremiah.

Ele deu uma piscadela e disse:

— Gosto do seu raciocínio, Belly Conklin.

A caminho da saída, paramos no quarto do Ari, o orientador. A porta estava aberta e ele estava sentado à mesa. Jeremiah enfiou a cabeça lá dentro.

— Oi, Ari. Sou irmão do Conrad, Jeremiah. Nós o encontramos. Obrigado pelo aviso.

Ari abriu um sorriso.

— Sem problema.

Jeremiah fazia amigos onde quer que fosse. Todos querem ser amigos de Jeremiah Fisher.

Depois seguimos nosso rumo. Direto para Cousins, sem paradas. Dirigimos com os vidros abertos, o rádio a todo volume.

Não conversamos muito, mas dessa vez não me importei. Acho que nós dois estávamos ocupados demais pensando. Quanto a mim, fiquei me lembrando da última vez que havia passado por essa

estrada. Só que não tinha sido com Jeremiah. Tinha sido com Conrad.



Capítulo dezesseis

Essa foi, sem dúvida, uma das melhores noites da minha vida. Junto com a véspera de Ano-Novo na Disneylândia. Meus pais ainda estavam casados e eu tinha 9 anos. Assistimos ao espetáculo de fogos de artifício bem em cima do Castelo da Cinderela. Steven nem reclamou.

Quando ele ligou, não reconheci a voz, em parte porque não estava esperando e em parte porque eu ainda estava sonolenta.

— Estou no carro a caminho da sua casa. Posso ir te ver? — disse ele.

Era meia-noite e meia. Boston ficava a cinco horas e meia de distância. Ele dirigira a noite toda. Queria me ver.

Orientei-o a estacionar na rua que eu o encontraria na esquina, depois que minha mãe fosse para a cama. Ele disse que esperaria.

Apaguei as luzes e esperei à janela observando as lanternas dos automóveis. Assim que avistei o carro, queria correr lá para fora, mas precisava esperar. Podia ouvir minha mãe se movimentando pelo quarto, e eu sabia que ela lia na cama por pelo menos meia hora antes de cair no sono. Parecia uma tortura saber que ele estava lá fora esperando por mim sem poder ir até ele. Era uma ideia louca, porque era inverno, e devia estar um frio congelante em Cousins. Mas quando ele fez essa sugestão senti que era uma loucura boa.

No escuro, coloquei meu cachecol e o chapéu de tricô que minha avó fez e me deu de Natal. Depois fechei minha porta e desci o corredor na ponta dos pés até o quarto da minha mãe, encostando a orelha na porta. A luz estava apagada e eu podia ouvi-la roncando baixinho. Steven ainda não tinha chegado em casa, para minha sorte, porque ele tem o sono leve como o do nosso pai.

Minha mãe finalmente adormeceu. A casa estava calma e silenciosa. Nossa árvore de Natal continuava montada. Deixávamos a iluminação acesa a noite toda porque assim sentíamos como se ainda fosse Natal, como se a qualquer minuto Papai Noel pudesse aparecer com presentes. Não me dei ao trabalho de deixar um bilhete. Eu ligaria na manhã seguinte, quando ela acordasse e se perguntasse onde eu estava.

Deslizei os pés escada abaixo, tomando cuidado com o degrau do meio que rangia, mas ao sair da casa desci voando os degraus da frente, atravessando o gramado congelado. A sola do meu tênis o triturava ruidosamente e me esqueci de colocar o casaco. Lembrei-me do cachecol e do chapéu, mas não do casaco.

O carro dele estava na esquina, bem onde deveria estar. O carro estava escuro, sem nenhuma luz acesa, e abri a porta do lado do carona como já havia feito um milhão de vezes.

Enfiei a cabeça lá dentro, mas não entrei, não de imediato. Queria vê-lo primeiro. Era inverno, e ele estava usando um casaco cinza de lã. As bochechas rosadas por causa da friagem, o bronzeado tinha desbotado, mas ele continuava o mesmo.

— Oi — falei, e depois entrei no carro.

— Você não está usando um casaco.

— Não está tão frio — respondi, embora eu estivesse tremendo ao dizer isso.

— Toma — disse ele, tirando o casaco de lã e entregando-o a mim.

Eu o vesti. Estava quente e não fedia a cigarro. Tinha apenas o cheiro dele. Enfim, Conrad tinha parado de fumar. O pensamento me fez sorrir.

Ele deu a partida.

— Nem acredito que você está realmente aqui — comentei.

Ele parecia quase envergonhado quando disse:

— Nem eu. — E depois hesitou. — Você vai mesmo comigo?

Não podia acreditar que ele ainda precisasse perguntar. Eu iria a qualquer lugar.

— Sim — respondi.

Senti como se não existisse mais nada fora daquele mundo, daquele momento. Só nós dois. Tudo o que acontecera naquele verão, e em todos os verões antes daquele, levou a isso. Ao agora.

Sentar ao lado dele no banco do carona parecia um presente impossível. Como se fosse o melhor presente de Natal da minha vida. Porque ele estava sorrindo para mim e não estava com aquele ar sombrio, nem solene, nem sorumbático, nem nenhuma outra palavra que começava com *S* e que eu passara a associar a Conrad. Ele estava leve, entusiasmado, mostrando as melhores parte de si.

— Acho que vou ser médico — contou ele, olhando para mim de rabo de olho.

— Sério? Nossa.

— A medicina é realmente impressionante. Durante um tempo, pensei que ia optar pela área da pesquisa, mas agora acho que prefiro trabalhar é mesmo com pessoas.

Eu hesitei, e depois resolvi perguntar:

— Por causa da sua mãe?

Ele fez que sim.

— Ela está melhorando, sabe. A medicina está tornando isso possível. Ela está respondendo muito bem ao novo tratamento. Sua mãe te contou?

— Contou, sim — respondi. Apesar dela nada dizer.

Ela provavelmente não queria alimentar minhas esperanças. Provavelmente não queria alimentar as próprias esperanças. Minha mãe era assim. Não se permitia ficar animada até ter certeza de que era uma coisa certa. Eu não. Já até me sentia mais leve, mais feliz. Susannah estava melhorando. Eu estava com Conrad. Tudo estava acontecendo como deveria acontecer.

Inclinei-me e apertei o braço dele.

— Essa é a melhor notícia que eu podia receber — afirmei, e estava sendo sincera.

Ele sorriu para mim, e todo o seu rosto transparecia uma coisa: esperança.

Quando chegamos à casa, estava um frio de rachar. Acionamos o aquecedor e Conrad acendeu a lareira. Eu o observei se agachar, rasgar pedaços de papel e enfiá-los gentilmente entre a lenha. Aposto que ele tinha sido gentil com seu cachorro, Boogie. Aposto que deixava Boogie dormir na cama com ele. A lembrança de camas e sono me deixou repentinamente nervosa. Mas eu não devia ter ficado, porque, após acender a lareira, Conrad sentou na poltrona reclinável e não no sofá ao meu lado. Um pensamento me ocorreu de repente: ele também estava nervoso. Conrad, que nunca ficava nervoso. Nunca.

— Por que você está sentado tão longe assim? — perguntei, e pude ouvir meu coração batendo bem atrás das orelhas.

Não conseguia acreditar que fui corajosa o suficiente para dizer o que estava pensando.

Conrad parecia surpreso também, então se aproximou e sentou ao meu lado. Cheguei mais perto dele. Queria que colocasse seus braços ao meu redor. Queria fazer todas aquelas coisas que eu só tinha visto na TV e ouvido Taylor contar. Bem, talvez não todas, mas algumas.

— Não quero que fique com medo — disse Conrad numa voz baixa.

— Não estou — sussurrei, embora estivesse.

Não com medo dele, mas com medo de tudo o que eu sentia. Às vezes era demais. O que eu sentia por ele era maior que o mundo, maior que tudo.

— Que bom. — Ele respirou e depois estava me beijando.

Ele me beijou longa e lentamente e, embora já tivéssemos nos beijado uma vez, nunca imaginei que poderia ser assim. Ele não teve pressa. Passou a mão ao longo do comprimento do meu cabelo, do jeito que fazemos quando passamos por sinos de vento pendurados.

Beijá-lo, estar com ele daquele jeito... era como beber limonada com um canudinho longo: doce, cadenciado e prazeroso de uma forma que parecia infinita. Passou pela minha cabeça que eu nunca queria parar de beijá-lo. *Eu podia fazer isso para sempre*, pensei.

Ficamos nos beijando no sofá pelo que poderia ser horas ou minutos. Tudo o que fizemos aquela noite foi beijar. Ele foi cuidadoso, o jeito como me tocava, como se eu fosse um enfeite de Natal que ele estivesse com medo de quebrar.

Num determinado momento, ele sussurrou:

— Você está bem?

Noutro, coloquei minha mão sobre o peito dele e pude sentir o coração batendo tão rápido quanto o meu. Dei uma espiadinha, e por alguma razão fiquei encantada ao vê-lo de olhos fechados. Ele tinha cílios que eram mais longos que os meus.

Conrad dormiu primeiro. Eu já tinha ouvido alguma coisa sobre como não se deve dormir enquanto a lareira ainda estiver acesa, então esperei até que o fogo apagassem. Observei Conrad dormir por um tempo. Ele parecia um menininho, pelo jeito que o cabelo caía sobre a testa e os cílios tocavam as bochechas. Não me lembrava de tê-lo visto com uma aparência tão jovem. Quando tive certeza de que estava dormindo, me inclinei e sussurrei:

— Conrad. Só existe você. Para mim, sempre só existiu você.

Minha mãe surtou quando percebeu que eu não estava em casa pela manhã. Perdi duas ligações dela porque estava dormindo. Quando ligou, furiosa, já pela terceira vez, perguntei:

— Você não viu meu bilhete? — E foi então que me lembrei que não havia deixado um.

Ela praticamente rosou.

— Não, não vi bilhete nenhum. Nunca mais saia no meio da noite sem me avisar, Belly.

— Mesmo que seja só para uma passeio na madrugada? — brinquei. Eu sempre conseguia fazer minha mãe rir. Era só contar uma piada que a raiva desaparecia. Comecei a cantar a música de Patsy Cline de que ela mais gostava. — *I go out walkin', after midnight, out in the moonlight...*

— Não tem graça. Onde você está? — A voz dela estava tensa, firme.

Hesitei. Não havia nada que minha mãe odiasse mais do que uma pessoa mentirosa. Ela acabaria descobrindo. Parecia uma vidente.

— Hã... Cousins? — respondi, e a ouvi respirar fundo.

— Com quem?

Olhei para ele, estava ouvindo atentamente. Eu queria que não estivesse.

— Conrad — falei, abaixando o tom de voz.

A reação dela me surpreendeu. Eu a ouvi respirar novamente, mas dessa vez foi como um curto suspiro, um suspiro de alívio.

— Você está com Conrad?

— Sim.

— Como ele está? — Essa era uma pergunta estranha, levando em consideração o que aconteceu enquanto ela estava chamando minha atenção.

Sorri para ele e abanei o rosto como demonstrando alívio. Ele piscou para mim.

— Ótimo — respondi, mais relaxada.

— Que bom, que bom — disse, mas foi como se falasse para si mesma. — Belly, quero você em casa hoje à noite. Estamos entendidas?

— Sim — falei agradecida. Achei que ela nos mandaria voltar naquele exato momento.

— Diga a Conrad para dirigir com cuidado. — Ela fez uma pausa. — E Belly?

— Sim, Laurel? — Ela sempre sorria quando eu a chamava pelo primeiro nome.

— Aproveite. Esse será seu último dia de diversão por muito tempo.

Suspirei.

— Estou de castigo?

Ficar de castigo era uma novidade: minha mãe nunca tinha feito isso comigo, mas acho que eu nunca havia dado motivo para isso.

— Essa é uma pergunta muito idiota.

Agora que ela não estava mais chateada não pude resistir.

- Não foi você quem disse que não existem perguntas idiotas?
Ela desligou. Mas eu sabia que a fizera sorrir.
Fechei o celular e encarei Conrad.
— O que faremos agora?
— O que quisermos.
— Quero ir à praia.

E assim fizemos. Nos empacotamos e corremos para a praia com as galochas que encontramos na antessala. Usei a de Susannah, que calçava dois números a mais que eu, e fiquei escorregando na areia. Caí de bunda duas vezes. Fiquei rindo o tempo todo, mas mal conseguia me ouvir porque o vento estava soprando alto demais. Quando voltamos para dentro, coloquei minhas mãos congelantes nas bochechas dele e, em vez de afastá-las, ele disse:

— Ah, que delícia.

Eu ri.

— Você acha isso porque tem o coração gelado — afirmei.

Conrad colocou minhas mãos nos bolsos do casaco dele e disse numa voz tão macia que cheguei a me perguntar se o escutei direito.

— Para todos os outros, talvez. Mas não para você.

Ele não olhou para mim ao dizer isso, e foi assim que soube que estava sendo sincero.

Fiquei sem saber o que dizer, e em vez disso fiquei na ponta dos pés e o beijei na bochecha. Ela estava fria e macia ao encontrar meus lábios.

Conrad deu um breve sorriso e começou a se afastar.

— Está com frio? — perguntou, de costas para mim.

— Um pouco.

Eu estava ficando vermelha.

— Vou acender a lareira de novo.

Enquanto ele trabalhava com a lenha, encontrei uma caixa velha de chocolate quente Swiss Miss na despensa, perto dos chás Twinings e do café Chock full o’Nuts, o preferido da minha mãe. Susannah costumava fazer chocolate quente para nós nas noites

chuvosas e quando havia uma friagem no ar. Ela usava leite, mas obviamente não tinha; então usei água.

Quando me sentei no sofá, balançando a caneca, observando os mini marshmallows se desintegrarem, pude sentir meu coração batendo, tipo um milhão de vezes por minuto. Quando estava com ele, eu parecia não respirar normalmente.

Conrad não parava de andar de um lado a outro. Cortava pedaços de papel, remexia as brasas, agachava-se em frente à lareira, alternando o peso para a frente e para trás.

— Quer seu chocolate? — perguntei.

Ele se virou e olhou para mim.

— Sim, claro. — Ele se sentou ao meu lado no sofá e bebeu da caneca dos *Simpsons*. Sempre foi a favorita dele. — Está com um gosto...

— Delicioso?

— Empoeirado.

Olhamos um para o outro e caímos na gargalhada.

— Para a sua informação, chocolate quente é a minha especialidade. E de nada — disse, tomando o primeiro gole. O gosto estava mesmo um pouco empoeirado.

Ele ficou me observando e ergueu meu rosto. Depois estendeu a mão e esfregou minha bochecha com o dedão como se estivesse limpando uma fuligem.

— Tem chocolate em pó no meu rosto? — perguntei, repentinamente paranoica.

— Não — disse ele. — Só um pouco de poeira... opa, quero dizer, sardas.

Eu ri e dei um tapa em seu braço, e então ele segurou minha mão e me puxou para mais perto. Conrad afastou o cabelo que caía sobre meus olhos, e fiquei com medo que ele conseguisse ouvir a forma como soltei o ar quando me tocou.

Estava ficando cada vez mais escuro lá fora. Conrad suspirou e disse:

— Acho melhor te levar pra casa.

— Olhei para o relógio. Eram cinco horas.

— É... acho que é melhor.

Nenhum dos dois se mexeu. Ele estendeu o braço e enrolou meu cabelo ao redor dos dedos como se fosse um carretel de linha.

— Adoro como o seu cabelo é macio.

— Obrigada — sussurrei.

Nunca havia pensado no meu cabelo como algo especial. Era só cabelo. E era castanho, e castanho não é tão especial quanto loiro ou preto ou ruivo. Mas do jeito que Conrad olhava para ele... para mim. Como se isso exercesse algum tipo de fascinação sobre ele, como se nunca se cansasse de tocá-lo.

Nós nos beijamos de novo, mas foi diferente da noite anterior. Não havia nada de lento ou calmo dessa vez. O jeito com que ele me olhou... urgente, me desejando, precisando de mim... Foi como uma droga. Era só desejo-desejo-desejo. Mas eu era quem mais desejava ali. Quando o puxei para mais perto, quando coloquei as mãos sob sua blusa e acariciei as costas dele, Conrad tremeu por um segundo.

— Minhas mãos estão muito frias? — perguntei.

— Não. — Depois de dizer isso ele me soltou e se ajeitou. O rosto estava meio vermelho e o cabelo arrepiado na parte de trás. — Não quero apressar as coisas.

Também me ajeitei.

— Mas achei que você já tinha... — Não sabia como concluir a frase. Era muito constrangedor. Nunca havia feito isso antes.

Conrad ficou mais vermelho ainda.

— É, quero dizer, já fiz. Mas você não.

— Ah — falei, olhando para baixo, para minha meia. Depois ergui os olhos — Como você sabe que não?

Agora ele estava roxo como uma beterraba, e gaguejava.

— Só achei que você não... quero dizer... só deduzi...

— Você achou que eu nunca tinha feito nada disso antes, certo?

— Bem, sim. Quero dizer, não.

— Você não devia fazer suposições assim.

— Me desculpe. — E hesitou. — Então... você já fez?

Apenas olhei para ele. Quando abriu a boca para falar, eu o interrompi.

— Não. Nem ao menos cheguei perto disso.

Em seguida, me inclinei e beijei sua bochecha. Parecia um privilégio o simples fato de poder fazer aquilo, beijá-lo quando eu quisesse.

— Você é muito gentil comigo — sussurrei, e me senti feliz e grata por estar ali, naquele momento.

Ele estava com os olhos escuros e sérios quando disse:

— Eu só... quero sempre saber que você está bem. É importante para mim.

— Estou bem — tranquilizei-o. — Estou melhor do que bem.

Conrad concordou com um gesto.

— Que bom. — Ele se pôs de pé e estendeu a mão para me ajudar a levantar. — Vamos levá-la para casa, então.

*

Naquele dia, não cheguei em casa antes da meia-noite. Fizemos uma parada e jantamos num restaurante de beira de estrada. Pedi panquecas e batatas fritas, e ele pagou. Quando cheguei em casa, minha mãe estava muito irritada. Mas não me arrependi. Nunca me arrependi, nem por um segundo. Como você se arrepende de uma das melhores noites da sua vida? Não se arrepende. Você se lembra de cada palavra, cada olhar. Mesmo quando machuca, você ainda se lembra.



Capítulo dezessete

Passamos pela cidade, por todos os antigos lugares, o campo de minigolfe, o restaurante *Crab Shack*, e Jeremiah dirigiu o mais rápido que pôde, assobiando. Queria que ele tivesse ido devagar, que fizesse a viagem durar para sempre. Mas não durou, é claro. Estávamos quase chegando.

Enfiei a mão na bolsa e peguei um vidrinho de gloss. Passei um pouco nos lábios e penteei os cabelos com os dedos. Estava todo embaraçado porque viajamos com os vidros abertos. Pela minha visão periférica, pude sentir que Jeremiah estava me olhando. Ele provavelmente estava balançando a cabeça e pensando na garota boba que eu era. Queria dizer a ele, eu sei, sou uma bobinha, não sou melhor que Taylor. Mas não podia simplesmente entrar e encarar Conrad com o cabelo bagunçado.

Quando vi o carro dele na entrada de veículos, pude sentir meu coração se contrair. Ele estava lá. Rápido como um tiro, Jeremiah estava fora do carro e foi aos saltos em direção à casa. Ele subiu os degraus de dois em dois e seguiu seu rastro.

Era estranho. A casa ainda tinha o mesmo cheiro. Por algum motivo, não esperava por isso. Talvez sem Susannah, eu tivesse achado que tudo ficaria diferente. Mas não ficou. Eu praticamente esperava vê-la circulando por ali, num dos seus vestidos de ficar em casa, esperando por nós na cozinha.

Conrad teve a audácia de ficar irritado ao nos ver. Ele tinha acabado de chegar em casa depois de surfar. O cabelo estava molhado e ele ainda estava com a roupa de mergulho. Fiquei pasma... Embora tivessem se passado apenas dois meses, era como ver um fantasma. O fantasma do primeiro amor do passado. Seus olhos flutuaram em mim por cerca de um segundo antes de se voltarem para Jeremiah.

— Que porra é essa? — perguntou ao irmão.

— Vim te buscar e te levar de volta para a faculdade — respondeu Jeremiah, e pude perceber que ele estava se esforçando para soar tranquilo, despreocupado. — Você realmente passou dos limites dessa vez, cara. Papai está pirando.

Conrad sacudiu a mão.

— Diga para ele ir se ferrar. Vou ficar aqui.

— Con, você perdeu duas aulas e tem provas na segunda. Não pode simplesmente sumir. Eles vão te expulsar do curso de verão.

— Isso é problema meu. E o que ela está fazendo aqui? — Ele não olhou para mim ao dizer isso, e foi como se me apunhalasse o peito.

Comecei a me afastar deles em direção às portas de vidro deslizantes. Estava difícil respirar.

— Eu a trouxe comigo para ajudar — explicou Jeremiah. Ele olhou para mim e respirou fundo. — Olha, trouxemos todos os seus livros e tudo mais. Você pode estudar hoje à noite e amanhã, e depois seguimos viagem de volta à faculdade.

— Que se dane. Não estou nem aí — retrucou Conrad, caminhando em direção ao sofá.

Ele tirou a parte de cima da roupa de mergulho. Os ombros já estavam ficando morenos. Sentou no sofá, embora ainda estivesse molhado.

— Qual é o seu problema? — perguntou Jeremiah, a voz quase estável.

— Agora, esse é o meu problema. Você e ela. Aqui. — Pela primeira vez desde que chegamos, Conrad olhou nos meus olhos. — Por que querem me ajudar? Por que estão aqui afinal?

Abri a boca para falar, mas não saiu nada. Como sempre, ele conseguia me devastar com um olhar, uma palavra.

Pacientemente, Conrad esperou que eu dissesse alguma coisa, e, quando não o fiz, ele fez.

— Achei que você nunca mais quisesse me ver de novo. Você me odeia, lembra? — Seu tom era sarcástico, depreciativo.

— Não te odeio — rebati, e depois saí correndo.

Deslizei a porta de correr e pisei na varanda. Fechei a porta atrás de mim e corri escada abaixo em direção à praia.

Eu só precisava estar na praia. Ela me faria sentir melhor. Nada, nada me fazia sentir melhor do que a sensação da areia sob meus pés. Era ao mesmo tempo sólido e mutável, estável e em constante mudança. Era verão.

Sentei-me na areia e observei as ondas quebrarem na orla e depois se espalharem como uma fina camada de glacê branco sobre um bolinho. Foi um erro ter vindo. Nada que eu dissesse ou fizesse apagaria o passado. O jeito como ele disse “ela”, com tanto desdém. Nem me chamou pelo nome.

Depois de um tempo, voltei para a casa. Jeremiah estava sozinho na cozinha. Não avistei Conrad em lugar algum.

— É, correu tudo bem — comentou ele.

— Eu não devia ter vindo.

Jeremiah me ignorou.

— Quer apostar quanto que só tem cerveja na geladeira? — perguntou.

Ele estava tentando me fazer rir, mas não surtiu efeito. Eu não conseguia.

— Só um idiota aceitaria essa aposta. — Mordi o lábio. Definitivamente não queria chorar.

— Não deixe que ele te aborreça.

Ele puxou meu rabo de cavalo e enrolou-o ao redor do pulso como se fosse uma cobra.

— É mais forte do que eu.

O jeito como olhara para mim... como se eu não significasse nada para ele, menos do que nada.

— Conrad é um idiota. Tudo o que ele diz é da boca pra fora. — Ele me cutucou com o cotovelo. — Está arrependida de ter vindo?

— Estou.

Jere sorriu para mim com a boca meio torta.

— Bem, eu não. Estou feliz que tenha vindo. Feliz por não ter que lidar com toda essa babaquice sozinho.

Por ele estar se esforçando, também me esforcei. Abri a porta da geladeira como se fosse uma daquelas mulheres que mostram os prêmios em programas de auditório, as que usam vestidos longos e sapatos decorados com pedras preciosas.

— Tã-rã! — exclamei.

Ele estava certo, as únicas coisas dentro da geladeira eram dois amarrados de *Icehouse*. Susannah enlouqueceria se pudesse ver no que sua geladeira Sub-Zero havia se transformado.

— O que vamos fazer? — perguntei.

Ele olhou pela janela, para a praia.

— Provavelmente teremos que passar a noite aqui. Vou tentar convencê-lo. Ele vai aparecer. Só preciso de mais tempo. — Jeremiah fez uma pausa. — Por que não fazemos assim, enquanto você vai comprar alguma coisa para comer eu fico e converso com Con?

Sabia que Jeremiah estava tentando se livrar de mim, e fiquei feliz por isso. Eu precisava sair daquela casa, ficar longe de Conrad.

— Sanduíches de marisco? — sugeri.

Jeremiah concordou e percebi que estava aliviado.

— Acho ótimo. — Ele começou a tirar a carteira do bolso, mas eu o interrompi.

— Pode deixar.

Jere balançou a cabeça.

— Não quero que gaste seu dinheiro — explicou, entregando-me duas notas de vinte amassadas e as chaves. — Você já veio até aqui para ajudar.

— Eu quis vir.

— Porque você é uma boa pessoa e queria ajudar Con.

— Eu queria ajudar você também. Ou melhor, ainda quero. Você não deveria ter que lidar com isso sozinho.

Por um instante, ele não parecia mais o mesmo. Parecia o pai.

— E quem mais lidaria?

Em seguida, ele sorriu para mim, e voltou a ser o Jeremiah. O menino da Susannah, alegre e sorridente. Seu anjinho.

Aprendi a dirigir com o câmbio manual no carro de Jeremiah. Era bom estar de volta no banco do motorista. Em vez de ligar o ar-condicionado, abaixei o vidro e deixei o ar salgado entrar. Segui lentamente para a cidade, e estacionei perto da antiga igreja batista.

Algumas crianças estavam correndo por ali usando trajes de banho e shorts, os pais com roupas cáqui e *golden retrievers* sem coleiras. Para a maioria deles, esse devia ser o primeiro fim de semana depois do recesso escolar. Havia aquele clima no ar. Sorri quando vi um menino seguindo duas garotas mais velhas, provavelmente suas irmãs.

— Esperem — gritou ele, os chinelos estalando a toda velocidade pela calçada.

Elas simplesmente andavam mais rápido, sem olhar para trás.

Minha primeira parada foi numa loja de departamentos. Costumava passar horas ali, analisando as guloseimas. Cada escolha parecia de vital importância. Os meninos pegavam os doces aleatoriamente, um pouco disso, um tanto daquilo. Mas eu era cuidadosa, dez balas de gelatina grandes em formato de peixe, cinco bolinhas crocantes achocolatadas, uma colher média de Delicados sabor pera. Em nome dos velhos tempos, enchi uma sacola. Coloquei amendoins com cobertura de chocolate para Jeremiah, uma barra de chocolate com manteiga de amendoim para Conrad e, embora ele nem estivesse ali, balas de limão para Steven. Era um memorial de doces, um tributo à Cousins da nossa infância, quando escolher guloseimas era a maior e melhor parte do nosso dia.

Estava na fila para pagar quando ouvi alguém chamar.

— Belly?

Olhei para trás. Era Maureen O'Riley, que tinha uma loja chique de chapéus na cidade, a *Maureen's Chapelaria*. Ela era mais velha do que meus pais, com seus cinquenta e muitos, e era amiga da minha mãe e de Susannah. Maureen levava seus chapéus muito a sério.

Nós nos abraçamos, e seu cheiro era o mesmo, parecia um produto para lustrar madeira.

— Como está sua mãe? Como está Susannah? — perguntou-me ela.

— Minha mãe está bem.

A fila andou e me distanciei de Maureen. Ela andou junto.

— E Susannah?

Limpei a garganta.

— O câncer voltou e ela faleceu.

O rosto bronzeado de Maureen se enrugou de susto.

— Não fiquei sabendo. Lamento. Gostava muito dela. Quando aconteceu?

— No início de maio.

Já estava quase na minha vez de pagar, e assim eu poderia sair e essa conversa acabaria.

Maureen segurou minha mão, e meu primeiro impulso foi puxá-la de volta, embora eu gostasse dela. Só não queria ficar no meio da loja, conversando sobre a morte de Susannah como se essa fosse a fofoca da cidade. Estávamos falando de Susannah. Ela deve ter percebido, porque soltou logo depois.

— Queria ter sabido antes. Mande minhas condolências para os meninos e sua mãe. E Belly, apareça na loja para me ver qualquer dia desses. Vamos lhe arrumar um chapéu. Acho que já está na hora de você ter um, adornado talvez.

— Nunca usei um chapéu — comentei, tateando em busca da carteira.

— Está na hora. Alguma coisa para lhe realçar. Apareça, vou cuidar de você. Um presente.

Depois, caminhei lentamente pela cidade, parando na livraria e na loja de artigos de surfe. Andei sem rumo, enfiando a mão na sacola de doces de vez em quando. Não queria encontrar com mais ninguém, mas não tinha pressa de voltar para casa. Estava na cara que Conrad não me queria por perto. Será que eu estava piorando as coisas? O jeito que ele olhou para mim... Era mais difícil do que achei que seria, vê-lo novamente. Estar naquela casa novamente. Um milhão de vezes mais difícil.

Quando voltei para casa com os sanduíches numa sacola de papel engordurada, Jeremiah e Conrad estavam tomando cerveja na varanda dos fundos. Já estava quase anoitecendo. Seria um belo pôr do sol.

Joguei as chaves e a sacola sobre a mesa e me esparramei numa espreguiçadeira.

— Me dá uma cerveja — pedi.

Não que eu particularmente gostasse de cerveja, não gostava. Queria era me enturmar, tomar algumas cervejas lá fora fez com que de alguma maneira eles se reconcilhassem. Como nos velhos tempos, tudo o que eu queria era fazer parte.

Esperei Conrad me olhar e dizer que não, que ele não me passaria cerveja nenhuma. Quando não o fez, fiquei surpresa por me sentir desapontada. Jeremiah enfiou a mão no isopor e jogou uma *Icehouse* para mim.

— Desde quando nossa Bellyzinha bebe? — perguntou, depois de me dar uma piscadela.

— Já tenho quase 17. Não acha que estou velha demais para ser chamada assim?

— Sei quantos anos você tem — disse Jere.

Conrad tirou um sanduíche de dentro da sacola de papel. Deu uma mordida faminta, e me perguntei se ele comeria alguma coisa o dia todo.

— De nada — falei.

Não pude evitar. Ele não havia olhado para mim desde que cheguei. Queria fazê-lo me notar.

Ele grunhiu um obrigado, e Jeremiah me lançou um olhar de advertência. Do tipo, *não vá irritá-lo agora que está tudo bem*.

O celular de Jere zuniu sobre a mesa, e ele não se moveu para atendê-lo. Conrad logo falou:

— Não vou embora dessa casa. Pode dizer isso a ele.

Ergui a cabeça. Como assim, ele não vai embora? Tipo, nunca? Encarei Conrad séria, mas seu rosto estava apático como sempre.

Jeremiah se levantou, pegou o celular e caminhou para dentro da casa. Ele fechou a porta. Pela primeira vez, Conrad e eu ficamos sozinhos. O clima entre nós estava pesado, e me perguntei se ele estava arrependido pelo que havia dito mais cedo. Não sabia se devia falar alguma coisa, se devia tentar consertar as coisas. Mas o que eu diria? Não sabia se havia algo que eu *pudesse* dizer.

Então não tentei. Em vez disso, deixei o momento passar e apenas suspirei e recostei na cadeira. O céu estava de um rosa dourado. Tive a impressão de que não havia nada mais bonito do que aquilo, que aquele pôr do sol em particular combinava com a beleza de qualquer coisa no mundo, dez vezes mais. Podia sentir toda a tensão do dia se esvaír de mim em direção ao mar. Eu queria memorizar tudo, caso isso não voltasse mais. Nunca se sabe quando você verá pela última vez um lugar. Uma pessoa.



Capítulo dezoito

Nós nos sentamos para assistir a um pouco de TV. Jeremiah não tentou mais conversar com Conrad, e ninguém mencionou a faculdade ou o Sr. Fisher. Fiquei imaginando se Jeremiah estava esperando para ficar sozinho com ele de novo.

Forcei um bocejo. Para ninguém em particular, comentei:

— Estou tão cansada.

E assim que disse isso percebi que realmente estava. Cansada demais. Esse parecia ter sido o dia mais longo da minha vida. Apesar de só ter andado de carro, eu sentia como se tivessem drenado todas as minhas energias.

— Vou dormir — anunciei, bocejando de novo, e dessa vez foi pra valer.

— Boa noite — disse Jeremiah. Conrad não falou nada.

Assim que entrei no quarto, abri minha mala e fiquei apavorada quando vi o conteúdo. O biquíni xadrez da Taylor novinho em folha, sua sandália plataforma caríssima, um vestido leve de algodão, um short ao qual o pai dela se referia como “calcinha jeans”, alguns tops de seda e, em vez da camisa de malha largona que eu não via a hora de usar para dormir, um conjunto de pijama rosa com coraçõezinhos vermelhos. Um short curto e uma camiseta combinando. Eu queria matá-la. Achei que estivesse incluindo coisas,

não substituindo tudo que eu já tinha guardado. As únicas coisas que ela deixou foram minhas calcinhas e sutiãs.

A ideia de desfilar pela casa com aquele pijama, sendo vista a caminho do banheiro para escovar os dentes pela manhã, me fez querer socá-la. Com toda a força. Eu sabia que ela tinha feito aquilo com boa intenção. Ela achou que estava me fazendo um favor. Abrir mão das plataformas por uma noite foi um ato altruísta, em se tratando de Taylor. Mas eu continuava com raiva.

Foi exatamente igual ao lance com Cory. Taylor fez o que quis e não ligou para o que eu pensava sobre o assunto. Nunca ligava para o que eu pensava. Mas a culpa não era só dela, porque eu permitia isso.

Depois de escovar os dentes, coloquei o pijama da Taylor e fui para a cama. Estava decidindo se ia ler um livro antes de dormir ou não, um dos antigos que estava na prateleira, quando alguém bateu na porta. Puxei as cobertas até o pescoço e disse:

— Pode entrar!

Era Jeremiah. Ele fechou a porta atrás de si e se sentou aos pés da cama.

— Oi — sussurrou.

Relaxe as mãos que seguravam as cobertas. Era só o Jeremiah.

— Oi. E aí? Conversou com ele?

— Ainda não. Vou pegar leve hoje e tentar de novo amanhã. Só estou preparando o terreno, plantando as sementes. — Ele me lançou um olhar conspiratório. — Sabe como ele é.

E eu sabia.

— OK. Parece uma boa.

Ele ergueu a mão para um cumprimento:

— Não se preocupe. Nós vamos conseguir.

Bati na mão dele.

— Nós vamos conseguir — repeti.

Eu podia sentir a dúvida em minha voz, mas Jeremiah simplesmente sorriu como se fosse uma certeza.



Capítulo dezenove

JEREMIAH

Quando Belly se levantou para ir dormir, eu sabia que ela queria que eu ficasse e tentasse conversar com Conrad sobre as aulas. Sabia disso porque quando éramos crianças costumávamos praticar telepatia um com o outro. Belly estava convencida de que eu podia ler a mente dela e vice-versa. Na verdade, eu simplesmente conseguia ler a Belly. Sempre que estava prestes a contar uma mentira, ela entortava em pouco a sobancelha. Sempre que estava nervosa, puxava as bochechas para dentro antes de falar. Ela era fácil de ler, sempre fora.

Observei Conrad.

— Quer acordar cedo amanhã e pegar onda? — perguntei.

— Claro.

Amanhã eu conversaria com ele sobre a faculdade e como era importante que ele voltasse. Daria tudo certo.

Assistimos a mais um pouco de TV, e quando Conrad adormeceu no sofá subi para o quarto. No final do corredor, a luz do quarto de Belly ainda estava acesa. Fui até lá e fiquei parado em frente à porta, batendo. Quando éramos crianças, simplesmente entrávamos e saíamos correndo do quarto um do outro sem pensar. Queria que ainda fosse simples assim.

— Pode entrar — disse ela.

Eu me aproximei e sentei na beirada da cama. Quando percebi que ela já estava de pijama, quase virei as costas e saí. Tive que me concentrar na lembrança de já tê-la visto de pijama um milhão de vezes antes, e o que havia demais nisso? Mas ela costumava usar um camisa larga de malha como todos nós, e agora estava com uma camiseta justa rosa de alcinha. Fiquei me perguntando se era confortável dormir com aquilo.



Capítulo vinte

4 DE JULHO

Ao acordar na manhã seguinte, não saí da cama imediatamente. Só fiquei lá deitada e fingi se tratar de uma manhã qualquer na casa de verão. O lençol tinha o mesmo cheiro. Meu ursinho de pelúcia, Junior Mint, continuava sentado na penteadeira. Nada havia mudado. Susannah e minha mãe estavam caminhando na praia e os meninos estavam comendo todos os muffins de blueberry e deixando o cereal de grãos da minha mãe para mim. Teria sobrado um dedo de leite e nada de suco. Isso costumava me deixar furiosa... agora eu sorria ao me lembrar.

Mas era tudo faz de conta. Eu sabia disso. Não havia mãe, nem irmão, nem Susannah ali.

Embora eu tenha ido para a cama cedo na noite anterior, dormi até tarde. Já eram quase onze horas. Dormi doze horas. Há semanas eu não dormia bem assim.

Eu me levantei e fui olhar pela janela. A vista do meu quarto na casa de veraneio sempre me fez sentir melhor. Queria que todas as janelas ficassem de frente para o oceano, nada além de quilômetros e quilômetros de areia e mar. Lá na praia, Jeremiah e Conrad estavam sentados nas pranchas de surfe, boiando, com roupas pretas de mergulho. Era uma visão tão familiar. E num piscar de olhos fiquei esperançosa. Talvez Jere estivesse certo. Talvez Conrad voltasse conosco afinal.

E então eu voltaria para casa, para longe dele e de tudo o que me lembrava ele. Eu ficaria tomando sol na piscina da vizinha, ficaria de bobeira em lanchonetes com Taylor, e logo, logo, o verão acabaria. Eu me esqueceria de como costumava ser.

Essa era realmente a última vez.

Antes de fazer qualquer coisa, liguei para Taylor. Expliquei como viemos parar em Cousins, como precisávamos convencer Conrad a voltar para a faculdade e terminar o curso.

A primeira coisa que ela disse foi:

— Belly, o que você pensa que está fazendo?

— Como assim?

— Você sabe muito bem. Toda essa situação é retardada. Você devia estar em casa onde é o seu lugar.

Suspirei. Não importava quantas vezes eu pedisse para ela não dizer “retardada”; ainda assim, ela continuava. Mesmo tendo um priminho com Síndrome de Down. Acho que ela fez de propósito porque sabia que isso me incomodava.

— E daí se Conrad largou a faculdade? — disse ela. — Deixe-o ser um perdedor, se ele quiser.

Embora eu soubesse que ninguém podia me ouvir, baixei a voz.

— Conrad está passando por muita coisa. Ele precisa da gente.

— Ele precisa do irmão. Que, por sinal, é muito mais gostoso do que ele, alôô! Conrad não precisa de você. Ele traiu você, está lembrada?

Agora eu estava sussurrando.

— Ele não me traiu e você sabe disso. Já tínhamos terminado. E para início de conversa nem éramos um casal de verdade. — Foi difícil dizer essa última parte.

— Ah, tá... Ele não te traiu, ele te deu um pé na bunda logo depois da formatura. Que cara *maravilhoso*. Um verdadeiro lorde.

Eu a ignorei.

— Você pode, por favor, continuar me dando cobertura se minha mãe ligar?

Ela bufou.

— Dã. Calhou de eu ser uma amiga leal.

— Obrigada. Ah, e *muito* obrigada por tirar todas as minhas roupas da bolsa.

— De nada — respondeu ela toda convencida. — E Belly?

— Oi?

— Não perca o foco da missão que temos em mãos agora.

— Bem, Jeremiah tem conversado com ele...

— Não, besta. Estou falando *da missão*. Você tem que fazer Conrad te querer de volta, e então você tem que rejeitá-lo. Brutalmente.

Fiquei feliz por estarmos falando pelo telefone, pois assim ela não poderia me ver revirando os olhos. Mas a questão era, Taylor tinha razão. Minha amiga nunca foi magoada porque era ela quem sempre estava no comando. Ela ditava as regras. Os meninos a desejavam, não o contrário. E vivia citando aquela fala de *Uma linda mulher* sobre ser uma prostituta. “*Eu digo quem, eu digo quando, eu digo quem.*”

Não que a ideia não me atraísse. Só que isso nunca funcionaria. Fazer com que Conrad me notasse pela primeira vez, mesmo que por um tempinho, havia sido praticamente impossível. Isso não funcionaria uma segunda vez.

Depois que Taylor e eu desligamos, liguei para minha mãe. Contei a ela que ficaria na casa de Taylor de novo naquela noite, que ela continuava muito chateada e que eu não podia deixá-la nesse estado de jeito nenhum. Minha mãe concordou.

— Você é uma boa amiga — comentou. Havia alívio em sua voz quando ela me pediu para dar um “oi” aos pais de Taylor.

Ela nem chegou a questionar a mentira. Pude perceber pelo telefone: tudo o que ela queria era ficar sozinha com seu sofrimento.

Em seguida, tomei um banho e vesti as roupas que Taylor escolheu para mim. Uma bata com flores bordadas no busto e seu famoso short.

Desci as escadas com o cabelo ainda molhado, puxando o short para baixo. Os meninos já estavam de volta, sentados à mesa da cozinha e comendo os bolinhos de açúcar e canela que Susannah costumava acordar cedo para comprar.

— Olha o que eu trouxe — disse Jeremiah.

Ele empurrou uma sacola branca de papel em minha direção. Eu a segurei e enfiei metade de um bolinho na boca. Ainda estava morno.

— Hum! — exclamei, com a boca cheia. — Bem... e aí?

Jeremiah olhou esperançoso para Conrad.

— Con?

— Vocês deviam sair cedo, se querem evitar o trânsito do feriado — respondeu, e fiquei arrasada ao ver a expressão no rosto do irmão dele.

— Não vamos embora sem você — afirmou Jeremiah.

Conrad bufou.

— Olha Jere, agradeço por ter vindo. Mas, como pode ver, estou bem. Tenho tudo sob controle.

— Não tem nada. Con, se não voltar na segunda para as provas, estará fora. Você só está fazendo essas aulas de verão por causa das pendências do semestre passado. Se não voltar, e aí?

— Não se preocupe com isso. Vou dar um jeito.

— Você vive dizendo isso, mas cara, não deu jeito em nada. Tudo o que fez até agora foi fugir.

Pelo jeito que Conrad olhou para ele, eu sabia que Jeremiah havia dito a coisa certa. O antigo sistema de valores de Conrad continuava ali, soterrado pela raiva. O velho Conrad nunca desistiria.

Era a minha vez de dizer alguma coisa. Respirei fundo e falei:

— Como você vai se tornar médico sem um diploma, Conrad?

Ele ficou sem reação e depois me encarou. Eu retribuí o olhar. Pois é, eu falei. Diria qualquer coisa de que precisasse, mesmo que isso o machucasse.

Aprendi isso observando Conrad em praticamente todos os jogos que jogamos. Ao primeiro sinal de fraqueza, você ataca com toda a força. Golpeia e usa todas as armas do seu arsenal, e não dá trégua. Sem dó nem piedade.

— Nunca disse que seria médico — retrucou ele. — Você não sabe do que está falando.

— Então explique — respondi, e meu coração estava batendo rápido demais.

Ninguém falou nada. Por um instante, achei que ele fosse permitir nossa aproximação.

Finalmente, Conrad levantou.

— Não há nada para explicar. Vou voltar lá para fora. Obrigado pelos bolinhos, Jere. — Para mim, ele disse: — Seu rosto está cheio de açúcar.

E, assim, do nada, ele estava de pé e abrindo a porta deslizante.

Quando já tinha se afastado, Jeremiah gritou:

— Merda!

— Achei que você ia convencê-lo! — exclamei. A fala saiu com mais tom de acusação do que eu pretendia.

— Não dá para pressionar muito o Conrad, ele simplesmente se fecha — disse Jeremiah, amassando a sacola de papel.

— Ele já se fechou.

Observei Jeremiah e ele parecia tão derrotado. Me senti mal por tê-lo retrucado. Então estendi a mão e toquei seu braço.

— Não se preocupe — tranquilizei-o. — Ainda temos tempo. Hoje é só sábado, certo?

— Certo — respondeu ele, de um jeito pouco convincente.

Nenhum de nós disse mais nada. Como sempre, era Conrad quem ditava o humor da casa, como todos os outros se sentiam. Nada ficaria bem novamente até que as coisas estivessem bem com Conrad.



Capítulo vinte e um

A primeira vez que pensei nisso aquele dia foi quando estava no banheiro, lavando o rosto por causa do açúcar. Não tinha toalha pendurada; então abri o armário de roupas de cama, mesa e banho, e na prateleira abaixo das toalhas estava o chapéu de abas longas de Susannah, o que ela usava todas as vezes que íamos à praia. Ela era cuidadosa com a pele. *Era.*

Não pensar em Susannah, conscientemente optar por isso, facilitava as coisas. Porque assim era como se ela não tivesse realmente *partido*. Tinha apenas ido a algum outro lugar. Era isso o que eu vinha fazendo desde sua morte. Não pensava nela. Era mais fácil agir assim em casa. Mas aqui, na casa de veraneio, ela estava em todo lugar.

Peguei o chapéu, segurei-o por alguns instantes, e depois o coloquei de volta na prateleira. Fechei a porta, e meu peito doía tanto que mal conseguia respirar. Era difícil demais. Estar ali, naquela casa, era muito difícil.

Subi as escadas correndo o mais rápido que pude. Tirei o colar de Conrad e as roupas que estava vestindo para colocar o biquíni de Taylor. Não me importava com o quanto ficaria parecendo uma idiota com ele. Só queria estar na água. Queria estar onde não precisasse pensar, onde nada mais existisse. Eu iria nadar, boiar, inspirar e expirar, e simplesmente existir.

Minha velha toalha da Ralph Lauren com a estampa de um ursinho de pelúcia estava no armário do banheiro, como sempre. Joguei-a ao redor dos ombros como um cobertor e fui lá para fora. Jeremiah estava comendo um sanduíche de ovo e bebendo direto da caixa de leite.

— Oi — cumprimentou ele.

— Oi. Vou nadar. — Não perguntei onde Conrad estava e não convidei Jeremiah para ir comigo. Precisava ficar sozinha por um tempo.

Abri a porta e saí sem esperar por uma resposta. Joguei a toalha sobre uma cadeira e mergulhei de cabeça. Não voltei à superfície de imediato para respirar. Fiquei embaixo d'água. Prendi minha respiração até o último segundo.

Quando subi, senti como se pudesse respirar pela primeira vez, como se meus músculos estivessem relaxando. Nadei de um lado para o outro, sem parar. Aqui, nada mais existia. Aqui, eu não tinha que pensar. Cada vez que afundava, prendia a respiração pelo máximo de tempo que conseguia.

Sob a água, ouvi Jeremiah chamar meu nome. Mesmo não querendo muito, fui à superfície e ele estava agachado na lateral da piscina.

— Vou sair um pouco. Talvez compre uma pizza no Nello's — disse ele, ao se levantar.

Tirei o cabelo que caía sobre os olhos.

— Mas você acabou de comer um sanduíche. E ainda devorou todos aqueles bolinhos.

— Estou em fase de crescimento. E isso já faz uma hora e meia.

Já faz uma hora e meia? Eu estava nadando há uma hora e meia? Pareciam minutos.

— Nossa.

Analisei meus dedos. Estavam completamente enrugados.

— Pode continuar — disse ele, prestando continência para mim.

Dando impulso na borda da piscina, respondi:

— Até mais.

Depois nadei o mais rápido que pude até o outro lado e fiz uma virada, caso ele ainda estivesse olhando. Jere sempre admirou

minhas viradas.

Continuei na piscina por mais uma hora. Quando subi para respirar depois da última volta, vi que Conrad estava sentado na cadeira onde eu havia deixado a toalha. Ele a entregou para mim em silêncio.

Saí da piscina. De repente, eu estava tremendo. Peguei a toalha da mão dele e enrolei-a no corpo. Conrad não me olhou.

— Você ainda finge que está nas olimpíadas? — perguntou.

Eu estava de saída, mas então balancei a cabeça e me sentei perto dele.

— Não — respondi, e a palavra ficou suspensa no ar. Abracei os joelhos junto ao peito. — Não mais.

— Quando você está nadando — ele começou a dizer. Achei que não fosse continuar, mas depois ele completou —, você não perceberia se a casa estivesse pegando fogo. Fica tão envolvida no que está fazendo, parece que está em outro lugar.

Conrad disse isso com um respeito rancoroso. Como se estivesse me observando há muito tempo, como se me observasse há anos. E acho que era verdade.

Abri a boca para responder, mas ele já estava se levantando e voltando para dentro da casa. Enquanto ele fechava a porta de correr, gritei:

— É por isso que eu gosto.



Capítulo vinte e dois

Eu estava de volta ao meu quarto, prestes a tirar o biquíni quando o celular tocou. Era o toque de Steven, uma música da Taylor Swift que ele fingia odiar, mas que no fundo, no fundo, amava. Por um segundo, pensei em não atender. Mas, se agisse assim, ele ficaria ligando até que eu atendesse. Era típico dele perturbar desse jeito.

— Alô? — falei como se fosse uma pergunta, como se eu já não soubesse que era Steven.

— Oi. Não sei onde você está, mas com certeza não é com Taylor.

— Como você sabe? — sussurrei.

— Acabei de encontrá-la no shopping. Ela mente pior do que você. Onde você se enfiou?

Mordi o lábio superior e disse:

— Na casa de veraneio. Em Cousins.

— O quê? — Ele quase gritou. — Por quê?

— A história é meio longa. Jeremiah precisava de ajuda com Conrad.

— E aí ele ligou para *você*? — A voz do meu irmão era incrédula e com uma pontinha de ciúme.

— Aham.

Ele estava morrendo de vontade de perguntar mais coisas, mas eu estava confiando no fato de que seu orgulho não permitiria. Steven odiava ser deixado de fora. Ele ficou mudo por um momento e,

naqueles segundos, eu sabia que estava pensando em todas as coisas que estávamos fazendo na casa de veraneio sem ele.

Por fim, ele disse:

— Mamãe vai ficar muito irritada.

— O que você tem a ver com isso?

— Nada, mas ela vai ficar.

— Steven, fica frio. Vou voltar para casa logo. Só temos que fazer mais uma coisa.

— Que coisa?

O fato dele não saber o que eu sabia, de que dessa vez ele era o excluído, estava acabando com ele. Pensei em me aproveitar mais da situação, mas fiquei com uma estranha pena dele.

Então, em vez de tripudiar do jeito que normalmente faria, expliquei:

— Conrad largou as aulas de verão e temos que levá-lo de volta a tempo para as provas de segunda.

Essa seria a última coisa que eu iria fazer por ele. Levá-lo para a faculdade. E então ele estaria livre, assim como eu.

Depois que Steven e eu desligamos, ouvi um carro estacionar em frente à casa. Olhei pela janela e havia um Honda vermelho, um carro que eu não reconheci. Quase nunca recebíamos visitas na casa de veraneio.

Passei um pente no cabelo e desci correndo as escadas enrolada na toalha. Parei quando vi Conrad abrir a porta e uma mulher entrar. Ela era delicada, o cabelo loiro oxigenado estava preso num coque emaranhado, e ela usava uma calça preta e uma blusa coral de seda. As unhas estavam pintadas dessa mesma cor. Tinha uma pasta grande nas mãos e um molho de chaves.

— Ora, olá — disse ela.

A mulher parecia surpresa em vê-lo, como se fosse ela quem estivesse que estar ali e não ele.

— Olá — cumprimentou Conrad. — Em que posso ajudar?

— Você deve ser Conrad. Conversamos pelo telefone. Sou Sandy Donatti, a corretora de imóveis do seu pai.

Conrad não disse nada.

Ela sacudiu o dedo para ele de um jeito brincalhão.

— Você me disse que seu pai havia mudado de ideia sobre a venda.

Quando ele permaneceu em silêncio, ela olhou ao redor e me viu parada aos pés da escada. A corretora franziu a testa e disse:

— Só estou aqui para ver a casa, para me certificar de que está tudo em ordem e sendo empacotado.

— Sim, mandei o pessoal da mudança embora — disse Conrad casualmente.

— Queria muito que não tivesse feito isso — comentou ela, apertando os lábios.

Quando ele deu de ombros, ela acrescentou:

— Me disseram que a casa estaria vazia.

— Você recebeu uma informação equivocada. Vou ficar aqui o resto do verão. — Ele gesticulou em minha direção. — Aquela é Belly.

— Belly?

— Ahã. Minha namorada.

Acho que engasguei em alto e bom som.

Cruzando os braços e encostando-se na parede, ele continuou.

— E você e meu pai se conheceram como?

Sandy Donatti corou.

— Nós nos conhecemos quando seu pai decidiu colocar a casa à venda — respondeu ela asperamente.

— Bem, a questão, Sandy, é que a casa não é dele para que venda. Na verdade, a casa é da minha mãe. Meu pai te contou isso?

— Sim.

— Então acho que ele também te contou que ela faleceu.

Sandy hesitou. A raiva dela pareceu ter evaporado quando a mãe falecida foi mencionada. Estava muito constrangida, virando-se em direção à porta.

— Sim, ele me contou isso. Lamento muito pela sua perda.

— Obrigado, Sandy. É bem significativo, vindo de você.

Os olhos dela miraram o cômodo uma última vez.

— Bem, vou conversar com seu pai a respeito e voltarei.

— Faça isso. Certifique-se de avisá-lo que a casa está fora do mercado.

Ela franziu os lábios e em seguida abriu a boca para falar, mas acabou pensando melhor. Conrad abriu a porta para ela e a mulher se foi.

Soltei um longo sopro de ar. Um milhão de coisas estavam passando pela minha cabeça... Tenho vergonha de admitir que *namorada* estava bem perto do topo da lista.

— Não conte a Jeremiah sobre a casa. — Conrad não olhou para mim ao dizer isso.

— Por que não? — perguntei. Minha cabeça ainda estava digerindo a palavra “namorada”.

Ele demorou tanto para responder que eu já estava subindo as escadas quando ouvi:

— Eu vou contar. Mas ainda não quero que ele saiba. Sobre nosso pai.

Parei de andar. Sem pensar, perguntei:

— Como assim?

— Você sabe o que quero dizer. — Conrad olhou para mim, os olhos firmes.

Acho que eu sabia sim. Ele queria proteger Jeremiah do fato do pai ser um idiota. Mas não era como se Jeremiah ainda não soubesse quem o pai era. Não era como se Jeremiah fosse alguma criança boba, sem a menor noção das coisas. Ele tinha o direito de saber que a casa estava à venda.

Deduzi que Conrad lera tudo isso em meu rosto, porque disse daquele jeito sarcástico, indiferente dele:

— E aí, você pode fazer isso por mim, Belly? Pode guardar esse segredo do seu melhor amigo Jeremiah? Sei que vocês não guardam segredos um do outro, mas será que pode abrir uma exceção só dessa vez?

Quando o fuzilei com os olhos, pronta para dizer onde ele podia enfiar o segredo, ele disse.

— Por favor? — E sua voz era suplicante.

Acabei concordando.

— Tudo bem. Por enquanto.

— Obrigado.

Dito isso, ele passou rapidamente por mim e subiu. A porta do quarto dele se fechou, e o ar-condicionado foi ligado.

Não me mexi.

Levei algum tempo para digerir tudo. Conrad não tinha simplesmente fugido para surfar. Ele não tinha fugido por fugir. Ele veio salvar a casa.



Capítulo vinte e três

No final da tarde, Jeremiah e Conrad foram surfar de novo. Achei que talvez Conrad quisesse contar a ele sobre a casa, sozinhos. E talvez Jeremiah quisesse tentar conversar com o irmão sobre a faculdade de novo, sozinhos. Por mim tudo bem. Estava satisfeita só assistindo.

Observei-os da varanda. Sentada numa das cadeiras com a toalha bem apertada ao meu redor. Havia alguma coisa reconfortante e familiar em sair da piscina molhada e sua mãe colocar uma toalha ao redor dos seus ombros, como uma capa. Mesmo sem uma mãe ali para fazer isso por você, era bom, aconchegante. Dolorosamente familiar de um jeito que me fez desejar ainda ter 8 anos. Oito era antes da morte, do divórcio e do coração partido. Oito era simplesmente oito. Cachorros-quentes e manteiga de amendoim, mordidas de mosquito e farpas, bicicletas e pranchas de body board. Cabelo embaraçado, ombros queimados de sol, livros de Judy Blume, ir dormir às nove e meia.

Fiquei ali sentada com essas lembranças melancólicas por um bom tempo. Alguém estava fazendo churrasco. Eu podia sentir o cheiro do carvão queimando. Me perguntei se eram os Rubensteins ou talvez fossem os Tolers. Me perguntei se eles estavam grelhando hambúrgueres ou bifés. Me dei conta de que estava com fome.

Perambulei até a cozinha, mas não encontrei nada para comer. Só a cerveja de Conrad. Uma vez, Taylor me disse que cerveja era igual a pão, puro carboidrato. Deduzi que apesar de não gostar do sabor poderia muito bem beber uma, se isso me alimentasse.

Peguei a cerveja e voltei lá para fora. Sentei novamente na cadeira do deque e abri a lata. Ela estalou de um jeito muito agradável. Era estranho estar nessa casa sozinha. Não era uma sensação ruim, só diferente. Frequentei esse lugar a vida toda e podia contar nos dedos da mão as vezes que fiquei sozinha aqui. Eu me sentia mais velha agora. Suponho que estava, mas acho que não me lembro de ter me sentido velha no verão passado.

Tomei um longo gole de cerveja e fiquei bem feliz por Conrad e Jeremiah não estarem ali para me ver, porque fiz uma cara horrível e sabia que iriam me zoar por isso.

Estava tomando outro gole quando ouvi alguém limpar a garganta. Olhei para cima e quase engasguei. Era o Sr. Fisher.

— Oi, Belly.

O pai dos meninos estava de terno, como se tivesse vindo direto do trabalho, o que provavelmente era verdade, embora hoje fosse sábado. E de alguma maneira o terno dele não estava sequer amarrotado, mesmo depois de uma longa viagem.

— Oi, Sr. Fisher — respondi, e minha voz saiu completamente nervosa e trêmula.

Meu primeiro pensamento foi que *devíamos ter simplesmente forçado Conrad a entrar no carro e feito com que voltasse para a faculdade e fizesse as drogas das provas*. Dar mais tempo a ele foi um grande erro. Eu podia ver isso agora. Devia ter pressionado Jeremiah a pressionar Conrad.

O Sr. Fisher ergueu uma das sobrancelhas para minha cerveja e percebi que ainda a segurava, os dedos tão apertados ao redor da lata que estavam dormentes. Coloquei a bebida no chão, e meu cabelo caiu no rosto, o que me deixou feliz. Foi um momento para me esconder, para pensar no que dizer depois.

Fiz o que sempre costumava fazer... falei dos garotos.

— É, bem, Conrad e Jeremiah não estão aqui agora. — Minha cabeça estava a mil. Eles estariam de volta a qualquer momento.

O Sr. Fisher não disse nada, apenas concordou com um gesto e esfregou a parte de trás do pescoço. Em seguida, subiu os degraus da varanda e se sentou na cadeira ao lado da minha. Pegou minha cerveja e tomou um longo gole.

— Como Conrad está? — perguntou, colocando a cerveja no descanso de braço da cadeira dele.

— Bem — respondi prontamente.

Logo depois me senti uma boba, porque ele não estava nem um pouco bem. A mãe tinha acabado de morrer. Ele fugira da faculdade. Como Conrad poderia estar bem? Como qualquer um de nós poderia? Mas acho que, por um lado, ele estava bem porque tinha um propósito de novo. Tinha uma razão. Para viver. Ele tinha uma meta. Tinha um inimigo. Esses eram bons incentivos. Mesmo que o inimigo fosse o próprio pai.

— Não sei o que aquele garoto está pensando — disse o Sr. Fisher, balançando a cabeça.

O que eu poderia responder? Nunca soube o que Conrad estava pensando. Tenho certeza de que poucas pessoas sabiam. Ainda assim, tive o instinto de defendê-lo. Protegê-lo.

Sr. Fisher e eu nos sentamos em silêncio. Não era um silêncio amigável, confortável, era do tipo tenso e horrível. Ele nunca teve nada para me dizer, e nunca soube o que dizer a ele. Finalmente, ele limpou a garganta e disse:

— Como vai a escola?

— Acabou — respondi, mordendo o lábio inferior e sentindo como se tivesse 12 anos. — Faz poucos dias. Vou estar no último ano quando as aulas voltarem.

— Você sabe onde quer fazer faculdade?

— Na verdade, não.

Resposta errada, eu sabia, porque faculdade era a única coisa sobre a qual o Sr. Fisher se interessava em conversar. Quero dizer, o tipo certo de faculdade.

E então ficamos em silêncio novamente.

Isso também me era familiar. Aquela sensação de temor, de um colapso iminente. A sensação de que eu estava numa enrascada. De que todos nós estávamos.



Capítulo vinte e quatro

Milkshakes. Milkshakes eram a praia do Sr. Fisher. Quando ele vinha para a casa de veraneio, tinha milkshake toda hora. Ele comprava um pote de sorvete napolitano. Steven e Conrad ficavam com o chocolate, Jeremiah com o morango, e eu gostava da mistura da baunilha com o chocolate, como aqueles Frosties da Wendy's. Só que mais consistente. Os milkshakes do Sr. Fisher eram melhores do que os da lanchonete Wendy's. Ele tinha um liquidificador sofisticado que gostava de usar e que nós crianças não podíamos mexer. Não que ele tivesse dito isso, com todas as letras, mas sabíamos que não devíamos. E nunca o fizemos até Jeremiah ter a ideia de fazer raspadinhas de Ki-Suco.

Não tinha *7-Elevens* em Cousins, e embora tomássemos milkshakes ficávamos às vezes com vontade de tomar raspadinha. Quando estava particularmente quente lá fora, um de nós costumava dizer:

— Cara, queria uma raspadinha.

E, assim, todos nós ficaríamos pensando nisso o dia todo.

Então, quando Jeremiah teve essa ideia de raspadinha de Ki-Suco, foi, tipo, destino. Ele tinha 9 e eu 8, e na hora pareceu ser a melhor ideia do mundo.

Olhamos para o liquidificador em cima da prateleira mais alta. Sabíamos que teríamos que usá-lo... Na verdade, não víamos a hora

de fazer isso. Mas havia aquela regra não declarada.

Não havia ninguém em casa além de nós dois. Ninguém precisaria saber.

— De que sabor você quer? — perguntou ele finalmente.

E aí ficou decidido. Estava acontecendo. Senti medo e também euforia por estarmos fazendo uma coisa proibida. Eu raramente quebrava regras, mas essa parecia valer a pena.

— Amora silvestre — escolhi.

Jeremiah olhou no armário, mas não tinha.

— Qual é o seu segundo sabor preferido?

— Uva.

Jeremiah comentou que raspadinha de Ki-Suco de uva também lhe parecia uma boa. Quanto mais ele dizia as palavras “raspadinha de Ki-Suco”, mais eu gostava do som delas.

Jere pegou um banquinho e tirou o liquidificador da prateleira. Ele despejou todo o pacote de uva lá dentro e acrescentou dois copos plásticos grandes de açúcar. Ele me deixou misturar. Em seguida, esvaziou metade de uma forma de gelo dentro do liquidificador, deixando-o cheio até a borda, e encaixou a tampa com um estalo, do jeito que já tínhamos visto o Sr. Fisher fazer um milhão de vezes.

— Pulsar ou *Frappé*? — perguntou ele.

Dei de ombros. Nunca prestei muita atenção quando o Sr. Fisher o usava.

— Provavelmente *frappé* — sugeri, porque eu gostava do som da palavra.

Assim, Jeremiah apertou *frappé*, e o liquidificador começou a picar e zunir. No entanto, só a parte de baixo estava sendo misturada então apertou “liquefazer”. Deixamos o aparelho assim por um minuto, mas depois o liquidificador começou a exalar um cheiro de borracha queimada, e fiquei preocupada que estivesse sobrecarregado com todo aquele gelo.

— Temos que mexer mais — falei. — Para ajudar.

Peguei uma colher de madeira grande, tirei a tampa e misturei tudo.

— Está vendo? — comentei.

Recoloquei a tampa no lugar, mas acho que não apertei o suficiente, porque quando Jeremiah apertou *frappé* voou raspadinha para todo lado. Tomamos um banho. Molhou os novos balcões brancos, o chão, a maleta de couro marrom do Sr. Fisher.

Olhamos apavorados um para o outro.

— Rápido, pegue papel toalha! — gritou Jeremiah, tirando o liquidificador da tomada.

Corri em direção à maleta, limpando-a com a barra da minha blusa de malha. O couro já estava manchando, e ela estava ficando grudenta.

— Ai, cara — sussurrou Jeremiah. — Ele ama essa maleta.

E amava mesmo. Ela tinha as iniciais dele gravadas no fecho de metal. Ele a amava de verdade, talvez até mais do que o liquidificador.

Eu me senti péssima. Lágrimas espetavam minhas pálpebras. Era tudo minha culpa.

— Me desculpe — falei.

Jeremiah estava no chão, engatinhando para secá-lo. Ele me olhou, Ki-Suco de uva pingava de sua testa.

— Não é culpa sua.

— É sim — afirmei, esfregando o couro.

Minha blusa estava começando a ficar marrom por esfregar a maleta com tanta força.

— Bem, é, mais ou menos — concordou. Depois esticou o braço, encostou o dedo na minha bochecha e lambeu um pouco do açúcar. — Realmente até que tem um gosto bom.

Estávamos dando risadas e deslizando pelo chão com toalhas de papel quando todo mundo chegou. Eles entraram com grandes sacolas de papelão, daquelas que costumam vir com lagostas, e Steven e Conrad tomavam sorvetes de casquinha.

O Sr. Fisher disse:

— Mas o que é isso?

Jeremiah se embaralhou.

— Só estávamos...

Entreguei a maleta ao Sr. Fisher, minha mão tremia.

— Sinto muito — sussurrei. — Foi um acidente.

Ele tirou a maleta das minhas mãos e olhou para ela, para o couro manchado.

— Por que vocês estavam usando meu liquidificador? — questionou o Sr. Fisher, mas estava indagando Jeremiah. Seu pescoço estava vermelho vivo. — Sabe que não é para usar meu aparelho.

Jeremiah concordou com a cabeça.

— Me desculpe.

— Foi culpa minha — falei numa voz baixa.

— Ah, Belly — disse minha mãe, balançando a cabeça para mim.

Ela se ajoelhou no chão e catou os papéis toalha ensopados. Susannah tinha ido pegar o esfregão.

O Sr. Fisher bufou alto.

— Por que você nunca ouve quando eu digo alguma coisa? Pelo amor de Deus! Eu falei ou não falei para você nunca usar o liquidificador?

Jeremiah mordeu o lábio, e pelo jeito que o queixo estava tremendo dava para perceber que estava prestes a chorar.

— Responda quando eu falar com você.

Susannah voltou nesse momento com o esfregão e um balde.

— Adam, foi um acidente. Deixa para lá.

Ela colocou os braços ao redor de Jeremiah.

— Suze, se você tratá-lo como um bebê, ele nunca vai aprender. Vai continuar uma criancinha mimada — alegou o Sr. Fisher. — Jere, eu falei ou não falei para você nunca usar o liquidificador?

Os olhos de Jeremiah ficaram lacrimejantes e ele piscou rapidamente, mas algumas lágrimas escaparam. E depois mais algumas. Foi horrível. Fiquei tão constrangida por ele e também me senti culpada por ter sido a causadora de tudo. Mas também me senti aliviada por não ser eu quem estava em apuros, chorando na frente de todo mundo.

Foi quando Conrad entrou na conversa:

— Mas pai, você nunca disse. — Ele estava com a bochecha suja de sorvete de chocolate.

O Sr. Fisher virou para trás e olhou para ele.

— O quê?

— Você nunca disse. Sabíamos que não devíamos mexer, mas tecnicamente você nunca disse isso.

Conrad parecia assustado, mas sua voz estava neutra.

O Sr. Fisher balançou a cabeça e voltou a olhar para Jeremiah.

— Vá se limpar — disse asperamente.

Estava envergonhado, pude perceber.

Susannah olhou para ele e arrastou Jeremiah para o banheiro. Minha mãe estava secando os balcões, os ombros eretos e rijos.

— Steven, leve sua irmã para o banheiro.

A voz não deixou espaço para discussão, e Steven agarrou meu braço e me levou para o segundo andar.

— Você acha que estou encrencada? — perguntei ao Steven.

Ele limpou minhas bochechas de qualquer jeito com um pedaço úmido de papel toalha.

— Sim. Mas não tanto quanto o Sr. Fisher. Mamãe vai soltar os cachorros para cima dele.

— Como assim?

Steven deu de ombros.

— Foi só uma coisa que ouvi. Parece que é ele quem está encrencado.

Depois que meu rosto estava limpo, Steven e eu voltamos lentamente para o corredor. Minha mãe e o Sr. Fisher estavam discutindo. Olhamos um para o outro, os olhos arregalados, quando ouvimos nossa mãe vociferar:

— Você consegue ser tão escroto, Adam.

Abri a boca, prestes a gritar, quando Steven colocou rapidamente a mão sobre ela e me puxou para o quarto dos meninos. Ele fechou a porta atrás de nós. Os olhos brilhantes de tanta excitação. Nossa mãe tinha xingado o Sr. Fisher.

— Mamãe chamou o Sr. Fisher de escroto — comentei.

Nem sabia o que era escroto, mas com certeza soava engraçado. Acabei soltando uma risadinha.

Era tudo muito emocionante e horrível. Nenhum de nós nunca chegara a se meter em problemas de verdade na casa de veraneio. Nada realmente sério. Essa era praticamente uma grande área livre de problemas.

As mães relaxavam na casa de veraneio. Se fosse em casa, Steven levaria um puxão de orelha se respondesse, mas, aqui, minha mãe parecia não se importar muito. Provavelmente porque em Cousins as crianças não eram o centro do universo. Minha mãe ficava ocupada com outras coisas, como plantar, ir a galerias de arte com Susannah, se alongar e ler livros. Ela ficava ocupada demais para se irritar ou se preocupar. Não éramos o centro das atenções.

Isso era bom e ruim ao mesmo tempo. Bom, porque escapávamos impunes das coisas. Se ficássemos brincando na praia até mais tarde, se comêssemos duas sobremesas, ninguém se importaria de fato. Ruim, porque eu tinha a vaga impressão de que Steven e eu não éramos tão importantes aqui, que havia outras coisas que ocupavam a mente da minha mãe... lembranças das quais não fazíamos parte, uma vida antes de existirmos. E, também, a vida secreta dentro da nossa mãe, onde não havia Steven e eu. Era como quando ela viajava sem nós... quando eu sabia que não sentia nossa falta nem pensava muito na gente.

Eu odiava essa ideia, mas era a verdade. As mães tinham uma vida inteira à parte dos filhos. Acho que nós, crianças, também.



Capítulo vinte e cinco

Quando Jeremiah e Conrad vieram da praia com as pranchas sob os braços, tive essa ideia louca de que devia tentar avisá-los de alguma forma. Assobiar ou algo assim. Mas eu não sabia assobiar, e já era tarde demais mesmo.

Eles guardaram as pranchas, e então subiram os degraus e nos viram sentados ali. Todo o corpo de Conrad se contraiu, e vi Jeremiah resmungar “merda” baixinho.

— Oi, pai — disse Jere logo depois.

Conrad passou esbarrando em nós e entrou em casa. O Sr. Fisher o seguiu, e Jeremiah e eu nos encaramos por um instante. Ele se inclinou mais para perto de mim e disse:

— Que tal você trazer o carro enquanto pego nossas coisas e depois fugimos daqui?

Dei uma risadinha, depois tapei a boca com a mão. Duvidava que o Sr. Fisher fosse gostar de me ver rindo com todas essas coisas sérias acontecendo. Eu me levantei e ajeitei melhor a toalha com a qual estava enrolada, sob as axilas. Em seguida, nós também entramos.

Conrad e o Sr. Fisher estavam na cozinha. Conrad abria uma cerveja, sem nem olhar para o pai.

— Que merda de brincadeira é essa aqui? — perguntou o Sr. Fisher.

Sua voz estava realmente alta e destoava do ambiente tranquilo. Ele estava passando os olhos na cozinha, na sala de estar.

— Pai... — começou Jeremiah.

O Sr. Fisher olhou direto para o filho mais novo e disse:

— Sandy Donatti me ligou esta manhã e contou o que aconteceu. Você devia ter levado Conrad de volta para o campus, não ter ficado para se divertir... e festejar e interferir na venda.

Jeremiah pestanejou.

— Quem é Sandy Donatti?

— Nossa corretora de imóveis — respondeu Conrad.

Percebi que minha boca estava aberta e fechei-a de imediato. Entrelacei os braços ao redor de mim mesma, tentando ficar invisível. Talvez não fosse tarde demais para eu e Jeremiah fugirmos. Talvez daquele jeito ele nunca descobrisse que eu também sabia sobre a casa. Será que faria diferença o fato de eu só ter tomado conhecimento essa tarde? Eu duvidava.

Jeremiah olhou para Conrad, depois voltou o olhar para o pai.

— Não sabia que tínhamos uma corretora de imóveis. Você não me disse que estava vendendo a casa.

— Eu disse que era uma possibilidade.

— Você não me disse que estava mesmo fazendo isso.

Conrad se intrometeu, falando apenas com Jeremiah.

— Não importa. Ele não vai vender a casa. — Bebeu calmamente a cerveja, e todos ficamos esperando para ouvir o que ele diria em seguida. — A casa não é dele.

— É sim — retrucou o Sr. Fisher, a respiração pesada. — Não estou fazendo isso por mim. O dinheiro será para vocês.

— Você acha que me importo com dinheiro? — Conrad finalmente olhou para ele, os olhos frios. A voz não tinha tom. — Não sou como você. Não dou a mínima para o dinheiro. Me importo com a casa. A casa da mamãe.

— Conrad...

— Você não tem o direito de estar aqui. Devia ir embora.

O Sr. Fisher engoliu em seco, e seu pomo de adão subiu e desceu.

— Não, não vou embora.

— Diga a *Sandy* para não se dar ao trabalho de voltar.

Conrad disse a palavra “Sandy” como se fosse um insulto. E acho que era essa a intenção.

— Sou seu pai — disse o Sr. Fisher com a voz rouca. — E sua mãe me encarregou dessa decisão. É isso que ela iria querer.

A concha dura e estável de Conrad rachou, e a voz dele estava tremendo quando disse:

— Não fale sobre o que ela iria querer.

— Ela era minha esposa, droga! Eu também a perdi.

Devia ser verdade, mas essa era a pior coisa para se dizer ao Conrad naquele momento. Isso fez com que ele explodisse. Socou a parede mais próxima, e eu recuei. Fiquei surpresa por não ter deixado um buraco.

— Você não a perdeu — disse Conrad. — Você a abandonou. Você não sabe nada sobre o que ela iria querer. Você nunca esteve lá. Você foi um pai de merda e um marido mais merda ainda. Então não se preocupe em fazer a coisa certa agora. Você só estraga tudo.

— Con, cale a boca. Só cale a boca — disse Jeremiah.

Conrad se virou abruptamente e gritou:

— Você ainda vai defender ele? É exatamente por isso que não te contamos!

— Nós? — repetiu Jeremiah.

Ele olhou para mim em seguida, e a expressão de abatido em seu rosto me atingiu em cheio.

Comecei a falar, tentar explicar, mas o máximo que consegui dizer foi:

— Só descobri hoje, eu juro. — E o Sr. Fisher me interrompeu.

— Você não é o único que está sofrendo, Conrad. Não pode falar assim comigo.

— Acho que posso.

Um silêncio mortal pairou no ar e até parecia que o Sr. Fisher ia bater em Conrad, de tão irado que estava. Os dois se encararam, e eu sabia que não seria Conrad a recuar. Foi o Sr. Fisher quem desviou o olhar.

— O pessoal da mudança vai voltar, Conrad. Isso está acontecendo. Sua pirraça não pode impedir isso.

Ele saiu logo depois. Disse que voltaria pela manhã, e as palavras eram ameaçadoras. Ele disse que estava hospedado na pousada da cidade. Ficou claro que mal podia esperar para sair daquela casa.

Nós três ficamos parados na cozinha depois que ele foi embora, ninguém disse nada. Muito menos eu. Nem devia estar ali. Pela primeira vez, desejei estar em casa com minha mãe Steven e Taylor longe de tudo isso.

Jeremiah foi o primeiro a falar.

— Não acredito que ele vai mesmo vender a casa — comentou, quase que para si mesmo.

— Pode acreditar — disse Conrad asperamente.

— Por que você não contou para mim? — questionou Jeremiah.

Conrad olhou para mim antes de responder.

— Não achei que precisasse saber.

Os olhos de Jeremiah se estreitaram.

— Como assim, Conrad? É minha casa também.

— Jere, eu mesmo descobri há pouco tempo. — Conrad se apoiou no balcão da cozinha, a cabeça baixa. — Eu estava em casa pegando algumas roupas. Aquela corretora, Sandy, ligou e deixou uma mensagem na secretária eletrônica, dizendo que o pessoal da mudança estava vindo pegar as coisas que tinham empacotado. Voltei para a faculdade, peguei minhas coisas e vim direto para cá.

Conrad havia abandonado a faculdade e tudo mais para vir para a casa de veraneio, e nós aqui achando que ele era um fracassado precisando de salvação, quando, na realidade, ele era o salvador.

Eu me senti culpada por não ter dado a ele o benefício da dúvida, e sabia que Jeremiah também. Trocamos um rápido olhar e eu sabia que ele estava pensando exatamente a mesma coisa. Depois eu acho que ele se lembrou que também estava irritado comigo e virou o rosto.

— Então é isso? — perguntou Jeremiah.

Conrad não respondeu de imediato. Após algum tempo ele olhou para cima e disse:

— É, acho que é isso.

— Bem, fez um bom trabalho cuidando de tudo, Con.

— Tenho lidado com isso sozinho — retrucou Conrad. — Não tive nenhuma ajuda sua.

— Talvez, se tivesse me contado...

Conrad o interrompeu.

— E você teria feito o quê?

— Teria conversado com papai.

— Ah, claro. — Conrad não podia ter soado mais desdenhoso.

— Que diabos isso significa?

— Significa que você vive tão ocupado puxando o saco dele que não consegue enxergar quem ele é.

Jeremiah não disse nada quando ouviu isso, e eu estava com muito medo do rumo que a conversa tomava. Conrad estava procurando confusão e a última coisa que precisávamos era de que os dois comesçassem a brigar no chão da cozinha, quebrando as coisas e a si mesmos. Dessa vez, minha mãe não estava ali para separá-los. Só havia eu, e isso era praticamente nada.

Foi quando Jeremiah disse:

— Ele é nosso pai.

Ele falou com a voz cadenciada, equilibrada, e soltei um pequeno sopro de alívio. Não haveria briga nenhuma, porque Jeremiah não permitiria. Eu o admirava por isso.

Mas Conrad balançou a cabeça com repulsa.

— Ele é um merda.

— Não o chame assim.

— Que tipo de cara trai a mulher e depois a abandona quando ela tem câncer? Que tipo de homem faz isso? Não suporto nem olhar para ele. Sinto nojo, bancando o mártir agora, o viúvo angustiado. Mas onde ele estava quando mamãe precisou dele, hein, Jere?

— Não sei, Con. Onde você estava?

O silêncio pairou, e me pareceu que o ar estava quase fazendo barulho. O jeito que Conrad hesitou, o jeito que Jeremiah prendeu a respiração depois do que disse. Ele queria retirar aquelas palavras, pude perceber, e estava prestes a fazê-lo, quando Conrad comentou, em tom de conversa:

— Isso foi golpe baixo.

— Desculpe — disse Jere.

Conrad deu de ombros, ignorando-o como se de qualquer maneira isso não importasse. E Jeremiah perguntou:

— Por que você não pode simplesmente deixar para lá? Por que você tem que se ater a todas as merdas que já te aconteceram?

— Porque vivo no mundo real, diferente de você. Você prefere viver num mundo de fantasia a ver quem as pessoas realmente são.

Ele disse isso de um jeito que me fez pensar a quem ele estava de fato se referindo.

Jeremiah se enfureceu. Olhou para mim, depois voltou os olhos para Conrad e disse:

— Você só está com ciúmes. Admita.

— Ciúmes?

— Está com ciúmes por eu e papai estarmos mais próximos agora. Não se trata mais só de você, e isso te mata.

Conrad soltou uma gargalhada. Um som amargo e severo.

— Que idiotice! — Ele se virou para mim. — Belly, está ouvindo isso? Jeremiah acha que estou com ciúmes.

Jeremiah olhou para mim, tipo *fique do meu lado*, e eu sabia que, se ficasse, ele me perdoaria por não ter contado sobre a casa. Eu odiei Conrad por ter me colocado no fogo cruzado, por me fazer escolher. Eu não sabia de que lado estava. Os dois estavam certos e os dois estavam errados.

Acho que demorei tempo demais para responder, porque Jeremiah parou de olhar para mim e continuou:

— Você é um idiota, Conrad. Só quer que todos sejam tão miseráveis quanto você. — E depois saiu.

A porta da entrada bateu atrás dele.

Senti que devia segui-lo. Senti que o havia decepcionado quando ele mais precisou de mim.

E então Conrad me perguntou:

— Sou um idiota, Belly?

Ele abriu outra cerveja e estava tentando soar indiferente, mas a mão dele tremia.

— Sim — respondi. — Você é.

Caminhei até a janela e observei Jeremiah entrar no carro. Era tarde demais para ir atrás dele. Já estava saindo da entrada de

veículos. Embora estivesse irritado, tinha colocado o cinto.

— Ele vai voltar — comentou Conrad.

Hesitei e depois disse:

— Você não devia ter dito aquelas coisas.

— Talvez não.

— Você não devia ter me pedido para guardar segredo.

Conrad deu de ombros como se já tivesse superado a situação, mas depois olhou novamente em direção à janela e percebi que estava preocupado. Ele jogou uma cerveja para mim e eu a peguei. Abri a lata e tomei um longo gole. O gosto quase não era ruim. Talvez eu estivesse me acostumando. Estalei os lábios ruidosamente.

Ele me observava, e tinha um ar engraçado no rosto.

— Então quer dizer que agora você gosta de cerveja?

Dei de ombros.

— Não é ruim — respondi, e me senti muito madura. Mas logo depois acrescentei — Só que ainda prefiro Cherry Coke.

Ele quase sorriu ao comentar:

— A mesma Belly de sempre. Aposto que, se abrissemos seu corpo, o açúcar refinado começaria a derramar de dentro de você.

— Essa sou eu — afirmei. — Açúcar, ketchup e tudo o que há de bom.

— Quanto a isso eu não sei.

E então nós dois ficamos unidos. Tomei outro gole de cerveja e coloquei-a perto de Conrad.

— Acho que você magoou para valer os sentimentos de Jeremiah.

Ele deu de ombros.

— Ele precisava de uma dose de realidade.

— Não precisava ser desse jeito.

— Acho que foi você quem magoou os sentimentos de Jeremiah.

Abri a boca e fechei-a em seguida. Se eu perguntasse o que queria dizer com isso, ele me diria. E eu não queria ouvir. Então bebi minha cerveja e perguntei:

— E agora?

Conrad não me deixaria escapar dessa assim tão fácil.

— E agora você e Jeremiah ou você e eu?

Estava me provocando e o odiei por isso. Pude sentir minhas bochechas queimando ao dizer: — E agora a casa, foi o que quis dizer.

Ele recostou no balcão.

— Não há nada para se fazer, sério. Eu podia arrumar um advogado. Tenho 18 agora. Podia tentar e protelar. Mas duvido que fosse resolver alguma coisa. Meu pai é teimoso. E ganancioso.

— Não sei se ele está fazendo isso por... por ganância, Conrad — falei, hesitante.

O rosto dele se fechou um pouco.

— Vai por mim. Ele está.

Não consegui evitar e acabei perguntando:

— E quanto ao curso de verão?

— Estou pouco me lixando para a faculdade agora.

— Mas...

— Deixa quieto, Belly.

Ele saiu da cozinha, abriu a porta deslizante, e foi lá para fora.

Fim de papo.



Capítulo vinte e seis

JEREMIAH

A vida toda admirei Conrad. Ele sempre foi mais esperto, mais rápido... simplesmente melhor. A questão é que nunca cheguei a invejá-lo por isso. Era só Conrad. Ele não conseguia evitar ser bom nas coisas. Não conseguia evitar o fato de nunca ter perdido uma partida de Uno, corridas ou anos na escola. Talvez parte de mim precisasse disso, de alguém para admirar. Meu irmão mais velho, o cara que não podia perder.

Mas teve essa vez, quando eu tinha 13 anos. Estávamos lutando na sala de estar fazia meia hora. Meu pai sempre tentava nos colocar para lutar. Ele tinha feito parte da equipe de luta livre na faculdade e gostava de nos ensinar novas técnicas. Estávamos lutando, e minha mãe preparando escalopes com bacon na cozinha, pois receberíamos visitas naquela noite e esse era o prato preferido do meu pai.

— Prenda-o, Con — dizia meu pai.

Estávamos nos envolvendo mesmo na coisa. Já tínhamos derrubado um dos castiçais da minha mãe. Conrad estava com a respiração pesada; achou que fosse me derrotar facilmente. Mas eu estava ficando bom, não ia desistir. Ele estava com minha cabeça travada sob seu braço e então preni seu joelho e nós dois fomos para o chão. Pude sentir alguma coisa mudar; quase o peguei. Eu ia ganhar. Meu pai ficaria tão orgulhoso.

Quando o imobilizei, meu pai disse:

— Connie, falei para você manter os joelhos flexionados.

Olhei para papai, e vi a expressão estampada em seu rosto. Estava com aquele semblante que costumava ficar quando Conrad não estava fazendo alguma coisa direito, totalmente tenso ao redor dos olhos e irritado. Ele nunca olhava para mim assim.

Ele não disse “Bom trabalho, Jere”. Simplesmente começou a criticar Conrad, dizendo todas as coisas que ele podia ter feito melhor. E Conrad aguentou. Concordava com a cabeça, o rosto vermelho, o suor escorrendo pela testa. Depois meu irmão balançou a cabeça para mim num aceno e disse de um jeito que eu sabia ser sincero:

— Bom trabalho, Jere.

Foi quando meu pai se intrometeu e disse:

— É, bom trabalho, Jere.

De repente, senti vontade de chorar. Não queria ganhar de Conrad nunca mais. Não valia a pena.

Depois de tudo o que aconteceu na casa, entrei no carro e saí dirigindo. Não sabia onde estava indo e parte de mim nem queria voltar. Parte de mim queria deixar Conrad lidar com essa droga toda sozinho, do jeito que quisesse no “fim das contas”? Deixar Belly lidar com ele. Deixar que eles se atacassem. Dirigi por meia hora.

Mas enquanto fazia isso sabia que, no final das contas, ia acabar voltando atrás. Não podia simplesmente ir embora. Esse era o estilo de Conrad, não o meu. E *foi* golpe baixo o que eu disse sobre ele não estar lá para apoiar nossa mãe. Não era como se ele soubesse que ela fosse morrer. Meu irmão estava na faculdade. Não era culpa dele. Mas não foi ele quem estava lá quando tudo piorou de novo. Aconteceu tão rápido. Conrad não teria como saber. Se soubesse, teria ficado em casa. Sei que teria.

Nosso pai nunca ganharia o prêmio de Pai do Ano. Ele tinha defeitos, sem dúvida. Mas quando foi importante, nos últimos dias de vida de mamãe, ele voltou para casa. Disse todas as coisas certas. Fez nossa mãe feliz. Conrad simplesmente não conseguia enxergar isso. Ele não queria ver.

Não voltei logo para casa.

Primeiro, parei na pizzaria. Estava na hora do jantar e não tinha comida nenhuma em casa. Um garoto que eu conhecia, Mikey, estava no caixa. Pedi uma pizza grande com tudo o que tinha direito, e depois perguntei se Ron estava fazendo entregas. Mikey respondeu que sim, que Ron voltaria logo e que eu devia esperar.

Ron morava em Cousins o ano todo. Frequentava a faculdade comunitária durante o dia e entregava pizzas à noite. Era um cara legal. Comprava cerveja para os menores de idade desde que eu me entendia por gente. Se você desse uma nota de vinte pro cara, sua noite estava garantida.

Tudo o que eu sabia era que, se essa fosse nossa última noite, não podíamos deixar por isso mesmo.

Quando cheguei em casa, Conrad estava sentado na varanda da frente. Eu sabia que estava esperando por mim; sabia que se sentia mal pelo que dissera. Buzinei, enfiei a cabeça para fora da janela e gritei:

— Venha me ajudar com essas coisas.

Ele desceu até o carro, olhou as caixas de cerveja e a garrafa de licor, e perguntou:

— Ron?

— É. — Ergui duas caixas de cerveja e as entreguei a ele. — Vamos dar uma festa.



Capítulo vinte e sete

Depois da briga, depois que o Sr. Fisher saiu, subi para o quarto e fiquei lá. Não queria estar por perto quando Jeremiah voltasse, caso ele e Conrad partissem para um segundo round. Diferente de Steven e eu, aqueles dois raramente brigavam. Desde quando os conheci, só os vi nessa situação, umas três vezes. Jeremiah admirava Conrad, e Conrad cuidava de Jeremiah. Simples assim.

Comecei a vasculhar as gavetas e o armário para ver se alguma coisa minha tinha ficado para trás. Minha mãe era muito cuidadosa em relação às nossas coisas sempre que íamos embora, mas nunca se sabe. Deduzi que seria melhor me certificar. O Sr. Fisher provavelmente mandaria o pessoal da mudança jogar tudo fora.

No fundo da gaveta da escrivaninha encontrei um caderno de redação antigo dos meus dias de *A Pequena Espiã*. Estava pintado com marcador de texto rosa, verde e amarelo. Eu tinha seguido os meninos durante dias, fazendo anotações, até que Steven se irritou e me dedurou para mamãe.

Eu escrevera:

28 de junho: Peguei Jeremiah dançando em frente ao espelho quando ele achou que ninguém estava olhando. Azar o dele que eu estava!

30 de junho: Conrad comeu todos os picolés azuis de novo, embora não devesse fazer isso. Mas não contei nada.

1º de julho: Steven me chutou sem motivo.

E assim por diante. Fiquei entediada lá pelo meio de julho e parei de ler. Eu era uma maria vai com as outras naquela época. O meu eu de 8 anos teria amado fazer parte dessa última aventura, teria amado o fato de poder passar um tempo com os meninos enquanto Steven tinha que ficar em casa.

Encontrei algumas outras coisas, porcarias como um tubo de gloss labial de cereja pela metade, dois arcos de cabelo empoeirados. Na prateleira estavam meus velhos livros da Judy Blumes e os da V. C. Andrews escondidos atrás deles. Pensei em deixar tudo isso para trás.

A única coisa que eu tinha que levar era Junior Mint, meu velho urso polar de pelúcia, aquele que Conrad ganhara para mim no calçadão há um milênio. Não podia simplesmente deixar Junior Mint ser jogado fora como se fosse lixo. Ele foi especial para mim durante uma época.

Fiquei lá em cima por um tempo, só olhando para minhas coisas velhas. Encontrei outro item que valia a pena guardar. Um telescópio de brinquedo. Lembro-me do dia que meu pai o comprou para mim. Foi numa das lojinhas de antiguidades que beiravam o calçadão, e foi caro, mas ele disse que eu devia tê-lo mesmo assim. Houve uma época em que eu era obcecada por estrelas, cometas e constelações, e ele achou que eu podia crescer e virar astrônoma. Acabou sendo só uma fase, mas foi divertido enquanto durou. Eu gostava do jeito que meu pai me olhava naquela época, como se eu tivesse puxado a ele, filha de peixe.

Ele ainda olhava para mim daquele jeito uma vez ou outra... quando eu pedia molho de pimenta em restaurantes, quando mudava a estação do rádio para a NPR sem ele pedir. Eu gostava de

molho de pimenta, mas não curtia mais a NPR tanto assim. Fazia isso porque sabia que o deixaria orgulhoso.

Estava feliz por ele ser meu pai e não o Sr. Fisher. Ele nunca teria gritado comigo ou me xingado, nem ficado bravo pelo Ki-Suco derramado. Ele não era esse tipo de homem. Nunca tinha dado valor suficiente ao tipo de homem que o meu pai era.



Capítulo vinte e oito

Meu pai raramente vinha para a casa de veraneio, talvez por um fim de semana em agosto, mas não passava disso. Nunca pensei em perguntar o porquê. Teve esse fim de semana em que ele e o Sr. Fisher apareceram na mesma hora. Como se tivessem muita coisa em comum, como se fossem amigos ou algo do tipo. Eles não poderiam ser mais diferentes. O Sr. Fisher gostava de falar, falar, falar, e meu pai só falava se tivesse algo a dizer. O Sr. Fisher sempre assistia ao SportsCenter, enquanto meu pai raramente ligava a TV... e muito menos para ver esportes.

Os pais estavam indo a um restaurante chique em Dyerstown. Uma banda tocava lá nas noites de sábado e eles tinham uma pequena pista de dança. Era estranho imaginar meus pais dançando. Nunca os tinha visto dançar, mas tinha certeza de que Susannah e o Sr. Fisher dançavam com frequência. Eu os vira uma vez na sala de estar. Lembrei-me de como Conrad ficou corado e saiu de perto.

Eu estava deitada de bruços, na cama de Susannah, observando minha mãe e ela se arrumando no banheiro da suíte.

Susannah convencera minha mãe a usar um vestido dela. Ele era vermelho e tinha um profundo decote em V.

— O que você acha, Beck? — perguntou minha mãe, insegura.

Eu sabia que ela estava se sentindo estranha. Costumava usar só calças.

— Acho que está deslumbrante. Você devia ficar com ele. Vermelho é a sua cor, Laure. — Susannah estava curvando os cílios e arregalando os olhos em frente ao espelho.

Quando saíssem, eu praticaria o uso de curvex. Minha mãe não tinha um. Eu conhecia o conteúdo de sua bolsa de maquiagem, uma daquelas plásticas verdes da *Clinique* que vêm de brinde na compra de um presente. Tinha um creme hidratante para os lábios da *Burt's Bees* e um delineador cor de café, um tubo de rímel *Maybelline* rosa e verde, e um frasco de filtro solar com tonalidade de base. Sem graça demais!

O estojo de maquiagem de Susannah, por outro lado, era um baú de tesouros. Tinha a estampa de uma pele de cobra azul-marinho, um grande fecho dourado e suas iniciais gravadas nele. Lá dentro ela guardava potinhos de sombra e paletas, pincéis de zibelina e amostras de perfumes. Ela nunca jogava nada fora. Eu gostava de vasculhar o estojo e organizar tudo em fileiras perfeitas, de acordo com a cor. Às vezes ela me dava um batom ou uma amostra de sombra, nada muito escuro.

— Belly, quer que eu maquie seus olhos? — perguntou-me Susannah.

Eu me sentei ereta.

— Sim!

— Beck, não a deixe com olhos de piranha de novo — pediu minha mãe, passando o pente pelo cabelo molhado.

Susannah fez uma careta.

— O nome é olho esfumaçado, Laure.

— É, mãe, olho esfumaçado — elevei a voz.

Susannah me chamou com o dedo.

— Vem cá, Belly.

Disparei para dentro do banheiro e impulsionei-me para cima do balcão. Eu adorava sentar ali com as pernas suspensas, ouvindo a conversa toda como uma das garotas.

Ela mergulhou um pequeno pincel num pote de delineador preto.

— Feche os olhos — disse ela.

Obedeci, e Susannah passou o pincel ao longo da linha dos meus cílios, misturando e esfumaçando habilmente com o dedão. Depois

arrastou a sombra em minhas pálpebras e eu, ainda sentada, vibrei de animação. Adorava quando Susannah me maquiava. Mal podia esperar pelo momento de ver o resultado.

— Você e o Sr. Fisher vão dançar essa noite? — perguntei.

Susannah riu.

— Não sei. Talvez.

— Mãe, e você e o papai?

Minha mãe também riu.

— Não sei. Provavelmente não. Seu pai não gosta de dançar.

— Papai é chato — comentei, tentando me virar e dar uma espiada no meu novo look.

Gentilmente, Susannah colocou as mãos em meus ombros e me fez ficar reta.

— Ele não é chato — retrucou minha mãe. — Só tem interesses diferentes. Você gosta quando ele lhe ensina sobre constelações, não gosta?

Dei de ombros.

— Sim.

— E ele é muito paciente e sempre ouve suas histórias — lembrou-me mamãe.

— Verdade. Mas o que isso tem a ver com ser chato?

— Pouca coisa, eu suponho. Mas tem a ver com ser um bom pai, o que acho que ele é.

— Definitivamente — concordou Susannah, e ela e minha mãe trocaram um olhar sobre minha cabeça. — Pode se ver agora.

Girei o corpo e me olhei no espelho. Meu olhos estavam super esfumaçados, acinzentados e misteriosos. Parecia ser eu quem devia estar saindo para dançar.

— Está vendo, não parece nem um pouco uma piranha — constatou Susannah, triunfante.

— Parece que está com o olho roxo — observou minha mãe.

— Não pareço nada. Estou com um ar misterioso. Pareço uma condessa. — Desci do balcão num pulo. — Obrigada, Susannah.

— De nada, meu bem.

Jogamos beijo uma para a outra como se fôssemos donzelas almoçando juntas. Depois ela pegou minha mão e me levou até a

cômoda. Entregou-me a caixa de joias e disse:

— Belly, você tem muito bom gosto. Pode me ajudar a escolher uma joia para usar hoje à noite?

Sentei-me na cama com a caixa de madeira e examinei o conteúdo com cuidado. Encontrei o que procurava... os brincos compridos de opala e o anel de opala combinando.

— Use estas — falei, mostrando a ela as joias que estavam na palma da minha mão.

Susannah obedeceu, e enquanto fechava os brincos, minha mãe disse:

— Não sei se combina.

Numa retrospectiva, acho que realmente não combinava. Mas eu amava aquele conjunto de opala. Admirava-o mais do que tudo. Então respondi:

— Mãe, o que você entende sobre estilo?

De imediato, fiquei preocupada que ela se aborrecesse, mas acabou escapulindo e não deixava se ser verdade. Minha mãe entendia tanto de joias quanto entendia de maquiagem.

Mas Susannah riu, e minha mãe também.

— Desça e diga aos homens que estaremos prontas em cinco minutos, Condessa — ordenou minha mãe.

Pulei da cama e fiz uma reverência dramática.

— Sim, mamãe.

As duas caíram na gargalhada.

— Vá logo, sua diabinha — continuou ela.

Desci as escadas correndo. Quando era criança, aonde quer que eu fosse, ia correndo.

— Elas estão quase prontas — anunciei.

O Sr. Fisher estava mostrando sua nova vara de pescar ao meu pai, que pareceu aliviado ao me ver.

— Belly, o que fizeram com você? — perguntou ele.

— Susannah me maquiou. Ficou bom?

Meu pai acenou para que eu me aproximasse, observando-me com um olhar sério.

— Não sei. Você parece muito madura.

— Pareço?

— Sim, muito madura mesmo.

Tentei esconder minha alegria enquanto me posicionava sob seu braço curvado, a cabeça bem ao seu lado. Para mim, não existia elogio melhor do que ser chamada de madura.

Eles saíram um pouco mais tarde, os pais com calças caqui engomadas e camisas sociais e as mães com seus vestidos de verão. O Sr. Fisher e meu pai não pareciam tão diferentes vestidos daquele jeito. Papai se despediu de mim com um abraço e disse que, se eu ainda estivesse acordada quando voltassem, nos sentaríamos no deque por um tempo para procurar estrelas cadentes. Minha mãe disse que provavelmente voltariam muito tarde, mas meu pai piscou para mim.

Na saída, ele sussurrou alguma coisa para minha mãe que a fez cobrir a boca e rir de um jeito baixo, gutural. Fico imaginando o que ele disse. Essa foi uma das últimas vezes que me lembro de tê-los visto felizes. Queria muito ter aproveitado mais.

Meus pais sempre foram estáveis, tão chatos quanto dois pais conseguem ser. Eles nunca brigavam. Os pais de Taylor brigavam o tempo todo. Eu podia ter ido passar a noite lá, e o Sr. Jewel chegaria em casa tarde e a mãe dela ficaria muito irritada, pisando duro de um lado para o outro com as sandálias e batendo nas panelas. Estaríamos à mesa de jantar, eu me encolheria na cadeira e Taylor simplesmente começaria a conversar sobre coisas estúpidas. Do tipo se Veronika Gerard usou ou não o mesmo par de meias dois dias seguidos na academia ou se devíamos nos voluntariar para sermos as garotas da água do time reserva de futebol quando fôssemos calouras.

Quando os pais dela se divorciaram, perguntei a Taylor se, de alguma maneira, ela estava aliviada. Ela disse que não. Que, apesar de brigarem o tempo todo, eles ao menos tinham sido uma família.

— Seus pais nunca brigam — disse ela, e pude ouvir o desprezo em sua voz.

Eu sabia o que Taylor queria dizer. Eu também pensava nisso. Como duas pessoas que já estiveram completamente apaixonadas nem mesmo brigam? Não se importavam o suficiente para discutir,

para brigar não apenas entre eles, mas também pelo casamento? Será que chegaram a estar de fato apaixonados? Será que minha mãe já sentiu pelo meu pai o que sinto por Conrad... viva, louca, embriagada de ternura? Eram essas as perguntas que me assombravam.

Não queria cometer os mesmos erros dos meus pais. Não queria que meu amor desaparecesse um dia, como uma antiga cicatriz. Queria que ele ardesse para sempre.



Capítulo vinte e nove

Quando finalmente desci de novo, estava escuro lá fora e Jeremiah tinha voltado. Ele e Conrad estavam sentados no sofá, assistindo a TV como se a briga nunca tivesse acontecido. Deduzi que funcionava assim com os meninos. Sempre que Taylor e eu brigávamos ficávamos com raiva por pelo menos uma semana e medíamos força para ver quem ficava com a custódia de qual amiga. “De que lado você está?”, exigíamos saber de Katie ou Marcy. Dizíamos coisas imperdoáveis e depois chorávamos e fazíamos as pazes. De alguma forma, eu duvidava que Conrad e Jeremiah tivessem chorado e feito as pazes enquanto eu estive no andar de cima.

Fiquei me perguntando se também tinha sido perdoada por não ter contado o segredo a Jeremiah, por não ter tomado partido... o dele. Porque na verdade, tínhamos vindo para cá juntos, como parceiros, uma equipe, e, quando ele precisou de mim, eu o desapontei. Hesitei ao pé da escada por um segundo, na dúvida se devia ou não ir até lá, e então Jeremiah olhou para mim e eu sabia que estava. Perdoada, no caso. Ele sorriu, um sorriso verdadeiro, e um sorriso verdadeiro de Jeremiah era do tipo que podia derreter um sorvete. Retribuí o sorriso, extremamente agradecida.

— Estava indo buscar você — disse ele. — Vamos dar uma festa.

Havia uma caixa de pizza na mesa de centro.

— Noite da pizza? — perguntei.

Susannah costumava fazer noites de pizza quando éramos crianças. Nunca era apenas “pizza no jantar”. Era noite de pizza. Só que dessa vez com cerveja. E tequila. Então era isso. Nossa última noite. Teria sido muito mais real se Steven também estivesse aqui. Teria sido completo, nós quatro juntos de novo.

— Encontrei com algumas pessoas na cidade. Eles vão aparecer mais tarde e trazer um barril.

— Um barril?— perguntei.

— É. Um barril, sabe, de cerveja?

— Ah, sim — respondi. — Um barril.

Eu me sentei no chão e abri a caixa de pizza. Só tinha um pedaço, e era pequeno.

— Vocês são uns fominhas! — exclamei, enfiando a fatia na boca.

— Ops, foi mal — disse Jere.

Em seguida ele foi até a cozinha, e quando voltou trazia três copos. Um estava equilibrado na dobra do cotovelo. Foi esse que ele me entregou.

— Saúde — disse.

Ele também entregou um copo a Conrad.

Funguei meio desconfiada. A bebida era de um marrom claro com uma fatia de limão boiando em cima.

— O cheiro é forte — comentei.

— Porque é *tequila* — respondeu cantando. Ele ergueu o copo no ar. — À última noite.

— À última noite — repetimos.

Os dois beberam tudo num trago só. Tomei um golinho do meu, e não era tão ruim. Nunca tinha tomado tequila antes. Bebi o resto rapidamente.

— Isso é muito bom — comentei. — Nem um pouco forte.

Jeremiah caiu na gargalhada.

— É porque o seu tem noventa e cinco por cento de água.

Conrad também riu, e olhei furiosa para os dois.

— Isso não é justo — falei. — Quero beber o que vocês estão bebendo.

— Lamento, mas não servimos a menores aqui — disse Jeremiah, escorregando para o chão ao meu lado.

Soquei seu ombro.

— Você também é menor, bobão. Todos nós somos.

— É, mas você é a mais nova — alegou ele. — Minha mãe me mataria.

Essa foi a primeira vez que algum de nós mencionou Susannah. Meus olhos moveram-se rapidamente na direção de Conrad, mas o rosto dele estava vazio. Suspirei. E então tive uma ideia, a melhor ideia de todas. Fiquei de pé num pulo e abri as portas da mesinha da TV. Passei os dedos pelas gavetas de DVDs e vídeos caseiros, todos impecavelmente etiquetados com a caligrafia cursiva e inclinada de Susannah. Encontrei o que procurava.

— O que você está fazendo? — perguntou Jeremiah.

— Você vai ver — respondi de costas para eles.

Troquei o canal, e o vídeo começou de repente.

Na tela, surgiu Conrad, aos 12 anos. Com aparelho nos dentes e descascando. Estava deitado numa toalha de praia, fazendo cara feia. Não deixou que ninguém tirasse foto dele naquele verão.

O Sr. Fisher estava atrás da câmera, como sempre, dizendo:

— Vamos lá, diga “Feliz 4 de julho”, Connie.

Jeremiah e eu olhamos um para o outro e caímos na gargalhada. Conrad nos fitou furioso. Ele se moveu em direção ao controle remoto, mas Jeremiah o pegou primeiro. O irmão mais novo segurou o controle sobre a cabeça, rindo sem parar. Os dois começaram a se atracar, depois pararam.

A câmera focou em Susannah, usando seu chapelão de praia e uma longa saia branca sobre o maiô.

— Suze, querida, como você se sente hoje no aniversário da nossa nação?

Ela revirou os olhos.

— Dá um tempo, Adam. Vá filmar as crianças.

E, então, sob o chapéu, ela sorriu... aquele sorriso lento, do fundo do coração. Era o sorriso de uma mulher que verdadeiramente amava a pessoa que estava segurando a filmadora.

Conrad parou de brigar pelo controle e assistiu por um instante, depois disse:

— Desliga isso.

— Fala sério, cara. Nós vamos só assistir — retrucou Jeremiah.

Conrad não falou nada, mas também não parou de ver.

E então a câmera chegou em mim, e Jeremiah começou a rir de novo. Conrad também. Era por isso que eu estava esperando. Sabia que seria motivo de riso.

Eu, usando óculos enormes e um biquíni listrado nas cores do arco-íris, minha barriga redonda sobrando por cima da calcinha como uma criança de 4 anos de idade. Estava me esgoelando, fugindo de Steven e Jeremiah. Os meninos me perseguiram com o que alegavam ser uma água-viva, mas que depois descobri ser só um punhado de alga.

O cabelo de Jeremiah estava branco de tão loiro na luz do sol, e era exatamente como eu me lembrava.

— Bells, você parece uma bolinha — disse ele, engasgando com o riso.

Eu também ri, um pouco.

— Assista — falei. — Esse verão foi ótimo. Todos os nossos verões aqui foram... ótimos.

Ótimo não descrevia nem o começo.

Em silêncio, Conrad se levantou e depois voltou com a tequila. Ele nos serviu, e desta vez a minha não estava aguada.

Tomamos a dose juntos, e, quando engoli, ardeu tanto, que as lágrimas escorreram pelo meu rosto. Conrad e Jeremiah rolaram de rir de novo.

— Chupe o limão — orientou Conrad.

E foi o que fiz. Logo comecei a me sentir quente, lenta e magnífica. Deitei no chão com o cabelo esparramado, olhei para o teto e observei o ventilador dar voltas e voltas.

Quando Conrad se levantou para ir banheiro, até o Jeremiah rolou para o lado.

— Ei, Belly — disse ele. — Verdade ou consequência?

— Não seja bobo.

— Ah, fala sério. Brinca comigo, Bells. Por favor?

Revirei os olhos e me sentei.

— Consequência.

Seus olhos tinham aquele brilho de trapaça. Não via esse olhar no rosto dele desde que Susannah adoeceu pela segunda vez.

— Eu te desafio a me beijar, à moda antiga. Apreendi muita coisa desde a última vez.

Eu ri. Esperava que ele dissesse qualquer coisa, menos isso.

Jeremiah inclinou a cabeça em minha direção e eu ri de novo. Inclinei-me para a frente, puxei seu queixo para mim e dei-lhe um beijo estalado na bochecha.

— Ah, cara! — protestou. — Isso não é um beijo de verdade.

— Você não especificou — aleguei, e meu rosto ficou quente.

— Fala sério, Bells — disse ele. — Não foi assim que eu te beijei daquela outra vez.

Nesse momento, Conrad entrou na sala, secando as mãos na calça jeans.

— Do que está falando, Jere? Você não tem namorada?

Olhei para Jeremiah, cujas bochechas estavam pegando fogo.

— Você tem namorada?

Ouvi o tom de acusação em minha voz e odiei. Não que Jeremiah me devesse alguma coisa. Não era como se pertencesse a mim. Mas ele sempre me fez sentir como se fosse assim.

Todo esse tempo juntos, e ele não mencionou nem uma vez que tinha uma namorada. Não podia acreditar nisso. Percebi que não era a única guardando segredos, e esse pensamento me entristeceu.

— Nós terminamos. Ela vai estudar em Tulane, e vou continuar por aqui. Decidimos que não faz sentido ficarmos juntos. — Ele fitou o irmão furioso e depois olhou de relance para mim. — E vivíamos indo e voltando. Ela é doida.

Eu odiava a ideia dele com alguma garota doida, alguma garota que ele gostasse o suficiente para reatar várias e várias vezes.

— Bem, qual é o nome dela? — perguntei.

Ele hesitou.

— Mara — disse por fim.

O álcool em meu organismo me deu a coragem para perguntar:

— Você a ama?

Dessa vez, ele não hesitou.

— Não.

Apanhei um pedaço de borda de pizza e falei:

— OK, minha vez. Conrad, verdade ou consequência?

Ele estava deitado de bruços no sofá.

— Nunca disse que estava brincando.

— Frangote — Jeremiah e eu dissemos juntos.

— Toque no verde — falamos ao mesmo tempo.

— Duas crianças de 2 anos de idade — resmungou Conrad.

Jeremiah se levantou e começou a fazer a dança da galinha.

— Pó, pó, pó, pó.

— Verdade ou consequência? — repeti.

Conrad gemeu.

— Verdade — respondeu ele.

Fiquei tão feliz por Conrad estar brincando com a gente que não consegui pensar em nenhuma pergunta boa. Quero dizer, havia um milhão e meio de coisas que eu queria perguntar a ele. Queria saber o que tinha acontecido entre nós, se ele chegou a gostar de mim, se alguma coisa tinha sido real. Mas não podia perguntar nada daquilo. Apesar da confusão por causa da tequila, eu tinha consciência disso.

— Você se lembra daquele verão que você ficou a fim da menina que trabalhava no calçadão? Angie?

— Não — respondeu ele, mas eu sabia que estava mentindo. — O que tem ela?

— Você chegou a ficar com ela?

Conrad finalmente ergueu a cabeça do sofá.

— Não — respondeu ele.

— Não acredito em você.

— Eu tentei, uma vez. Só que ela me deu um cascudo na cabeça e disse que não era desse tipo. Acho que era testemunha de Jeová ou coisa assim.

Jeremiah e eu caímos na gargalhada. Jere ria tanto que se encolheu e caiu de joelhos.

— Ai, cara — arfou. — Isso é demais.

E foi. Eu sabia que era só porque ele já tinha tomado uma caixa de cerveja, mas Conrad se soltava, contando coisas... Aquilo foi demais. Parecia um milagre.

Conrad se apoiou no cotovelo.

— OK. Minha vez.

Ele estava olhando para mim como se fôssemos as únicas pessoas na sala, e de repente fiquei apavorada. E eufórica. Mas então olhei para Jeremiah nos observando, e com a mesma rapidez voltei ao normal.

Solenemente, expliquei.

— Nem vem. Você não pode perguntar para mim, porque acabei de perguntar para você. É a regra.

— A regra? — repetiu ele.

— É — afirmei, encostando a cabeça no sofá.

— Você não está nem curiosa sobre o que eu ia perguntar?

— Não. Nem um pouquinho.

O que era mentira. Claro que estava curiosa. Morrendo de vontade de saber.

Estendi o braço, coloquei mais um pouco de tequila no meu copo e depois fiquei de pé, os joelhos balançando. Me senti tonta.

— À nossa última noite!

— Já brindamos a isso, esqueceu? — perguntou Jere.

Mostrei a língua para ele.

— Tudo bem, então.

A tequila me fez sentir corajosa de novo. Desta vez, ela me permitiu dizer o que eu realmente queria. O que eu tinha pensado a noite toda.

— Esse é para... para todos que não estão aqui esta noite. Para minha mãe, para Steven e acima de tudo para Susannah. OK?

Conrad olhou para mim. Por um instante tive medo do que fosse dizer. E então ele também ergueu a mão, e Jeremiah fez o mesmo. Todos nós viramos os copos juntos, e queimou como fogo líquido. Tossi um pouco.

Quando voltei a me sentar, perguntei a Jeremiah:

— E aí, quem vem para a festa?

Ele deu de ombros.

— Uma galera da piscina do clube que conheci no verão passado. Eles também estão chamando outras pessoas. Ah, e Mikey e Pete e aqueles caras.

Eu me perguntei quem eram “Mikey e Pete e aqueles caras”. E também se não era melhor arrumar a casa antes desse pessoal chegar.

— Que horas vai começar? — perguntei a Jeremiah.

Ele tornou a dar de ombros.

— Dez? Onze?

Levantei num rompante.

— Já são quase nove! Tenho que me vestir.

— Você já não está vestida? — perguntou Conrad.

Nem me importei em respondê-lo. Só disparei escada acima.



Capítulo trinta

O conteúdo da minha mochila estava espalhado pelo chão quando Taylor ligou. Foi aí que me lembrei que era sábado. Eu parecia estar longe há mais tempo. E então me lembrei que era 4 de julho. E que devia estar no barco com Taylor, Davis e todo mundo. *Putz.*

— Oi, Taylor.

— Oi, onde você está?

Taylor não parecia zangada, o que era meio esquisito.

— Bem, em Cousins ainda. Sinto muito por não ter conseguido voltar a tempo para a festa no barco.

Na pilha de roupas escolhi uma blusa de seda de um ombro só e experimentei. Sempre que Taylor a usava, partia o cabelo de lado.

— Choveu o dia todo, acabamos cancelando a festa no barco. Mas Cory vai dar uma festa hoje no condomínio do irmão. E você?

— Acho que vamos dar uma festa também. Jeremiah acabou de comprar uma tonelada de cerveja, tequila e outras coisas — contei, ajeitando a blusa. Não tinha certeza do quanto do ombro devia estar à mostra.

— Uma festa? — gritou ela. — Quero ir!

Tentei enfiar o pé na sandália plataforma de Taylor. Desejei não ter mencionado a festa... nem a tequila. Taylor era louca por doses de tequila.

— Mas e a festa de Cory? — lembrei-a. — Soube que o condomínio do irmão dele tem uma Jacuzzi. Você ama Jacuzzis.

— Ah, é. Droga. Mas também quero participar dessa farra com vocês! Festas na praia são as mais engraçadas — disse ela. — Além disso, Rachel Spiro me contou que um bando de calouras galinhas vai estar lá. Nem deve valer a pena ir. Ai, meu Deus, talvez eu devesse entrar no carro agora e dirigir até Cousins!

— Quando chegar aqui, todo mundo já vai ter ido embora. Acho melhor você ir à festa do Cory mesmo.

Ouvi um carro estacionar na entrada de veículos. As pessoas já estavam aqui. Então não era como se eu mentisse para ela. Estava prestes a dizer a Taylor que precisava desligar quando ela disse com uma voz ressentida:

— Você não quer que eu vá?

— Não disse isso — retruquei.

— Praticamente disse.

— Taylor — comecei. Mas não sabia o que falar em seguida. Porque ela estava certa. Eu não queria que ela viesse. Se isso acontecesse, tudo giraria em torno dela, como sempre. Essa era minha última noite em Cousins, na casa. Eu não voltaria a estar dentro dessa casa de novo, nunca mais. Queria que a noite girasse em torno de mim, Conrad e Jeremiah.

Taylor esperou que eu dissesse alguma coisa, que pelo menos negasse, e quando não o fiz, ela cuspiu:

— Não acredito no quanto você é egoísta, Belly.

— Eu?

— É, você. Você guarda a casa de veraneio e seus meninos de verão só para você e não quer dividir nada comigo. Finalmente conseguimos passar um verão inteiro juntas e você nem se importa! Você só se importa com Cousins, com *eles*.

Ela soava tão rancorosa. Mas em vez de me sentir culpada do jeito que sempre acontecia só fiquei irritada.

— Taylor — falei.

— Pare de dizer meu nome assim.

— Assim como?

— Como se eu fosse uma criança.

— Bem, então talvez você não devesse agir como uma só porque não foi convidada para ir a algum lugar. — Logo depois de dizer isso, me arrependi.

— Vá se ferrar, Belly! Já aguentei demais. Você é uma péssima melhor amiga, sabia?

Bufei.

— Taylor... cale a boca.

Ela ofegou.

— Não ouse me mandar calar a boca! Tudo o que tenho feito é te dar apoio, Belly. Ouço toda a baboseira sobre o Conrad e nem reclamo. Quando vocês terminaram, quem estava lá para te dar sorvete na colher e tirar você da cama? Eu! E você nem valoriza. Você já nem é mais tão divertida.

Sarcasticamente, respondi:

— Nossa, Taylor, me desculpe por não ser mais divertida. Quando alguém que a gente ama morre, isso pode acontecer.

— Não faça isso. Não transfira a culpa. Você corre atrás do Conrad desde que nos conhecemos. Está ficando patético. Caia na real! Ele não gosta de você. Talvez nunca tenha gostado.

Talvez essa tenha sido a coisa mais cruel que Taylor já tivesse me dito. Acho que ela teria se desculpado se eu não retrucasse:

— Pelo menos não perdi minha virgindade com um garoto que depila as pernas!

Ela perdeu a respiração. Confiando em mim, Taylor me contou uma vez que Davis depilava as pernas por causa da equipe de natação. Ela ficou em silêncio por um instante. Depois disse:

— É melhor você não usar minha plataforma hoje.

— Tarde demais. Já estou com ela! — E desliguei.

Não podia acreditar. Taylor era a péssima amiga, não eu. Ela era a egoísta. E estava com tanta raiva que minha mão tremeu quando passei o delineador e tive que limpar e começar de novo. Usei a blusa e a sandália de Taylor e também penteiei o cabelo todo para o lado. Fiz porque sabia que isso a irritaria.

E então, para concluir, coloquei o colar de Conrad. Enfiei-o para dentro da blusa e depois desci.



Capítulo trinta e um

— Seja bem-vindo — cumprimentei um cara com uma camisa do Led Zeppelin.

— Gostei das botas — falei para uma menina que estava com botas de cowboy.

Abri caminho pela sala, distribuindo bebidas e catando latas vazias. Conrad me observava com os braços cruzados.

— O que está fazendo? — perguntou.

— Tentando fazer com que todos se sintam em casa — expliquei, ajeitando a blusa.

Susannah era uma excelente anfitriã. Tinha um talento de fazer as pessoas se sentirem bem-vindas, queridas. As palavras de Taylor ainda pairavam lá no fundo. Eu não era egoísta. Era até uma boa amiga, uma boa anfitriã. Eu mostraria a ela.

Quando Travis, da locadora *Video World* colocou os pés na mesinha de centro e quase derrubou nosso vaso decorativo, vociferei:

— Cuidado. E tire os pés do móvel. — Com uma reação tardia, acrescentei: — Por favor.

Estava prestes a voltar na cozinha para pegar mais bebidas quando a vi. A menina do verão passado. Nicole, aquela de quem Conrad gostava, de pé na cozinha conversando com Jeremiah. Ela não estava com o boné do Red Sox, mas eu reconheceria aquele

perfume em qualquer lugar. Parecia extrato de baunilha e rosas em decomposição.

Conrad deve tê-la visto no mesmo momento que eu porque ele respirou fundo e resmungou:

— *Merda.*

— Você a magoou? — perguntei. Tentei soar provocante e despreocupada.

Devo ter conseguido, porque ele me pegou pela mão, agarrou a garrafa de tequila e disse:

— Vamos sair daqui.

Eu o segui como se estivesse em transe, sonâmbula. Parecia um sonho, a mão dele na minha. Estávamos quase fora de casa quando Jeremiah nos viu. Meu coração naufragou. Ele acenou para que nos aproximássemos e gritou:

— Pessoal! Venham dizer oi.

Conrad soltou minha mão, mas não largou a tequila.

— Oi, Nicole — disse, indo na direção dela.

Peguei duas cervejas e o segui.

— Ah, oi, Conrad — cumprimentou Nicole, toda surpresa, como se não estivesse nos observando desde que chegamos à cozinha.

Ela ficou na ponta dos pés e o abraçou. Jeremiah captou meu olhar e ergueu as sobrancelhas de um jeito cômico. Ele sorriu maliciosamente para mim.

— Belly, você se lembra da Nicole, certo?

— Claro. — Sorri para ela. *A anfitriã perfeita*, não parava de pensar nisso. *Generosa*.

Cautelosamente, ela retribuiu o sorriso. Entreguei-lhe uma das cervejas que estava segurando.

— Saúde — falei, abrindo a minha.

— Saúde — repetiu ela.

Brindamos com nossas latas e bebemos. Tomei a minha rápido. Quando terminei, peguei outra e também bebi.

De repente, a casa ficou parecendo silenciosa demais, então liguei o som. Aumentei o volume da música e tirei a sandália. Susannah sempre dizia que não era uma festa se ninguém dançasse. Agarrei Jeremiah, passei um braço ao redor do seu pescoço, e dancei.

— Belly... — protestou ele.

— Só dance, Jere! — gritei.

E ele dançou. Era um bom dançarino, aquele Jeremiah. Outras pessoas também começaram a dançar, até Nicole. Conrad não, mas eu não liguei. Quase me passou despercebido.

Dancei como se fosse 1999. Dancei como se meu coração estivesse em pedaços, e meio que estava. Praticamente só balancei o cabelo de um lado para o outro.

Já estava bem suada ao falar:

— Podemos nadar na piscina? Uma última vez?

— Que se dane a piscina — disse Jeremiah. — Vamos nadar no mar.

— Isso! — Me parecia uma ótima ideia. Uma ideia perfeita.

— Não — disse Conrad, saindo do nada. De repente, ele parou bem ao meu lado. — Belly está bêbada. Não devia nadar.

Olhei para ele e franzi a testa.

— Mas eu quero — retruquei.

Ele riu e disse:

— E daí?

— Olha, sou uma ótima nadadora. E nem estou bêbada. — Caminhei numa linha semirreta para provar.

— Desculpe. Mas está sim.

Conrad idiota, chato. Ele ficava tão sério nos piores momentos.

— Você não é divertido. — Olhei para Jeremiah, que a essa altura já tinha sentado no chão. — Ele não é divertido. E não manda em nenhum de nós. Certo, pessoal?

Antes que Jere ou qualquer outra pessoa pudesse me responder, corri em direção à porta corrediça, depois desci cambaleando os degraus e fui a toda velocidade para a praia. Me senti como um cometa, um raio de luz no céu, como se não usasse meus músculos há muito tempo, e a sensação de esticar as pernas e *correr* era ótima.

A casa, totalmente acesa e cheia de gente, parecia estar a um milhão de quilômetros de distância. Eu sabia que ele viria atrás de mim. Não precisava olhar para trás para saber que era ele. Mas olhei mesmo assim.

— Volte lá pra dentro — ordenou Conrad.

Ele estava segurando uma garrafa de tequila. Eu a puxei de sua mão e tomei um longo gole como se já tivesse feito isso um milhão de vezes, como se fosse o tipo de garota que podia beber direto do gargalo.

Fiquei orgulhosa de mim mesma por não colocar tudo para fora. Dei um passo em direção à água, abri um sorriso largo para ele. Eu o estava testando.

— Belly — alertou ele —, já vou lhe avisando, não vou tirar seu cadáver da água quando se afogar.

Fiz uma careta para ele e depois mergulhei o dedão. A água estava mais fria do que pensei que estaria. De repente, nadar não pareceu uma ideia assim tão boa. Mas eu odiava voltar atrás com Conrad. Odiava perder para ele.

— Você vai me impedir?

Ele suspirou e olhou para trás em direção à casa.

Continuei, tomei outro gole de tequila. Qualquer coisa que atraísse a atenção dele.

— Por que sou melhor nadadora do que você. Sou muito, muito mais rápida. Você provavelmente não me pegaria nem se quisesse.

Ele estava olhando para mim de novo.

— Não vou atrás de você.

— Sério? Você não vem mesmo?

Dei um passo largo, depois outro. A água já estava batendo no joelho. A maré estava baixa, e eu tremia. Que coisa estúpida. Nem queria mais nadar. Não sabia o que estava fazendo. Lá do outro lado da praia, alguém soltou um rojão. Soou como um míssil. Parecia um salgueiro chorão prateado. Eu o assisti cair no meio do oceano.

E justo quando comecei a ficar desapontada, assim que aceitei o fato de que Conrad não se importava, ele se moveu em minha direção. Me ergueu sobre o ombro. Larguei a garrafa no mar.

— Me põe no chão! — gritei, socando suas costas.

— Belly, você está bêbada.

— Me põe no chão agora!

E, pela primeira vez, ele realmente ouviu. Me soltou ali, na areia, de bunda.

— Ai! Isso doeu demais!

Não tinha doído tanto, mas eu estava com raiva, e, mais do que isso, estava envergonhada. Chutei areia nas costas dele e o ventou jogou tudo de volta.

— Babaca! — gritei, chiando e cuspiendo areia.

Conrad balançou a cabeça e se afastou de mim. A calça estava molhada. Ele estava indo embora. Estava realmente indo embora. Eu tinha arruinado tudo mais uma vez.

Ao ficar de pé me senti tão tonta que quase caí de novo.

— Espera — falei, e meus joelhos falharam.

Tirei o cabelo cheio de areia do rosto e respirei fundo. Tinha que dizer, tinha que contar a ele. Minha última chance.

Ele deu meia-volta. O rosto era uma porta fechada.

— Só espera um minuto, por favor. Preciso lhe dizer uma coisa. Sinto muito pela forma como agi aquele dia. — Minha voz estava alta e desesperada, e eu estava chorando, e odiava estar chorando, mas não conseguia evitar. Tinha que continuar falando, porque esse era o momento. A última chance. — No... no enterro, fui péssima com você. Fui horrível, e estou muito envergonhada pela forma como agi. Não era assim que eu queria que as coisas acontecessem, não mesmo. Eu queria muito, de coração, estar lá para te dar apoio. Foi por isso que vim te procurar.

Conrad piscou uma vez e depois disse:

— Tudo bem.

Sequei as bochechas e a coriza.

— Está falando sério? Você me perdoa?

— Sim. Perdoo você. Agora pare de chorar, está bem?

Segui em direção a ele, me aproximando cada vez mais, e ele não recuou. Estávamos perto o suficiente para beijar. Estava prendendo a respiração, desejando profundamente que as coisas fossem como antes.

Dei um passo à frente, e foi aí que ele disse:

— Vamos voltar, OK?

Conrad não esperou que eu respondesse. Apenas saiu andando, e eu o segui. Senti como se fosse passar mal.

Num piscar de olhos, o momento passou. Foi um momento “quase”, onde praticamente qualquer coisa podia ter acontecido. Mas ele fez com que acabasse.

De volta à casa, as pessoas estavam nadando de roupa na piscina. Algumas garotas tremulavam velas faiscantes. Clay Bertolet, nosso vizinho, boiava perto da beira da piscina com uma de suas camisetas “mamãe-sou-forte”. Ele agarrou meu calcanhar.

— Vamos lá, Belly, nade comigo.

— Me solta — ordenei, sacudindo a perna e espirrando água no rosto dele durante o processo.

Abri caminho em meio às pessoas no deque e voltei para dentro da casa. Pisei acidentalmente no pé de uma garota e ela gritou.

— Desculpe — falei, e minha voz saiu como se estivesse distante.

Eu estava tão tonta. Só queria a minha cama.

Engatinhei escada acima, como um caranguejo, do jeito que costumava fazer quando era criança. Caí na cama, e foi exatamente como dizem nos filmes, o quarto girava. A cama girava, e depois me lembrei de todas as coisas estúpidas que disse, e comecei a chorar.

Fiz papel de boba na praia. Foi devastador, tudo aquilo... Susannah morta, a ideia dessa casa não ser mais nossa, eu dando a Conrad a chance de me rejeitar mais uma vez. Taylor estava certa: eu era masoquista.

Deitei de lado, abracei os joelhos no peito e chorei. Tudo estava errado, e principalmente eu. De repente, tudo o que eu queria era minha mãe.

Estiquei o braço na cama para pegar o celular na mesinha de cabeceira. Os números se iluminaram na escuridão. Minha mãe atendeu no quarto toque.

A voz dela estava sonolenta e era familiar de um jeito que me fez chorar intensamente. Mais do que qualquer coisa no mundo, eu queria entrar pelo telefone e trazê-la para cá.

— Mãe — falei. Minha voz saiu num grasnado.

— Belly? O que houve? Onde você está?

— Na casa de Susannah. Na casa de veraneio.

— O quê? O que você está fazendo na casa de veraneio?

— O Sr. Fisher vai vendê-la. Ele vai vendê-la e Conrad está tão triste e o Sr. Fisher nem se importa. Ele só quer se livrar disso. Quer se livrar dela.

— Belly, devagar. Não consigo te ouvir direito.

— Só venha para cá, está bem? Só venha e resolva isso.

E então desliguei, porque de repente o telefone ficou pesado demais na minha mão. Senti como se estivesse num carrossel, e não no bom sentido. Alguém estava soltando fogos de artifício lá fora e minha cabeça parecia estourar junto com eles. Depois fechei os olhos e foi pior ainda. Mas minhas pálpebras estavam pesadas demais e em um segundo eu estava dormindo.



Capítulo trinta e dois

JEREMIAH

Logo depois que Belly foi deitar, mandei o pessoal embora e ficamos só Conrad e eu. Ele estava deitado de bruços no sofá. Estava assim desde que voltara da praia com Belly. Ambos estavam molhados e cheios de areia. Belly estava acabada, e tinha chorado, deu para perceber. Os olhos dela estavam vermelhos. Culpa de Conrad... sem dúvida.

O pessoal trouxe um rastro de areia para dentro de casa que se espalhava por todo o chão. Havia garrafas e latas para todo lado, e alguém sentou no sofá com uma toalha molhada, agora a almofada tinha uma grande mancha laranja. Eu a virei de cabeça para baixo.

— A casa está um lixo — comentei, me jogando na poltrona reclinável. — Papai vai ter um treco se vir isso assim amanhã.

Conrad não abriu os olhos.

— Que se dane. De manhã a gente arruma.

Eu o encarei, só sentindo raiva. Estava de saco cheio de limpar as cagadas dele.

— Vamos demorar horas.

E então ele abriu os olhos.

— Foi você quem convidou todo mundo.

Ele tinha razão. A festa foi ideia minha. Não era a bagunça que estava me irritando. Era Belly. Ele e ela, juntos. Isso me deixava enojado.

— Sua calça está molhada — falei. — Você está deixando o sofá cheio de areia.

Conrad se sentou, esfregou os olhos.

— Qual é o seu problema?

Eu não aguentava mais. Comecei a ficar de pé, depois me sentei.

— Que diabos aconteceu com vocês lá fora?

— Nada.

— O que isso significa, nada?

— Nada significa nada. Deixa para lá, Jere.

Eu odiava quando ele ficava assim, todo impassível e distante, principalmente quando eu estava irritado.

Conrad sempre foi desse jeito, mas agora estava piorando. Depois da morte da nossa mãe, ele mudou. Não estava nem aí para mais nada. Eu me perguntava se isso incluía Belly.

Eu precisava saber. Sobre ele e ela, como ele realmente se sentia, o que ia fazer a respeito. Era o não saber que me deixava louco. Então perguntei na lata:

— Você ainda gosta dela?

Ele me encarou. Eu o peguei completamente de surpresa, deu para perceber. Nunca tínhamos conversado sobre ela antes, não assim. Foi provavelmente uma boa pegá-lo de guarda baixa. Talvez me contasse a verdade.

Se ele dissesse que sim, estaria tudo acabado. Se ele dissesse que não, eu desistiria dela. Podia viver com isso. Se fosse qualquer outra pessoa que não Conrad, eu teria insistido assim mesmo. Teria feito mais uma investida.

Em vez de responder à pergunta, ele retrucou:

— Você gosta?

Pude sentir que estava ficando vermelho.

— Não fui eu quem a levou para a maldita formatura.

Conrad refletiu sobre o assunto e respondeu:

— Só fui porque ela me pediu.

— Con. Você gosta dela ou não? — Hesitei por uns dois segundos, e depois rasguei o verbo. — Porque eu gosto. Gosto dela de verdade. E você?

Ele não piscou, nem ao menos hesitou.

— Não.

Isso me tirou do sério.

Conrad era cheio de merda. Ele gostava dela. Mais do que isso até. Só que não conseguia admitir, não era homem o suficiente. Meu irmão nunca seria o tipo de cara de que Belly precisava. Alguém que a apoiaria, alguém com quem ela poderia contar. Eu sim. Se ela deixasse, eu podia ser esse cara.

Estava com raiva dele, mas tinha que admitir que também fiquei aliviado. Não importava quantas vezes ele a machucasse, sabia que, se ele a quisesse de volta, ela seria dele. Sempre foi.

Mas talvez agora que Conrad não estava no caminho, ela tivesse olhos para mim também.



Capítulo trinta e três

5 DE JULHO

— Belly.

Tentei rolar para o lado, mas aí ouvi de novo, mais alto.

— Belly!

Alguém estava me sacudindo, tentando me acordar.

Abri os olhos. Era minha mãe. Havia manchas escuras ao redor dos olhos dela e sua boca tinha se transformado num filete. Estava usando o moletom de ficar em casa, aquele com o qual nunca ia à rua, nem à academia. Que diabos ela estava fazendo na casa de veraneio?

Estava ouvindo um bipe insistente que no início parecia ser o despertador, mas então me dei conta de que tinha largado o celular aberto e que aquele era o sinal de ocupado. E aí me veio a lembrança. Liguei bêbada para minha mãe. Fiz com que ela viesse até aqui.

Eu me sentei, a cabeça latejando tão intensamente que meu coração parecia estar martelando lá dentro. Então isso é estar de ressaca. Podia sentir as lentes de contato e meus olhos queimando. Havia areia por toda a cama e também grudada no meu pé.

Minha mãe ficou de pé. Não passava de um grande borrão.

— Você tem cinco minutos para arrumar suas coisas.

— Espere... O quê?

— Estamos indo embora.

— Mas não posso ir agora. Ainda tenho que...

Era como se ela não estivesse me ouvindo, como se eu estivesse muda. Começou a catar minhas coisas do chão, jogando as sandálias e shorts de Taylor na mala.

— Mãe, para! Só um minuto.

— Estamos indo embora em cinco minutos — repetiu ela, olhando em volta do quarto.

— Você pode me ouvir por um segundo?! Tive que vir. Jeremiah e Conrad precisavam de mim.

O semblante no rosto dela me fez parar abruptamente. Nunca a tinha visto com tanta raiva antes.

— E você não achou que devia me contar? Beck me pediu para cuidar dos meninos. Como posso fazer isso se nem fico sabendo que estão precisando da minha ajuda? Se eles estavam com problemas, você devia ter me contado. Em vez disso, você escolheu mentir para mim. *Você mentiu.*

— Não queria mentir para você... — comecei.

Ela continuou.

— Você estava aqui fazendo sabe-se lá Deus o quê...

Eu a encarei. Não podia acreditar no que tinha acabado de ouvir.

— O que quer dizer com "sabe-se lá Deus o quê"?

Minha mãe deu meia-volta, os olhos furiosos.

— O que eu devia pensar? Você já fugiu para cá com Conrad antes e passou a noite! Então me diga. O que você *está* fazendo aqui com ele? Porque parece que você mentiu para mim para poder vir aqui e se embriagar e se divertir com seu namorado.

Eu a odiei. Eu a odiei tanto.

— Ele não é meu namorado! Você não sabe de nada!

A veia na testa da minha mãe pulsava.

— Você me liga às quatro da manhã, bêbada. Ligo para o seu celular e cai direto na caixa postal. Ligo para o telefone fixo e só dá sinal de ocupado. Dirijo a noite toda, morrendo de preocupação, e chego aqui e a casa está um lixo. Latas de cerveja para todo lado, lixo espalhado por todos os cantos. Que diabos você pensa que está fazendo, Isabel? Será que você sabe?

As paredes da casa eram muito finas. Todo mundo provavelmente já estava ouvindo a conversa toda.

— Íamos limpar tudo. Essa foi nossa última noite aqui. Será que você não entende? O Sr. Fisher está vendendo a casa. Você não se importa?

Ela fez que não com a cabeça, o queixo tenso.

— Você realmente acha que ajudou em alguma coisa se intrometendo? Isso não é da nossa conta. Quantas vezes tenho que te explicar?

— Isso é muito da nossa conta. Susannah ia querer que salvássemos a casa!

— Não fale comigo sobre o que Susannah ia querer — rebateu minha mãe. — Agora vista uma roupa e pegue suas coisas. Estamos indo.

— Não. — Puxei a colcha até os ombros.

— O quê?

— Falei que não. Não vou! — Encarei-a do jeito mais desafiador que consegui, mas pude sentir meu queixo tremendo.

Ela marchou até a cama e puxou com força o tecido que me cobria. Agarrou meu braço, me puxou para o chão e em direção à porta, e eu me contorcia para longe dela.

— Não pode me obrigar — solucei. — Não pode me dar ordem nenhuma. Você não tem o direito.

Minhas lágrimas não comoveram minha mãe. Só a deixaram mais irritada.

— Está agindo como uma criança mimada. Não consegue enxergar além da própria dor e pensar nos outros? As coisas não giram ao seu redor. Todos nós perdemos a Beck. Sentir pena de si mesma não está ajudando em nada.

As palavras me feriram com tanta intensidade que eu quis magoá-la um milhão de vezes mais. Então falei o que eu sabia que a machucaria.

— Queria que Susannah fosse minha mãe, não você.

Quantas vezes tinha pensado nisso, desejado isso em segredo? Quando eu era pequena, era para Susannah que eu corria, não para ela. Eu costumava imaginar como seria ter uma mãe como

Susannah, que me amava por eu ser quem sou e que não ficava desapontada por eu não estar à altura de determinados padrões.

Eu estava ofegante enquanto esperava que minha mãe respondesse. Que chorasse, gritasse comigo.

Ela não fez nem uma coisa nem outra. Pelo contrário.

— Só lamento por você.

Mesmo quando eu tentava ao máximo, não conseguia causar a reação que queria na minha mãe. Era uma pessoa impenetrável.

— Quer saber, Susannah nunca a perdoará por isso. Por perder a casa dela. Por desapontar os garotos.

A mão da minha mãe cortou o ar e acertou minha bochecha tão em cheio que cambaleei. Não esperava por essa. Levei a mão ao rosto e comecei a chorar na hora, mas parte de mim estava satisfeita. Finalmente consegui o que queria. Provar que ela podia sentir alguma coisa.

O rosto de Laurel perdeu a cor. Ela nunca tinha me batido antes. Nunca mesmo, em toda a minha vida.

Esperei por um pedido de desculpas. Que dissesse que não tinha a intenção de me machucar, que se arrependia de ter dito o que disse. Se ela falasse isso, eu faria a mesma coisa. Porque eu estava arrependida. Não queria ter dito nada daquilo.

Quando ficou em silêncio, eu me afastei e passei direto, segurando o rosto. Depois corri para fora do quarto, tropeçando em meus pés. Jeremiah estava de pé no corredor, olhando para mim boquiaberto. Era como se não me reconhecesse, como se não soubesse quem era essa pessoa, essa garota que gritou com a mãe e disse coisas terríveis.

— Espera — pediu ele, estendendo a mão para me conter.

Passei trombando e descí as escadas.

Na sala, Conrad estava catando garrafas de cerveja e jogando-as numa sacola azul de lixo reciclável. Ele não olhou para mim. Eu sabia que também tinha ouvido tudo.

Corri pela porta dos fundos e quase tropecei descendo os degraus que levavam até a praia. Afundei no chão e me sentei na areia, ainda com a bochecha em chamas na palma da mão. E então vomitei.

Ouvi Jeremiah vindo atrás de mim. Soube de imediato que era ele, porque Conrad saberia que não devia me seguir.

— Só quero ficar sozinha — falei, limpando a boca. Não me virei. Não queria que ele visse meu rosto.

— Belly — começou ele.

Jere se sentou ao meu lado e chutou areia sobre o vômito. Quando não disse mais nada, eu o encarei.

— O quê?

Ele mordeu o lábio superior. Depois estendeu a mão e tocou minha bochecha. Os dedos dele estavam quentes. Jeremiah parecia triste.

— Você devia ir com sua mãe.

De todas as coisas que eu esperava que dissesse, essa não era uma delas. Tinha vindo até aqui e me metido num monte de encrenca, só assim eu poderia ajudar os dois, e agora ele queria que eu fosse embora? Lágrimas brotaram no canto dos meus olhos e eu as sequei com as costas da mão.

— Por quê?

— Porque Laurel está muito chateada. Está tudo acabado, e é minha culpa. Não devia ter pedido para você vir. Me desculpe.

— Não vou embora.

— Logo, logo, todos teremos que ir.

— E fica por isso mesmo?

Ele deu de ombros.

— É, acho que sim.

Ficamos sentados na areia por um tempo. Nunca me senti tão perdida. Chorei um pouco mais, e Jeremiah não disse nada, o que me deixou agradecida. Não havia nada pior do que um amigo observando você chorar depois de uma discussão com sua mãe.

Quando terminei, ele se levantou e estendeu a mão.

— Venha — disse, me colocando de pé.

Voltamos para dentro de casa. Conrad não estava mais lá e a sala estava limpa. Minha mãe estava limpando o chão da cozinha. Quando me viu, ela parou. Colocou o esfregão de volta no balde e encostou na parede.

Bem em frente à Jeremiah, ela disse:

— Me desculpe.

Olhei para ele, que recuou pela cozinha e subiu a escada. Quase o impedi. Não queria ficar sozinha com ela. Estava com medo.

— Você está certa — continuou. — Estou ausente. Fiquei tão envolvida no meu próprio sofrimento que não lhe estendi a mão. Sinto muito por isso.

— Mãe... — comecei. Estava prestes a dizer que também lamentava, por ter dito aquilo antes, aquela coisa horrível da qual me arrependia. Mas ela ergueu a mão e me interrompeu.

— Só estou... desestabilizada. Desde a morte de Beck, parece que não consigo encontrar meu equilíbrio. — Ela recostou a cabeça na parede. — Venho aqui com Beck desde quando era mais nova do que você é agora. Amo essa casa. Você sabe disso.

— Eu sei. Não falei sério antes.

Minha mãe compreendeu.

— Vamos nos sentar um pouco, está bem?

Ela se sentou à mesa da cozinha e eu fiquei à sua frente.

— Não devia ter batido em você — disse ela, e a voz falhou. — Me desculpe.

— Você nunca tinha feito isso antes.

— Eu sei.

Minha mãe esticou o braço sobre a mesa e envolveu minha mão na dela, tão apertado quanto um casulo. No início me senti tensa, mas depois permiti que me confortasse. Porque pude ver que isso também a confortava. Ficamos sentadas ali pelo que pareceu ser muito tempo.

Ao soltar minha mão, ela disse:

— Você mentiu para mim, Belly. Você nunca mente para mim.

— Não era minha intenção. Mas Conrad e Jeremiah são importantes para mim. Eles precisavam de ajuda, então eu vim.

— Queria que tivesse me contado. Os meninos da Beck são importantes para mim também. Se tiver alguma coisa acontecendo, quero ficar sabendo. Está bem?

Assenti.

E então ela disse:

— Já arrumou sua bolsa? Não quero pegar trânsito.

Eu a encarei.

— Mãe, não podemos ir agora. Não com tudo isso que está acontecendo. Não pode deixar o Sr. Fisher vender a casa. Não pode.

Ela suspirou.

— Não acho que eu possa dizer alguma coisa que o faça mudar de ideia, Belly. Adam e eu temos opiniões diferentes sobre muitas coisas. Não posso impedi-lo de vender a casa, se essa for a decisão dele.

— Você pode, sei que pode. O Sr. Fisher vai ouvir você. Conrad e Jeremiah, eles precisam dessa casa. Eles precisam mesmo.

Deitei a cabeça na mesa, e a madeira estava fria e agradável em contato com a minha bochecha. Mamãe tocou o topo da minha cabeça, passando os dedos pelo cabelo embaraçado.

— Vou ligar para ele — disse ela por fim. — Agora suba e tome um banho.

Cheia de esperança, olhei para ela e vi a boca firme e os olhos estreitos. E soube que ainda não tínhamos chegado ao fim.

Se alguém podia consertar as coisas, esse alguém era minha mãe.



Capítulo trinta e quatro

JEREMIAH

Teve essa vez... Acho que eu tinha 13 anos e Belly 11, quase fazendo 12. Ela pegou um resfriado de verão, e ficou acabada. Acampou no sofá com bolas de lenço de papel espalhadas ao seu redor, e passou dias usando o mesmo pijama amarrotado. Por estar doente, ela podia escolher qualquer programa de TV que quisesse assistir. A única coisa que ela podia comer era picolé de uva, e quando fui pegar um, minha mãe disse que era da Belly. Embora ela já tivesse tomado três. Acabei ficando com o amarelo.

Estava de tarde, e Conrad e Steven tinham ido de carona para o fliperama, fato que eu não devia ter tomado conhecimento. As mães pensavam que eles iam de bicicleta à loja de equipamentos de pesca para comprar iscas de borracha. Eu ia surfar com Clay, estava com meu calção de banho e uma toalha enrolada no pescoço quando esbarrei com minha mãe na cozinha.

— O que está aprontando, Jere? — perguntou ela.

Acenei com um *hang loose*.

— Vou surfar com Clay. Até mais!

Estava prestes a abrir a porta deslizante quando ouvi:

— Hummm... sabe de uma coisa?

Desconfiado, perguntei:

— O quê?

— Seria legal se você ficasse em casa hoje fazendo companhia a Belly. A coitadinha está precisando de um pouco de ânimo.

— Poxa, mãe...

— Por favor, Jeremiah?

Suspirei. Não queria ficar em casa e animar Belly. Queria surfar com Clay.

Quando fiquei em silêncio, ela acrescentou:

— Podemos fazer churrasco hoje à noite. Deixo você encarregado dos hambúrgueres.

Suspirei de novo, dessa vez mais alto. Minha mãe ainda achava que me deixar acender a churrasqueira e virar os hambúrgueres era um grande barato para mim. Não que não fosse divertido, mas mesmo assim. Abri a boca para dizer “não, obrigado”, mas então vi o semblante feliz e afetuoso, de um jeito que ela já sabia que eu diria sim. Acabei concordando.

— Tudo bem — falei.

Voltei lá para cima e troquei o calção, depois me juntei a Belly na sala de TV. Eu me sentei o mais longe dela possível. A última coisa que precisava era pegar um resfriado e ser deixado de lado por uma semana.

— Por que você ainda está aqui? — perguntou ela, assoando o nariz.

— Está muito quente lá fora. Quer ver um filme?

— Não está tão quente assim.

— Como você sabe se você nem foi lá fora?

Ela estreitou os olhos.

— Sua mãe fez você ficar em casa comigo?

— Não — respondi.

— Há! — Belly pegou o controle e mudou de canal. — Sei que está mentindo.

— Não estou!

Assoando o nariz alto, ela continuou:

— Telepatia, se lembra?

— Isso não funciona. Posso ficar com o controle?

Ela balançou a cabeça e segurou o controle junto ao peito de um jeito protetor.

— Não, meus germes estão espalhados por ele. Desculpe. Sobrou pão torrado?

Pão torrado era como costumávamos chamar o pão que minha mãe comprava na feira. Ele vinha fatiado, era branco, grosso e levemente doce. Eu tinha comido as três últimas fatias pela manhã. Passei manteiga e geleia de amoras silvestres nelas e as devorei, antes dos outros acordarem. Com quatro crianças e dois adultos, o pão acabava rápido demais. Era cada um por si.

— O pão torrado acabou.

— Conrad e Steven são uns fominhas — disse ela, fungando.

Sentindo-me culpado, perguntei:

— Achei que você só queria tomar picolé de uva.

Ela deu de ombros.

— Acordei essa manhã com vontade de comer pão torrado. Acho que devo estar melhorando.

Ela não me parecia nem um pouco melhor. Os olhos estavam inchados e a pele parecia acinzentada, e não acho que tenha lavado o cabelo naqueles dias porque ele estava totalmente pegajoso e parecia emaranhado.

— Talvez você devesse tomar um banho — sugeri. — Minha mãe diz que sempre nos sentimos melhor depois de um banho.

— Está insinuando que estou fedendo?

— Bem, não.

Olhei pela janela. O dia estava claro, sem nuvens. Aposto que Clay estava se divertindo muito. Aposto que Steven e Conrad também. Meu irmão esvaziara o velho cofrinho que tinha desde a primeira série e encontrou um monte de moedas de 25. Aposto que eles ficariam no flíper a tarde toda. Me perguntei quanto tempo Clay ficaria lá fora. Talvez eu pudesse me juntar a ele em algumas horas... Ainda estaria claro.

Acho que Belly me pegou olhando pela janela, porque ela disse, numa voz superfanha:

— Se quer ir, vai.

— Já disse que não quero — respondi asperamente. Depois respirei fundo.

Minha mãe não ia gostar se eu magoasse Belly quando ela estava assim tão doente. E ela parecia mesmo solitária. Eu meio que fiquei com pena dela, por estar enfurnada em casa o dia todo. Resfriados de verão eram os piores.

— Quer que eu te ensine a jogar pôquer?

— Você não sabe jogar — zombou ela. — Conrad sempre ganha de você.

— Tudo bem — falei, e fiquei de pé. Não estava com *tanta* pena assim.

— Não faz mal. Pode me ensinar.

Voltei a me sentar.

— Me dê as cartas — falei ríspidamente.

Percebi que Belly se sentia mal, porque disse:

— Você não devia ficar tão perto. Vai ficar doente também.

— Está tudo bem. Nunca fico doente.

— Nem Conrad — completou ela.

Revirei os olhos.

Belly venerava Conrad, como Steven.

— Conrad fica doente sim, todo inverno. Tem o sistema imunológico fraco — contei, embora não soubesse se era verdade ou não.

Ela deu de ombros, mas notei que não tinha acreditado em mim. Belly me entregou as cartas.

— Distribui logo — falou.

Jogamos pôquer a tarde toda e acabou sendo muito divertido. Fiquei doente dois dias depois, mas não me importei muito. Belly ficou em casa comigo e jogamos mais pôquer e assistimos a muitos episódios de *Os Simpsons*.



Capítulo trinta e cinco

JEREMIAH

Assim que ouvi Belly subindo as escadas, fui encontrá-la no corredor.

— E aí? O que está acontecendo?

— Minha mãe vai ligar para o seu pai — disse ela, séria.

— Vai? Nossa.

— É, então, tipo, não desista. Ainda não acabou. — E ela me deu um daqueles sorrisos que franzia o nariz.

Dei um tapinha nas costas dela e praticamente voei escada abaixo. Lá estava Laurel, limpando o balcão. Ao me ver, ela disse:

— Seu pai está vindo tomar café da manhã.

— Aqui?

Laurel disse que sim.

— Você pode ir comprar algumas coisas que ele gosta? Ovos e bacon. Massa para muffin. E aquelas toranjas grandes.

Laurel odiava cozinhar. Ela definitivamente nunca tinha preparado um café desse tipo para o meu pai.

— Por que vai cozinhar para ele?

— Porque ele é uma criança, e crianças ficam rabugentas quando estão com fome — respondeu naquele tom seco dela.

Do nada, comentei:

— Às vezes eu o odeio.

Ela hesitou antes de se pronunciar.

— Às vezes eu também.

E aí esperei que ela dissesse “mas ele é seu pai” do jeito que minha mãe fazia. Mas Laurel não disse. Com Laurel não tinha papo furado. Ela não falava coisas da boca para fora. Tudo o que ela disse foi:

— Agora ande logo.

Eu me levantei e lhe dei um abraço apertado, e ela ficou imóvel em meus braços. Eu a ergui no ar de leve, do jeito que costumava fazer com minha mãe.

— Obrigado, Laure. Sério, obrigado.

— Eu faria qualquer coisa por vocês. Sabe disso.

— Como você soube que devia vir?

— Belly me ligou — respondeu. Ela apertou os olhos para mim. — Bêbada.

Putz, cara.

— Laure...

— Não me venha com “Laure”. Como pôde deixá-la beber? Conto com você, Jeremiah. Sabe disso.

Agora eu também me sentia péssimo. A última coisa que queria era que Belly se encrencasse, e realmente odiava a ideia de Laurel fazendo mau juízo de mim. Sempre tentei ao máximo proteger Belly, diferente de Conrad. Se alguém a havia corrompido, esse alguém foi Conrad, não eu. Apesar de eu ter comprado a tequila, não ele.

— Sinto muito mesmo. Com meu pai vendendo a casa, e aquela sendo nossa última noite aqui, nos deixamos levar. Juro, Laure, isso nunca mais vai acontecer.

Ela revirou os olhos.

— “Isso nunca mais vai acontecer”? Não faça promessas que não pode cumprir, querido.

— Nunca mais vai acontecer sob minha supervisão — completei.

Franzindo os lábios, ela disse:

— Veremos.

Fiquei aliviado quando ela abriu um sorriso forçado.

— Agora se apresse e vá até a mercearia, está bem?

— Sim, senhora.

Eu queria fazê-la sorrir de verdade. Sabia que se continuasse tentando, fazendo piadas, ela acabaria cedendo. Laurel era fácil

desse jeito.

Desta vez, ela realmente sorriu para mim.



Capítulo trinta e seis

Minha mãe estava certa. O banho ajudou. Inclinei o rosto em direção ao chuveiro e deixei que a água quente escorresse sobre mim, o que me fez sentir muito, muito melhor.

Depois do banho, desci as escadas como uma nova mulher. Minha mãe estava usando batom, e ela e Conrad falavam em um tom baixo. Interromperam a conversa quando me viram parada na soleira da porta.

— Bem melhor! — exclamou minha mãe.

— Cadê Jeremiah? — perguntei.

— Voltou à mercearia. Ele esqueceu a toranja — explicou ela.

O timer da cozinha disparou e minha mãe tirou os muffins do forno com um pano de prato. Tocou acidentalmente a forma de muffins com a mão desprotegida e soltou um gritinho, deixando a forma cair no chão, os muffins virados para baixo.

— Droga!

Conrad perguntou se estava tudo bem antes de mim.

— Sim — afirmou ela, colocando a mão na água fria.

Depois pegou a forma de volta e colocou-a no balcão sobre a toalha. Eu me sentei num dos banquinhos e observei minha mãe esvaziar a forma de muffins na cestinha.

— Segredinho nosso — falou.

Os muffins deviam esfriar um pouco mais antes de serem tirados da forma, mas não disse isso a ela. Alguns ficaram amassados, mas a maioria deles estava com uma cara boa.

— Coma um — sugeriu.

Peguei um. Estava pelando e se desfazendo, mas estava gostoso. Comi depressa.

Quando acabei, minha mãe disse:

— Levem o lixo para fora.

Sem dizer uma palavra, Conrad pegou as duas sacolas mais pesadas e deixou a que estava pela metade. Eu o segui até as latas de lixo, no fim da entrada de veículos.

— Você ligou para ela? — perguntou.

— Acho que sim. — Esperei que ele me chamasse de bebezinho por ter ligado para a mamãe no instante em que as coisas ficaram complicadas.

Mas não. Em vez disso, ele disse:

— Obrigado.

Eu o encarei.

— Às vezes você me surpreende.

Ele não olhou para mim ao dizer:

— E você dificilmente me surpreende. Continua a mesma.

Eu o fuzilei com os olhos.

— Muito obrigada.

Joguei meu saco de lixo na lata e fechei a tampa com uma força exagerada.

— Não, quero dizer...

Esperei que ele dissesse alguma coisa, e parecia que ele ia continuar, mas então o carro de Jeremiah apareceu no final da rua. Nós dois observamos Jere estacionar e sair do carro com uma sacola plástica. Ele se aproximou, os olhos radiantes.

— Oi — ele me cumprimentou, a sacola balançando.

— Oi — respondi.

Não conseguia nem olhar em seus olhos. Lembrei-me de tudo enquanto estava no banho. Fiz Jeremiah dançar comigo, fugi de Conrad, e ele me pegou no colo e me largou na areia. Que

humilhante. Que horrível eles terem presenciado esse comportamento.

Em seguida, Jeremiah apertou minha mão, e quando o fitei, ele disse:

— Obrigado.

Falou de um jeito tão gentil que chegou a doer.

Nós três voltamos para a casa. *The Police* estava cantando “Message in a Bottle”, e o som estava muito alto. Imediatamente, minha cabeça começou a latejar e tudo o que queria era voltar para a cama.

— Posso abaixar o volume? — perguntei, esfregando as têmporas.

— Não — respondeu minha mãe, pegando a sacola da mão de Jeremiah. Ela tirou dali uma toranja enorme e entregou-a a Conrad.

— Esprema — ordenou, apontando para a centrífuga.

A centrífuga era do Sr. Fisher, e era enorme e complicada, uma daquelas que Jack LaLanne divulgava nos comerciais de fim de noite.

Conrad bufou.

— Para ele? Não vou espremer a toranja dele.

— Vai sim. — Olhando para mim, mamãe continuou: — O Sr. Fisher está vindo para o café da manhã.

Soltei um grito. Corri para ela e passei os braços ao redor de sua cintura.

— É só um café da manhã — alertou-me ela. — Não vá criando esperanças.

Mas já era tarde demais. Eu sabia que ela faria a cabeça dele. Sabia. E Jeremiah e Conrad também. Acreditavam nela, assim como eu... mais ainda quando vi que Conrad começou a partir a toranja ao meio. Minha mãe fez um sinal com a cabeça como o sargento de um campo de treinamento. E então continuou:

— Jere, você arruma a mesa, e Belly, você prepara os ovos.

Comecei a quebrar os ovos numa tigela, e minha mãe fritou o bacon na frigideira de ferro fundido de Susannah. Ela deixou a gordura do bacon para eu fritar os ovos. Misturei-os ali, e o cheiro dos ovos e da gordura me deu ânsia de vômito. Prendi a respiração

enquanto misturava, e minha mãe tentou esconder o sorriso ao me observar.

— Está se sentindo bem, Belly? — perguntou ela.

Fiz um gesto para indicar que sim, mas meus dentes estavam trincados.

— Planos para beber de novo? — continuou, num tom de conversa.

Balancei a cabeça o mais forte que pude.

— Não, nunca mais.

Quando o Sr. Fisher chegou, meia hora mais tarde, estávamos prontos. Ele entrou e olhou para a mesa admirado.

— Nossa! — exclamou. — Parece ótimo, Laure. Obrigado.

Ele lançou um olhar expressivo para ela, aquele tipo de olhar conspiratório dos adultos.

Minha mãe abriu um sorriso do tipo Mona Lisa. O Sr. Fisher nem saberia o que o atingiu.

— Vamos sentar — convidou ela.

Todos nos sentamos. Minha mãe ao lado do Sr. Fisher, e Jeremiah na frente dele. Eu me sentei ao lado de Conrad.

— Mãos à obra — disse Laurel.

Observei o Sr. Fisher empilhar um monte de ovos no prato, e quatro tiras de bacon. Ele amava bacon, e adorava o jeito que minha mãe havia preparado... incinerado, quase torrado. Deixei passar os ovos e o bacon e só peguei um muffin.

Mamãe serviu um copo duplo de suco de toranja para o Sr. Fisher.

— Fresquinho, cortesia do seu mais velho — disse ela.

Ele pegou, meio que desconfiado. Não podia culpá-lo. A única pessoa que já tinha preparado suco para o Sr. Fisher era Susannah.

Mas o homem se recuperou rapidamente. Enfiou uma colher cheia de ovo na boca e disse:

— Olhe, mais uma vez agradeço por ter vindo ajudar, Laurel. Fico muito grato. — Ele olhou para nós, crianças, sorrindo. — Esse pessoal não estava muito propício a ouvir o que eu tinha a dizer. Fico feliz por ter um certo apoio.

Minha mãe sorriu para ele com a mesma satisfação.

— Ah, não estou aqui para apoiar você, Adam. Estou aqui para apoiar os meninos da Beck.

O sorriso dele murchou. Deixou o garfo de lado.

— Laure...

— Você não pode vender essa casa, Adam. Você sabe disso. Ela significa muito para as crianças. Seria um erro. — Minha mãe estava calma, direta.

O Sr. Fisher olhou para Conrad e Jeremiah, e depois se voltou para minha mãe.

— Já tomei minha decisão, Laurel. Não me transforme no vilão da história.

Respirando fundo, minha mãe respondeu.

— Não estou transformando-o em nada. Só estou tentando ajudar.

Nós permanecemos sentados imóveis enquanto esperávamos que o Sr. Fisher se pronunciasse. Ele estava se esforçando para continuar calmo, mas o rosto estava ficando vermelho.

— Fico agradecido por isso. Mas já me decidi. A casa está à venda. E francamente Laurel, você não tem direito a voto. Sinto muito. Sei que Suze sempre a fez sentir como se parte da casa fosse sua, mas não é.

Quase engasguei. Meus olhos se voltaram rapidamente para minha mãe, e vi que ela também estava ficando vermelha.

— Ah, sei disso. Essa casa é toda de Beck. Sempre foi. Era o lugar preferido da minha amiga. Por isso que os meninos deviam ficar com ela.

O Sr. Fisher se levantou e afastou a cadeira.

— Não vou discutir isso com você, Laurel.

— Adam, *sente-se* — ordenou minha mãe.

— Não, acho que não vou me sentar.

Os olhos dela estavam quase incandescentes.

— Eu disse *sente-se*, Adam.

Ele ficou boquiaberto... Todos nós ficamos.

Depois ela continuou:

— Crianças, saiam daqui.

Conrad abriu a boca para argumentar, mas pensou melhor, especialmente quando viu o olhar no rosto da minha mãe e o pai

dele obedecer. Quanto a mim, não consegui sair de lá rápido o suficiente. Deixamos a cozinha apressados e nos sentamos no alto da escada, nos esforçando para ouvir.

Não foi preciso esperar muito tempo.

— Que merda é essa, Laurel? Você realmente achou que poderia me coagir a mudar de ideia?

— Desculpe, mas vá se foder.

Levei a mão à boca, os olhos de Conrad brilhavam e ele balançava a cabeça em admiração. Jeremiah, entretanto, parecia que ia chorar. Estiquei o braço, segurei a mão dele e a apertei. Quando ele tentou puxá-la de volta, segurei mais forte.

— Essa casa significava tudo para Beck. Você não pode ver além da sua própria dor e enxergar o que ela significa para os garotos? Eles precisam disso. *Precisam*. Não quero acreditar que você seja cruel a esse ponto, Adam.

O Sr. Fisher não respondeu.

— Essa casa é dela. Não sua. Não me faça parar você, Adam. Porque você sabe que vou. Farei tudo o que estiver ao meu alcance para manter esta casa para os meninos da Beck.

— O que você vai fazer, Laure? — perguntou ele, parecendo muito cansado.

— Farei o que for preciso.

A voz dele estava abafada quando disse:

— Ela está em todos os lugares dessa casa. Em todos os lugares.

Ele devia estar chorando. Quase senti pena dele. Acho que minha mãe também, porque a voz dela estava quase gentil ao dizer:

— Eu sei. Mas Adam? Você deixou muito a desejar como marido. Só que ela te amava. De verdade. Ela te aceitou de volta. Tentei convencê-la do contrário, Deus sabe como tentei. Mas ela não me ouvia, porque quando escolhia alguém não tinha jeito. E ela escolheu você, Adam. Faça por merecer. Prove que eu estava errada.

Ele disse alguma coisa que não consegui ouvir direito. E então minha mãe falou:

— Faça esse último ato por ela. OK?

Olhei para Conrad, e ele disse numa voz baixa para ninguém em particular:

— Laurel é incrível.

Nunca tinha ouvido ninguém descrever minha mãe daquele jeito, muito menos Conrad. Nunca a achei “incrível”. Mas naquele momento, ela foi. Ela realmente foi.

— É mesmo. Susannah também era.

Ele olhou para mim por um minuto e depois se levantou e foi para o quarto sem esperar para ouvir o que o Sr. Fisher ainda tinha a dizer. Não precisava. Minha mãe vencera. Ela tinha conseguido.

Um pouco mais tarde, quando parecia seguro, Jeremiah e eu voltamos lá para baixo. Minha mãe e o Sr. Fisher estavam tomando café como dois adultos. Os olhos dele estavam com um contorno avermelhado, mas os dela eram claros como os de um vencedor. Quando nos viu, ele disse:

— Onde está Conrad?

Quantas vezes ouvi o Sr. Fisher perguntar: “Onde está Conrad?” Centenas. Milhares.

— Lá em cima — respondeu Jeremiah.

— Pode ir buscá-lo, Jere?

Jeremiah hesitou e depois olhou para minha mãe, que pediu o mesmo com os olhos. Ele subiu a escada saltando degraus e, alguns minutos depois, o irmão estava ao seu lado. O rosto de Conrad estava contido, cauteloso.

— Vou lhes propor um acordo — disse o Sr. Fisher.

Aquele era o velho Sr. Fisher, mediador, negociador. Ele adorava fazer acordos. Costumava fazer acordos conosco, do tipo que nos levaria à pista de kart se varrêssemos a areia da garagem. Ou levaria os meninos para pescar se limpassem todas as caixas de equipamentos de pesca.

Cautelosamente, Conrad perguntou:

— O que você quer? Meu fundo universitário?

O queixo do Sr. Fisher se contraiu.

— Não. Quero que você volte para a faculdade amanhã. Quero que termine suas provas. Se fizer isso, a casa é sua. Sua e de Jeremiah.

Jere soltou um grito alto.

— Isso!

Ele esticou os braços e envolveu o Sr. Fisher num abraço típico de garotos, e o Sr. Fisher lhe deu alguns tapinhas nas costas.

— Qual é o truque? — indagou Conrad.

— Nenhum truque. Mas você tem que tirar pelo menos Cs. Nada de Ds ou Fs. — O Sr. Fisher sempre se gabou por conduzir barganhas acirradas. — Temos um acordo?

Conrad hesitou. Imediatamente eu soube o que estava errado. Conrad não queria dever nada ao pai. Embora ansiasse por isso, embora estivesse aqui por esse motivo. Ele não queria tirar nada do pai.

— Não estudei — disse ele. — Pode ser que eu não passe.

Era só um teste. Conrad nunca “não passou”. Nunca tirou nada abaixo de B, e até mesmo os Bs eram raros.

— Então, nada feito — disse o Sr. Fisher. — São essas as condições.

Com urgência, Jeremiah disse:

— Con, é só concordar, cara. Vamos ajudar você a estudar. Não vamos, Belly?

Conrad olhou para mim, e olhei para minha mãe.

— Posso, mãe?

Ela fez que sim.

— Você pode ficar, mas tem que estar em casa amanhã.

— Aceite o acordo — falei com Conrad.

— Tudo bem — disse ele por fim.

— Aperte aqui como um homem — disse o Sr. Fisher, estendendo a mão.

Relutantemente, Conrad esticou o braço e eles deram um aperto de mãos. Minha mãe captou meu olhar e sussurrou em silêncio, *Aperte aqui como um homem*, e eu sabia que ela estava pensando em como o Sr. Fisher era machista. Mas não importava. Tínhamos vencido.

— Obrigado, pai — agradeceu Jeremiah. — De verdade, obrigado.

Ele abraçou o pai de novo e o Sr. Fisher retribuiu o abraço, dizendo:

— Preciso voltar para a cidade. — Em seguida, fez um sinal com a cabeça para mim. — Obrigado por ajudar Conrad, Belly.

— De nada — respondi. Mas não sei para que eu estava dizendo “de nada”, porque na realidade eu não fizera nada. Minha mãe ajudou mais Conrad em meia hora do que eu desde que o conheceria.

*

Depois que o Sr. Fisher saiu, minha mãe se levantou e começou a limpar os pratos. Eu me juntei a ela e os coloquei no lava-louça. Repousei a cabeça em seu ombro por um instante.

— Obrigada — falei.

— De nada.

— Você é durona pra cacete, mãe.

— Olha a boca — disse ela, os cantos da boca arqueando para cima.

— Pode deixar.

Depois lavamos a louça em silêncio, e minha mãe estava com aquela expressão triste no rosto e eu sabia que estava pensando em Susannah. Desejei que houvesse alguma coisa que eu pudesse dizer para afastar aquele semblante, mas às vezes simplesmente não havia palavras.

Nós três a levamos até o carro.

— Vocês vão levá-la para casa amanhã? — perguntou, jogando a bolsa no banco do carona.

— Com certeza — respondeu Jeremiah.

E aí Conrad disse:

— Laurel. — Hesitou. — Você vai voltar, não vai?

Minha mãe se virou para ele, surpresa. Ela ficou tocada.

— Você quer uma coroa como eu por perto? — indagou. — Claro, vou voltar sempre que vocês me quiserem.

— Quando? — perguntou Con.

Ele parecia tão jovem, tão vulnerável que meu coração doeu um pouco.

Percebi que minha mãe estava sentindo a mesma coisa, porque ela esticou o braço e tocou a bochecha dele. Ela não era o tipo de pessoa que tocava bochechas. Simplesmente não era o jeito dela. Mas era o de Susannah.

— Antes de o verão acabar, e vou voltar para fechar a casa também.

Minha mãe entrou no carro em seguida. Ela acenou enquanto dava ré na entrada de veículos, com seus óculos escuros, a janela abaixada.

— Até logo — bradou.

Jeremiah acenou e Conrad confirmou:

— Até logo.

Uma vez minha mãe me contou que, quando Conrad era novinho, ele a chamava de *minha Laura*. “Onde está minha Laura?”, dizia, perambulando pela casa, procurando por ela. Mamãe disse que ele a seguia aonde quer que ela fosse, até no banheiro. Con a chamava de namorada e trazia tatuís e conchas do mar e os colocava aos seus pés. Quando ela me contou isso, pensei: *O que eu não daria para ter Conrad Fisher me chamando de namorada e trazendo-me conchas.*

— Tenho certeza de que ele não se lembra — comentou, sorrindo ligeiramente.

— Por que não pergunta a ele? — sugeri.

Eu adorava ouvir histórias da época em que Conrad era pequeno. Adorava implicar com ele, porque as oportunidades de provocá-lo apareciam muito raramente.

— Não, isso o deixaria constrangido — disse ela.

— E daí? Não é essa a ideia?

— Conrad é sensível. Muito orgulhoso. Melhor deixar como está.

Pelo jeito que disse aquilo, pude perceber que ela realmente o entendia. De um jeito que eu mesma não conseguia. Tinha inveja disso, de ambos.

— Como eu era? — perguntei.

— Você? Você era minha neném.

— Mas *como* eu era? — insisti.

— Costumava perseguir os meninos. Era tão bonitinho o jeito que você os seguia para todos os lados, tentando impressioná-los. — Minha mãe riu. — Eles costumavam colocá-la para dançar e fazer truques.

— Tipo um cachorrinho? — Fiz cara feia para a ideia.

Ela balançou a mão.

— Ah, até que você se saía bem. Só gostava de se sentir incluída.



Capítulo trinta e sete

JEREMIAH

No dia em que Laurel chegou, a casa estava um lixo e eu estava de cueca samba-canção passando uma camisa social branca. Já estava atrasado para o jantar de formatura e meu humor não estava bom. Minha mãe mal tinha dito duas palavras o dia todo e nem Nona conseguiu fazê-la falar.

Eu tinha que ir buscar Mara, e ela odiava quando eu me atrasava. Ficava toda irritada, depois sentava e fazia cara feia pelo mesmo tempo que a fiz esperar.

Tinha deixado o ferro de lado por um segundo para poder virar a camisa e acabei queimando a parte de trás da mão.

— Merda! — gritei.

Aquilo doeu demais.

Foi então que Laurel apareceu. Ela entrou pela porta da frente e me viu parado de cueca na sala de estar, segurando a parte de trás do braço.

— Coloque em baixo de água fria corrente — disse.

Corri para a cozinha e coloquei a mão sob a torneira por alguns minutos, depois voltei, ela tinha terminado a camisa e estava começando a calça cáqui.

— Você quer usar com um vinco na frente? — perguntou-me ela.

— Hum, pode ser — respondi. — O que está fazendo aqui, Laurel? Hoje é terça-feira.

Ela costumava vir nos fins de semana e ficar no quarto de hóspedes.

— Só vim para ver como estão as coisas — disse ela, passando o ferro na parte da frente da calça. — Estava com a tarde livre.

— Mamãe já está dormindo. Com os novos medicamentos que está tomando, ela dorme o tempo todo.

— Isso é bom. E você? Por que está se arrumando todo?
Sentei-me no sofá e calcei as meias.

— Vou ao jantar de formatura.

Laurel me entregou a camisa e a calça.

— A que horas começa?

Olhei para o relógio de pêndulo na antessala.

— Começou há dez minutos — respondi, vestindo a calça.

— É melhor se apressar.

— Obrigado por ter passado as roupas.

Estava pegando as chaves quando ouvi minha mãe chamar meu nome do quarto. Eu me virei em direção à porta e Laurel disse:

— Vá para o seu jantar, Jere. Pode deixar comigo.

Hesitei.

— Tem certeza?

— Absoluta. Vai nessa.

Fui a toda velocidade para a casa de Mara. Ela saiu assim que me ouviu estacionando na entrada de veículos. Usava um vestido vermelho que eu gostava e estava bonita, e eu estava prestes a dizer isso, mas ela se adiantou:

— Está atrasado.

Calei a boca. Mara não falou comigo o resto da noite, nem quando fomos eleitos o casal mais bonito. Ela não estava a fim de ir à festa de Patan mais tarde e nem eu. Durante todo o tempo que ficamos fora, fiquei pensando em minha mãe e me sentindo culpado por estar fora por tanto tempo.

Ao chegarmos à casa de Mara, ela não saiu do carro imediatamente, o que era um sinal de que queria conversar. Desliguei o motor.

— E aí? Ainda está chateada comigo pelo atraso, Mar?

Ela parecia aflita.

— Só quero saber se vamos ficar juntos. Você pode só me dizer o que quer fazer, e começamos por aí?

— Sinceramente, não estou com cabeça para esse tipo de coisa agora.

— Eu sei, me desculpe.

— Mas se eu tivesse que dizer se acho que estaremos juntos ou não quando voltarmos às aulas no outono, daqui a muito tempo... — hesitei, e depois simplesmente falei, provavelmente diria que não.

Mara começou a chorar, e me senti um verdadeiro merda. Devia ter mentido.

— Foi o que pensei — concluiu.

Em seguida, ela me beijou na bochecha e saiu correndo do carro para dentro de casa.

Foi assim que terminamos. Se for para ser completamente honesto, tenho que admitir que foi um alívio não ter mais que pensar em Mara. Eu só tinha espaço para uma pessoa em meu coração, minha mãe.

Quando cheguei em casa, mamãe e Laurel ainda estavam acordadas jogando cartas e ouvindo música. Pela primeira vez em dias ouvi minha mãe rir.

Laurel não foi embora no dia seguinte. Ficou a semana toda. Na época, não me perguntei sobre o trabalho dela, ou sobre todas as outras coisas que tinha para resolver na casa dela. Só fiquei agradecido por ter um adulto por perto.



Capítulo trinta e oito

Nós três voltamos para a casa. O sol estava quente nas minhas costas e pensei como seria bom deitar um pouco na praia, dormir a tarde toda e acordar bronzeada. Mas não havia tempo para isso, não quando precisávamos preparar Conrad para as provas até amanhã.

Quando entramos, Conrad se jogou no sofá e Jeremiah se esparramou no chão.

— Estou tão cansado — gemeu.

O que minha mãe tinha feito por nós foi um presente. Agora era minha vez de retribuir.

— Levantem — pedi.

Nenhum dos dois se moveu. Os olhos de Conrad estavam fechados. Joguei uma almofada em Con e golpeei Jeremiah no estômago com o pé.

— Temos que começar a estudar, seus folgados. Agora, levantem! Conrad abriu os olhos.

— Estou cansado demais para estudar. Preciso tirar um cochilo revigorante primeiro.

— Eu também — disse Jeremiah.

Cruzando os braços, fuzilei-os com os olhos e disse:

— Também estou cansada, sabiam? Mas olhem o relógio. Já é uma hora. Teremos que trabalhar a noite toda e sair muito cedo amanhã de manhã.

Dando de ombros, Conrad continuou:

— Trabalho melhor sob pressão.

— Mas...

— Sério mesmo, Belly. Não consigo produzir assim. Me deixe dormir por uma hora.

Jeremiah já estava pegando no sono. Suspirei. Não podia competir com os dois.

— Beleza. Uma hora. E só.

Segui para a cozinha e me servi uma Coca. Estava tentada a tirar uma soneca também, mas assim eu estaria dando um mau exemplo.

Enquanto dormiam, coloquei o plano em ação. Tirei os livros de Conrad do carro, trouxe o laptop dele para o andar de baixo e arrumei a cozinha como uma sala de estudos. Liguei lâmpadas de leitura, empilhei livros e fichários de acordo com a matéria, coloquei canetas e papéis à mostra. Por último, preparei uma garrafa grande de café, e embora não bebesse sabia que o meu era bom, porque eu passava uma garrafa para minha mãe todas as manhãs. Depois peguei o carro de Jeremiah e fui até o McDonald's comprar cheesebúrgueres. Eles amavam cheesebúrgueres do McDonald's. Costumavam fazer competições para ver quem comia mais e os empilhavam como panquecas. Às vezes também me deixavam participar. Um vez eu ganhei. Comi nove cheesebúrgueres.

Permiti que dormissem por mais meia hora... mas só porque foi o tempo que demorei para arrumar tudo. Depois enchi o borrifador de Susannah, aquele que ela usava para molhar as plantas mais delicadas. Borrifei Conrad primeiro, direto nos olhos.

— Ei — disse ele, acordando instantaneamente.

Conrad secou o rosto com a barra da camisa, e lhe dei outra borrifada só por causa disso.

— Bom dia, flor do dia — cantei.

Em seguida, caminhei até Jeremiah e o borrifei também. Mas não acordou. Sempre foi impossível acordá-lo. Ele conseguia dormir durante um maremoto. Borrifei, borrifei, e quando ele simplesmente rolou para o lado desenrosquei a tampa e joguei a água direto na parte da camisa que cobria as costas.

Ele finalmente acordou e alongou os braços, ainda deitado no chão. Jere abriu um sorrisinho brincalhão, como se estivesse acostumado a ser acordado daquele jeito.

— Bom dia — disse ele.

Jeremiah podia ser difícil de acordar, mas nunca reclamava quando finalmente despertava.

— Não é dia. Já são quase três da tarde. Deixei vocês dormirem mais meia hora. Então é melhor ficar agradecido — falei rispidamente.

— Eu estou — afirmou Jeremiah, esticando o braço para que eu o ajudasse a ficar de pé.

De má vontade, lhe estendi a mão e o ajudei.

— Andem logo — falei.

Eles me seguiram até a cozinha.

— Mas o que... — disse Conrad, olhando ao redor do cômodo, para todas as coisas dele arrumadas ali.

Jeremiah uniu aos mãos e depois ergueu uma delas para um high-five, que retribuí.

— Você é demais — disse ele. Depois respirou fundo e, avistando a sacola engordurada do McDonald's, se animou. — Isso! Cheesebúrgueres do Mickey D's! Reconheceria esse cheiro em qualquer lugar.

Dei uma tapa na mão dele.

— Ainda não. Existe um sistema de recompensas em vigor aqui. Conrad estuda, depois ganha comida.

Jeremiah franziu atesta.

— E quanto a mim?

— Conrad estuda, e você ganha comida.

Conrad ergueu as sobrancelhas.

— Um sistema de recompensa, né? O que mais eu ganho?

Corei.

— Só os cheesebúrgueres.

Os olhos dele pousaram em mim de um jeito avaliador, como se estivesse tentando decidir se casava ou comprava uma bicicleta. Pude sentir minhas bochechas esquentarem enquanto me analisava.

— Por mais que eu goste da ideia de um sistema de recompensa, vou passar — disse por fim.

— Como assim? — perguntou Jeremiah.

Conrad deu de ombros.

— Estudo melhor sozinho. Tenho tudo sob controle. Vocês podem ir.

Jeremiah balançou a cabeça indignado.

— Como sempre. Você não consegue lidar com a ideia de pedir ajuda. Bem, só lamento por você, porque vamos ficar.

— O que vocês sabem sobre o livro *Freshman Psych*? — perguntou Conrad, cruzando os braços.

Jeremiah se ergueu.

— Vamos descobrir. — Ele me deu uma piscadela.

— Bells, podemos comer primeiro? Preciso de gordura.

Senti como se tivesse ganhado um prêmio. Como se fosse invencível. Enfiei a mão na sacola e disse:

— Um para cada. E só.

Quando Conrad virou de costas, enquanto vasculhava o armário em busca do molho de pimenta, Jeremiah ergueu a mão para outro high-five. Toquei sua mão silenciosamente e sorrimos um para o outro com malícia. Jeremiah e eu éramos uma boa equipe, sempre fomos.

Comemos os cheesebúrgueres em silêncio.

— Como quer fazer, Conrad? — perguntei, assim que terminamos.

— Levando em consideração que não estou nem um pouco a fim de fazer isso, vou deixar você decidir — respondeu ele. O lábio inferior sujo de mostarda.

— Tudo bem, então. — Estava preparada para isso. — Você vai ler. Vou trabalhar no fichamento de psicologia. Jeremiah vai sublinhar.

— Jere não sabe sublinhar — zombou Conrad.

— Ei! — retrucou Jeremiah. Em seguida, virando-se para mim, continuou: — Ele tem razão. Sou péssimo sublinhando. Acabo marcando a página toda. Fico com o fichamento e você sublinha, Bells.

Abri um pacote de fichas e entreguei-as a Jeremiah. Por incrível que pareça, Conrad ouviu. Ele pegou o livro de psicologia na pilha e

começou a ler.

Sentado à mesa, estudando com a testa enrugada, ele parecia o velho Conrad. Aquele que se importava com coisas como provas, camisas engomadas e pontualidade. A ironia de tudo isso era que Jeremiah nunca fora um bom aluno. Ele odiava estudar, odiava notas. Aprender era, sempre foi, coisa do Conrad. Desde o início, era ele com o kit de química, criando experimentos para fazermos como ajudantes de cientista. Eu me lembrava de quando descobriu a palavra "absurdo", e saiu por aí dizendo isso o tempo todo. "Que absurdo", dizia ele. Ou "mentecapto", seu insulto preferido... isso ele também dizia muito. No verão em que tinha 10 anos, tentou estudar a Enciclopédia Britannica. Quando voltamos no verão seguinte, ele estava na letra Q.

De repente percebi. Senti saudades dele. Esse tempo todo. Quando você olha lá no fundo, lá está. Sempre esteve. E embora ele estivesse sentado a poucos centímetros de distância, eu sentia mais saudades do que nunca.

Sob os cílios eu o observei, e pensei.

Volte. Seja aquele você que eu amo e nunca esqueci.



Capítulo trinta e nove

Tínhamos acabado com psicologia e Conrad estava com os fones de ouvido fazendo o trabalho de inglês quando meu celular tocou. Era Taylor. Não tinha certeza se ela estava ligando para pedir desculpas ou exigir que eu levasse suas coisas de volta imediatamente. Talvez uma mistura dos dois. Desliguei o celular.

Com todo o drama da casa, não tinha parado para pensar na nossa briga. Só passaram dois dias que eu estava de volta à casa de verão e, como sempre, já tinha me esquecido de Taylor e de tudo mais que ficara em casa. O que importava para mim estava aqui. Sempre foi assim.

Mas aquelas coisas que ela disse machucaram. Talvez fossem verdade. Mas não sabia se conseguiria perdoá-la por dizê-las.

Estava escurecendo lá fora quando Jeremiah se inclinou para a frente e disse numa voz baixa:

— Sabe, se você quisesse, poderia ir hoje à noite. Poderia pegar meu carro. Posso ir buscá-la amanhã depois que Conrad terminar as provas. Depois a gente podia sair ou alguma coisa desse tipo.

— Ah, não vou embora ainda. Quero ir com vocês amanhã.

— Tem certeza?

— Claro que tenho. Não quer minha companhia?

Aquilo estava começando a magoar meus sentimentos, o jeito que ele estava agindo como se estivessem se aproveitando de mim,

como se não fôssemos uma família.

— Claro que quero. — Ele fez uma pausa sugerindo que fosse dizer mais alguma coisa.

Eu o cutuquei com o marca-texto.

— Está com medo de ter problemas com a *Mara*? — Esse era só o início da provocação.

Ainda não podia acreditar no fato de ele não ter me contado que tinha meio que uma namorada. Não estava completamente certa do porquê isso importava, mas importava. Devíamos ser próximos. Ou, pelo menos, costumávamos ser. Eu devia saber se ele tinha ou não uma namorada. E há quanto tempo estavam “terminados”? Ela não foi ao enterro ou eu achava que não. Não era como se Jeremiah a tivesse apresentado às pessoas. Que tipo de namorada não iria ao enterro da sogra? Até a ex de Conrad tinha ido.

Jeremiah olhou de relance para Conrad e baixou o tom de voz.

— Já falei pra você, Mara e eu terminamos.

Quando não respondi nada, ele falou:

— Fala sério, Belly. Não fique chateada.

— Não acredito que não me contou a respeito dela — falei, marcando um parágrafo inteiro. Não olhei para ele. — Não acredito que você manteve isso em segredo.

— Não havia nada para contar, juro.

— Há! — falei. E me senti melhor.

Observei Jeremiah, ele me fitou com olhos ansiosos.

— Tudo bem?

— Beleza. De um jeito ou de outro, isso não me afeta. Só achei que você teria me contado uma coisa desse tipo.

Ele relaxou no encosto da cadeira.

— Não tínhamos nada sério, pode acreditar. Era só uma garota. Não era como Conrad e...

Eu o encarei e ele parou de repente, cheio de culpa.

Não era como Conrad e Aubrey. Ele a amava. Ele já tinha sido louco por ela. Nunca foi assim comigo. Nunca. Mas eu cheguei a amá-lo. Eu o amei por mais tempo e mais verdadeiramente do que qualquer outra pessoa em toda a minha vida, e provavelmente

nunca mais amaria ninguém daquele jeito, o que, para ser sincera, era quase um alívio.



Capítulo quarenta

6 DE JULHO

Quando acordei na manhã seguinte, a primeira coisa que fiz foi ir até a janela. Como saber quantas vezes mais eu poderia admirar essa vista? Todos nós estávamos crescendo. Eu iria para a faculdade em breve. Mas o bom disso tudo, o que me confortava, era saber que ela continuaria aqui. A casa não iria embora.

Olhando pela janela, era impossível ver onde o céu terminava e o oceano começava. Havia me esquecido de como as manhãs aqui podiam ficar enevoadas. Fiquei parada e tentei me saciar, fazer a lembrança durar.

Depois corri até os quartos de Conrad e Jeremiah, batendo nas portas.

— Acordem! Vamos pegar a estrada! — gritei, descendo pelo corredor.

Fui ao primeiro andar para pegar um copo de suco, e Conrad estava sentado à mesa da cozinha, onde estivera quando fui dormir por volta das quatro da manhã. Ele já estava vestido e fazendo anotações num caderno.

Comecei a me distanciar, mas ele ergueu os olhos.

— Belo pijama.

Fiquei vermelha. Ainda estava usando o pijama estúpido da Taylor. Olhando-o de cara feia, eu disse:

— Vamos sair em vinte minutos; então esteja pronto.

Enquanto voltava lá para cima, ouvi Conrad dizer:

— Já estou.

Se disse que estava pronto, é porque era verdade. Ele passaria naquelas provas. Provavelmente iria gabaritá-las. Conrad não se saía mal em nada que decidisse fazer.

Uma hora depois, estávamos quase de saída. Eu estava trancando a porta deslizante de vidro da varanda quando ouvi Conrad:

— Será que é uma boa?

Eu me virei e comecei a dizer: “Será que é uma boa o quê?” Quando Jeremiah apareceu do nada.

— É. Pelos velhos tempos — concluiu ele.

Ô-ou.

— Nada disso — falei. — De jeito nenhum.

Quando me dei conta, Jeremiah estava segurando minhas pernas e Conrad pegou meus braços, e juntos me balançaram para trás, depois para a frente. Jeremiah gritou:

— Barrigada da Belly!

Então eles me lançaram no ar, e enquanto aterrissava na piscina, pensei, *Bem, veja só, eles finalmente se uniram para alguma coisa.*

Quando voltei à superfície, gritei:

— Idiotas!

E isso só fez com que rissem mais.

Tive que voltar para dentro da casa e trocar as roupas ensopadas que usei no primeiro dia. Coloquei o vestido de verão da Taylor e a sandália plataforma. Enquanto secava meu cabelo com uma toalha de rosto, foi difícil ficar irritada. Até sorri para mim mesma. Possivelmente a última “Barrigada da Belly” da minha vida, e Steven não estava lá para participar.

Foi ideia de Jeremiah que usássemos um carro só, assim Conrad poderia continuar estudando no caminho. Con nem tentou sentar no banco da frente, foi direto para o banco de trás e começou a folhear os fichamentos.

Como já era de esperar, chorei enquanto nos afastávamos. Fiquei feliz por estar na frente e usando óculos escuros. Assim, os meninos

não poderiam implicar comigo. Mas eu amava aquela casa e odiava ter que dizer adeus. Porque era mais do que só uma casa. Eram todos os verões, cada passeio de barco, cada pôr do sol. Era Susannah.

Dirigimos praticamente em silêncio por algum tempo, e então Britney Spears surgiu no rádio e aumentei o volume; ficou alto. Era claro que Conrad odiava Britney Spears, mas não me importava. Comecei a cantar junto, e Jeremiah também.

— *Oh baby baby, I shouldn't have let you go* — cantei, dançando em direção ao painel.

— *Show me how you want it to be* — Jeremiah continuou, balançando os ombros.

Quando a música mudou, veio Justin Timberlake, e Jere fazia um Justin Timberlake maravilhoso. Ele era tão desinibido e aceitava bem essa condição. Ele me fazia querer ser daquele jeito também.

— *And tell me how they got that pretty little face on that pretty little frame, girl* — cantou para mim.

Coloquei a mão no coração e fingi um desmaio, como uma tiete.

— *Fast fast slow, whichever way you wanna run, girl.*

Eu o ajudei no refrão.

— *This just can't be summer love...*

Do banco de trás, Conrad rosnou:

— Vocês podem, por favor, diminuir o volume da música? Estou tentando estudar aqui, estão lembrados?

Eu me virei para trás e disse:

— Ah, me desculpe. Está te incomodando?

Ele olhou para mim com os olhos apertadinhos.

Sem dizer uma palavra, Jeremiah abaixou o volume. Dirigimos por mais ou menos uma hora.

— Precisa fazer xixi ou alguma coisa assim? Vou parar no próximo posto de gasolina.

Neguei com a cabeça.

— Não, mas estou com sede.

Paramos no estacionamento do posto, e enquanto Jeremiah enchia o tanque e Conrad cochilava fui até a loja de conveniência. Comprei raspadinhas para mim e Jeremiah, metade de Coca-Cola e

metade de cereja, uma combinação que aperfeiçoei ao longo dos anos.

Quando voltei para o carro, sentei no banco e entreguei a raspadinha a Jeremiah. O rosto dele se iluminou.

— Ah, obrigado, Bells. Qual sabor você comprou para mim?

— Beba e descubra.

Ele tomou um longo gole e gesticulou em sinal de aprovação.

— Metade Coca, metade cereja, sua especialidade. Muito bom.

— Ei, lembra-se daquela vez... — comecei a dizer.

— Ahã — disse ele. — Meu pai ainda não quer ninguém tocando no liquidificador dele.

Coloquei os pés no painel e recostei no banco, tomando minha raspadinha. Pensei comigo mesma: *Felicidade é uma raspadinha e um canudinho rosa-shocking.*

Do banco de trás, Conrad perguntou, irritado:

— Cadê o meu?

— Pensei que ainda estivesse dormindo — respondi. — E você tem que tomar isso aqui na hora, senão derrete, então... não vi por que trazer outra.

Conrad me fuzilou com o olhar.

— Bem, pelo menos me dá um gole.

— Mas você odeia raspadinha.

O que era verdade. Conrad não gostava de bebidas açucaradas, nunca bebia esse tipo coisa.

— Não tem problema. Estou com sede.

Entreguei meu copo a ele e me virei para observá-lo beber. Estava esperando que fizesse uma careta ou alguma coisa do tipo, mas ele só bebeu e me entregou a bebida de volta.

Foi quando disse:

— Achei que sua especialidade fosse chocolate quente.

Eu o encarei. Ele realmente tinha dito aquilo? Ele se lembrava? Pelo jeito que me olhava, com uma sobrancelha arqueada, percebi que sim. E desta vez fui eu quem desviou o olhar.

Porque eu me lembrava. Me lembrava de tudo.



Capítulo quarenta e um

Quando Conrad saiu para fazer a prova, Jeremiah e eu compramos sanduíches de peru e abacate no pão integral e comemos no gramado. Terminei o meu primeiro; estava realmente com fome.

Quando acabou, Jeremiah amassou o papel laminado nas mãos e o jogou na lixeira. Ele voltou a se sentar ao meu lado na grama.

— Por que você não veio me ver depois que minha mãe morreu?
— perguntou assim do nada.

Gaguejei.

— Eu v-v-vim, vim para o enterro.

O olhar de Jeremiah estava fixo em mim, sem piscar.

— Não foi isso o que quis dizer.

— N-não achei que fosse me querer por perto.

— Não, foi porque *você* não queria estar lá. Eu queria que estivesse.

Ele estava certo. Eu não queria estar lá. Não queria ficar perto da casa dela. Pensar em Susannah fazia meu coração doer... era demais para mim. No entanto, a ideia de Jeremiah esperando que eu ligasse, precisando de alguém para conversar, aquilo doía muito.

— Você está certo. Eu devia ter aparecido.

Jeremiah apoiou Conrad, Susannah. Me apoiou. E quem estava lá para apoiá-lo? Ninguém. Queria que soubesse que eu estava aqui agora. Ele olhou para o céu.

— É difícil, sabe? Porque quero conversar sobre ela. Mas Conrad não quer, e não posso conversar com meu pai, e você também não estava lá. Todos nós a amamos, mas ninguém consegue falar sobre ela.

— O que quer falar?

Ele inclinou a cabeça para trás, pensando.

— Que sinto falta dela. Sinto muitas saudades. Ela só se foi há dois meses, mas parece que faz mais tempo. E também parece que acabou de acontecer, como se fosse ontem.

Concordei. Era exatamente assim que eu me sentia.

— Você acha que ela ficaria feliz?

Ele estava se referindo ao Conrad, ao jeito que o ajudamos.

— Acho.

— Eu também. — Jeremiah hesitou. — E agora?

— O que quer dizer?

— Tipo, você vai voltar nesse verão?

— Bem, claro. Vou vir quando minha mãe vier.

Ele concordou com a cabeça.

— Que bom. Porque meu pai estava errado, sabe. A casa é sua também. E de Laurel, e de Steven. Ela é de todos nós.

De repente, fui assolada por uma estranha sensação, um desejo, uma necessidade de esticar o braço e tocar o rosto dele com as costas da mão. Assim ele saberia, assim ele *sentiria* exatamente o quanto aquelas palavras significavam para mim. Porque às vezes as palavras eram tão lamentavelmente inadequadas, e eu sabia disso, mas tinha que tentar de qualquer forma.

— Obrigada. Isso significa... muito mesmo.

Ele deu de ombros.

— É apenas a verdade.

Nós o vimos vindo de longe, caminhando rápido. Ficamos de pé e esperamos.

— Parecem boas notícias para você? Parecem boas notícias para mim — disse Jeremiah.

Para mim também.

Conrad veio em nossa direção a passos longos, os olhos brilhando.

— Detonei essa — disse, triunfante.

Essa era a primeira vez que eu o via sorrir, sorrir de verdade... alegre, despreocupado... desde a morte de Susannah. Ele e Jeremiah se cumprimentaram com uma batida de mão tão forte que o ruído ficou suspenso no ar. E então Conrad sorriu para mim, e me girou tão rápido que quase tropecei. Eu estava rindo.

— Está vendo? Está vendo? Eu te disse!

Conrad me pegou no colo e me jogou sobre o ombro como se eu não pesasse nada, exatamente como fez na outra noite. Eu ri enquanto ele corria, costurando para a esquerda e para a direita como se estivesse num campo de futebol.

— Me põe no chão! — gritei, puxando a barra do vestido.

Ele obedeceu. Me colocou no chão gentilmente.

— Obrigado — disse ele, a mão ainda na minha cintura. — Por ter vindo.

Antes que pudesse dizer que não era nada, Jeremiah se aproximou.

— Ainda falta uma, Con. — A voz dele estava tensa.

Endireitei o vestido.

Conrad olhou para o relógio.

— Tem razão. Vou andando para o departamento de psicologia. Essa vai ser rápida. Encontro vocês daqui a uma hora e pouco.

Enquanto o observava partir, um milhão de perguntas passaram pela minha cabeça. Fiquei tonta, e não só por ele ter me girado no ar.

Abruptamente, Jeremiah falou:

— Vou procurar um banheiro. Te encontro no carro.

Ele procurou as chaves no bolso e as jogou para mim.

— Quer que eu espere? — perguntei, mas ele já estava se afastando.

Jeremiah não olhou para trás.

— Não, vá na frente.

Em vez de ir direto para o carro, parei na loja para alunos. Comprei um refrigerante e um casaco com capuz com a palavra *Brown* em letras maiúsculas. Embora não estivesse frio, eu o vesti.

Jeremiah e eu nos sentamos no carro, ouvindo o rádio. Estava começando a escurecer. As janelas estavam abaixadas e eu podia ouvir um pássaro cantando em algum lugar lá fora. Conrad terminaria a última prova logo.

— Casaco legal — disse Jeremiah.

— Obrigada. Sempre quis um da Brown.

Jeremiah concordou.

— Eu me lembro.

Dedilhei o colar, enrolando-o no mindinho.

— Fico me perguntando... — deixei a frase no ar, esperando que Jeremiah me incitasse, indagasse sobre o que eu me perguntava. Mas ele não o fez. Não me perguntou nada.

Ficou em silêncio.

Suspirei, olhei pela janela e continuei:

— Ele costuma perguntar sobre mim? Quero dizer, ele já chegou a comentar alguma coisa?

— Não faça isso — disse asperamente.

— Não faça o quê? — Eu me virei para ele, confusa.

— Não me pergunte isso. Não me pergunte sobre ele.

Jeremiah disse isso numa voz áspera, baixa, um tom que nunca tinha usado comigo e que eu não me lembrava de vê-lo usar com mais ninguém. Um músculo no maxilar dele estremeceu furiosamente.

Recuei e afundei no banco. Senti como se ele tivesse me dado um tapa.

— O que houve com você?

Ele começou a dizer alguma coisa, talvez uma desculpa ou talvez não, e aí parou, se inclinou para a frente e me puxou na direção dele... como uma força gravitacional. Ele me beijou, com intensidade, e a pele do queixo dele estava áspera e roçando na minha bochecha. Meu primeiro pensamento foi, *acho que ele não teve tempo de se barbear hoje de manhã*, e então... eu estava retribuindo o beijo, meus dedos se enroscando em seu cabelo louro macio e os olhos fechados. Ele beijava como se estivesse se afogando e eu fosse o ar. Era apaixonado, desesperado, diferente de tudo o que eu já tinha experimentado.

Era isso o que as pessoas queriam dizer quando falavam que a Terra parou de rodar. Senti como se o mundo fora daquele carro, naquele momento, não existisse. Éramos só nós.

Quando se afastou, as pupilas estavam imensas e fora de foco. Ele piscou, e em seguida limpou a garganta.

— Belly — disse, a voz nebulosa.

Ele não falou mais nada, só meu nome.

— Você ainda... — Se importa. Pensa em mim. Me quer.

Abruptamente, ele respondeu:

— Sim. Sim. Ainda.

E na mesma hora estávamos nos beijando de novo.

*

Ele deve ter feito algum barulho, porque nós dois olhamos para cima ao mesmo tempo.

Nos separamos num pulo. Lá estava Conrad, olhando diretamente em nossa direção. Parou bem perto do carro. O rosto pálido.

— Não, não parem. Sou eu quem está interrompendo — disse.

Ele se virou meio sem jeito e começou a se afastar. Jeremiah e eu nos encaramos num espanto silencioso. E então minha mão estava na maçaneta e eu estava de pé. Não olhei para trás.

Corri tentando alcançá-lo e gritei o nome dele, mas Conrad não se virou. Segurei seu braço e ele finalmente olhou para mim, e havia tanto ódio em seu rosto que me assustei. Mas, na verdade, de algum modo, não era isso o que eu queria? Machucar o coração dele como ele fez com o meu? Ou talvez fazê-lo sentir alguma coisa por mim além de pena ou indiferença. Fazer com ele sentisse alguma coisa, qualquer coisa.

— Então você gosta do Jeremiah agora?

Ele queria parecer sarcástico, cruel, e conseguiu, mas também souo aflito. Como se a resposta importasse.

O que me deixou feliz. E triste.

— Não sei. Você se importa se eu gostar?

Ele me encarou, e depois se inclinou para a frente e tocou o colar ao redor do meu pescoço. Aquele que eu estava escondendo debaixo da blusa o dia todo.

— Se gosta dele, por que está usando meu cordão?

Molhei os lábios.

— Eu o encontrei quando estava pegando as coisas no seu dormitório. Isso não significa nada.

— Você sabe o que significa.

Neguei com a cabeça.

— Não.

Mas é claro que sabia. Eu me lembrava de quando ele explicou o conceito de infinito para mim. Imensurável, um momento se esticando para o seguinte. Conrad comprou aquele colar para mim. Ele sabia o que significava.

— Então devolva. — Ele estendeu a mão e vi que ele estava tremendo.

— Não — retruquei.

— Ele não é seu. Nunca te dei. Você simplesmente o pegou.

Foi quando eu finalmente entendi. Finalmente compreendi. Não era a ideia que contava. Era a prática, a demonstração efetiva de algo. A intenção por trás de tudo não era suficiente. Não para mim. Não mais. Não era suficiente saber que lá no fundo ele me amava. Você tem que de fato dizer, mostrar que se importa. E ele simplesmente não ligava. Não o suficiente.

Pude sentir que Conrad estava esperando que eu discutisse, protestasse, implorasse. Mas não fiz nenhuma dessas coisas. Lutei pelo que pareceu uma eternidade, tentando abrir o fecho do colar em meu pescoço. O que não era surpresa, considerando o fato de que minhas mãos também estavam tremendo. Finalmente consegui liberar a corrente e entreguei-o a ele.

A surpresa ficou estampada no rosto de Conrad pelo mais breve dos momentos, e depois, como sempre, ele se fechou de novo. Talvez eu tivesse imaginado isso. Que ele se importava.

Conrad enfiou o colar no bolso.

— Agora saia — disse.

Quando não me movi, ele falou, muito sério.

— Anda!

Eu era uma árvore, enraizada naquele lugar. Meus pés estavam congelados.

— Vai para o Jeremiah. É ele quem quer você — disse Conrad. —
Eu não. Nunca quis.

E em seguida eu estava cambaleando, fugindo.



Capítulo quarenta e dois

Não voltei para o carro imediatamente. Tudo o que eu tinha diante de mim eram escolhas impossíveis. Como poderia encarar Jeremiah depois do que acabara de acontecer? Depois que nos beijamos, depois de eu ter corrido atrás de Conrad? Minha cabeça girava em um milhão de direções diferentes. Não parava de tocar os lábios. Então toquei a clavícula, onde estava o colar. Perambulei pelo campus, mas depois de um tempo voltei para o carro. Que escolha eu tinha? Não podia simplesmente ir embora sem falar com ninguém. E eu também não tinha outra forma de ir para casa.

Acho que Conrad estava pensando a mesma coisa, porque, quando cheguei no carro, ele já estava lá, sentado no banco de trás com a janela aberta. Jeremiah estava sentado no capô.

— Oi — disse ele.

— Oi — hesitei, sem saber o que viria em seguida. Pela primeira vez, nossa conexão telepática falhou para mim, porque eu não fazia ideia do que ele estava pensando. O rosto estava ilegível.

Ele deslizou para o chão.

— Pronta para ir para casa?

Fiz que sim, e ele me jogou as chaves.

— Você dirige — disse ele.

No carro, Conrad me ignorou completamente. Eu não existia mais para ele, e, apesar de tudo o que eu havia dito, aquilo me fez querer morrer. Eu nunca deveria ter vindo. Nenhum de nós estava conversando com os demais. Eu tinha perdido os dois.

O que Susannah diria se visse a confusão em que nos metemos agora? Ficaria tão desapontada comigo. Não ajudei em nada. Só piorei as coisas.

Justo quando pensamos que tudo estava indo bem, todos nós nos separamos.

Eu estava dirigindo pelo que parecia uma eternidade quando começou a chover. No início eram pequenas gotas grossas e depois caiu torrencialmente, lâminas densas.

— Está conseguindo enxergar? — Jeremiah me perguntou.

— Sim — menti.

Mal conseguia ver um palmo à minha frente. Os limpadores de para-brisa se arrastavam para a frente e para trás violentamente.

O trânsito estava rastejando, e depois ficou mais lento a ponto de quase parar. Havia luzes de viaturas de polícia lá na frente.

— É provável que tenha acontecido um acidente — constatou Jeremiah.

Estávamos no engarrafamento há mais de uma hora quando começou a chover granizo.

Olhei para Conrad pelo retrovisor, mas a expressão dele era apática. De quem poderia muito bem estar em outro lugar.

— Será que devíamos parar?

— Sim. Dobre na próxima saída e vamos ver se conseguimos encontrar um posto de gasolina — disse Jeremiah, olhando o relógio. Eram dez e meia.

A chuva não dava trégua. Ficamos sentados no estacionamento do posto de gasolina pelo que pareceu uma eternidade. O barulho da tempestade estava alto, mas estávamos tão quietos que quando meu estômago roncou tive certeza de que os dois ouviram. Tossi para encobrir o barulho.

Jeremiah saiu do carro num pulo e correu para dentro do posto. Quando voltou, o cabelo pingava de tão molhado e estava todo

embaraçado. Ele me jogou um pacote de manteiga de amendoim e biscoitos de queijo sem me dirigir o olhar.

— Tem um motel alguns metros à frente — disse, secando a testa com as costas do braço.

— Vamos só esperar passar — disse Conrad. Essa foi a primeira vez que ele falou desde que pegamos a estrada.

— Cara, a autoestrada está praticamente fechada. Não tem por quê. Acho melhor descansarmos por algumas horas e sairmos pela manhã.

Conrad não disse nada.

Eu não disse nada porque estava ocupada demais comendo os biscoitos. Eram salgados, com grãos, e de um laranja brilhoso, e eu os enfiei na boca, um atrás do outro. Nem ofereci a eles.

— Belly, o que você quer fazer? — perguntou Jeremiah muito educadamente, como se eu fosse uma prima de fora da cidade. Como se a boca dele não tivesse estado na minha algumas horas antes.

Engoli o último biscoito.

— Não me importa. Pode fazer o que você quiser.

Quando chegamos ao motel, já era meia-noite.

Fui ao banheiro ligar para minha mãe. Contei a ela o que havia acontecido e ela logo falou:

— Estou indo te buscar.

Cada parte de mim queria dizer *Sim, por favor, venha nesse segundo*, mas ela parecia cansada e já tinha feito tanta coisa. Em vez disso, falei:

— Não, está tudo bem, mãe.

— Não tem problema, Belly. Não é tão longe.

— Está tudo bem, sério. Vamos sair cedo amanhã de manhã.

Ela bocejou.

— O motel fica num lugar seguro?

— Sim. — Embora eu não soubesse exatamente onde estávamos ou se esse lugar constituía uma área segura. Mas parecia seguro o suficiente.

— Então vá dormir e levante assim que amanhecer. Me ligue quando estiver na estrada.

Depois que desligamos, recostei na parede por um instante. Como vim parar aqui? Vesti o pijama da Taylor e coloquei meu casaco novo com capuz por cima. Não me apressei para escovar os dentes e tirar as lentes de contato. Não me importava que os meninos pudessem estar esperando para usar o banheiro. Só queria ficar um pouco sozinha, longe deles. Quando voltei para o quarto, Jeremiah e Conrad estavam no chão, em lados opostos da cama. Cada um deles tinha um travesseiro e um cobertor.

— Deviam ficar com a cama — sugeri, embora apenas parte de mim estivesse sendo honesta. — Vocês são dois. Eu durmo no chão.

Conrad estava ocupado demais me ignorando, mas Jeremiah me respondeu.

— Não, pode ficar. Você é a menina.

Em circunstâncias normais, eu teria discutido com ele apenas pela essência da frase... o que o fato de eu ser uma menina tinha a ver com dormir ou não no chão? Era uma garota, não uma inválida. Mas não discuti. Estava cansada demais. E queria mesmo a cama.

Engatinhei sobre o colchão e me enfiei debaixo das cobertas. Jeremiah programou o despertador do celular e apagou as luzes. Ninguém disse boa noite nem sugeriu que víssemos se havia alguma coisa boa na TV.

Tentei dormir, mas não consegui. Tentei me lembrar da última vez que nós três tínhamos dormido no mesmo cômodo. A princípio não consegui, mas depois sim. Tínhamos armado uma barraca na praia e implorei muito para ser incluída até que finalmente minha mãe os obrigou a me deixar participar. Eu, Steven, Jeremiah e Conrad. Jogamos Uno por horas, e Steven comemorou comigo quando ganhamos duas rodadas seguidas. De repente, senti tanta falta do meu irmão mais velho que tive vontade de chorar. Parte de mim achou que, se Steven estivesse aqui, as coisas não teriam ficado tão ruins. Talvez nada disso tivesse acontecido, porque eu continuaria perseguindo os meninos em vez de estar entre eles.

Mas agora tudo tinha mudado e as coisas nunca mais voltariam a ser como antes.

Eu estava deitada na cama pensando em tudo isso quando ouvi Jeremiah roncar, o que me aborreceu muito. Ele sempre conseguia

pegar no sono quando bem estendido, assim que a cabeça se acomodava no travesseiro. Presumi que ele não estava perdendo o sono por causa do que havia acontecido. Supus que eu também não deveria. Virei para outro lado, olhando na direção oposta a ele.

E então ouvi Conrad dizer, baixinho:

— Mais cedo, quando falei que nunca te quis. Não falei sério.

Fiquei sem ar. Não sabia o que dizer nem se devia dizer alguma coisa. Só sabia que era por isso que eu estava esperando. Esse exato momento. Exatamente isso.

Abri a boca para falar, e aí ele repetiu.

— Não falei sério.

Prendi a respiração, esperando ouvir o que viria em seguida.

— Boa noite, Belly. — Foi tudo o que ele disse.

Depois daquilo, claro, não consegui dormir. Tinha coisas demais na cabeça. O que ele quis dizer? Que queria ficar, tipo, junto? Eu e ele, para valer? Isso era tudo o que eu sempre quis a vida toda, mas aí me vinha o rosto de Jeremiah no carro, sincero e me desejando, precisando de mim. Naquele momento, eu também o desejei e precisei dele, mais do que eu podia imaginar. Será que isso sempre esteve ali? Mas, depois de hoje, eu não fazia ideia se ele ainda me queria. Talvez fosse tarde demais.

E tinha Conrad. *Não falei sério*. Fechei os olhos e o ouvi dizer aquelas palavras repetidas vezes. Sua voz, vagando pelo escuro, me perseguia e me empolgava.

Fiquei ali deitada, quase sem respirar, repassando cada palavra. Os meninos estavam dormindo e cada parte de mim estava completamente desperta e viva. Era como um sonho realmente maravilhoso, e eu estava com medo de dormir porque, quando acordasse, ele teria acabado.



Capítulo quarenta e três

7 DE JULHO

Acordei antes do despertador de Jeremiah disparar. Tomei banho, escovei os dentes e coloquei a mesma roupa do dia anterior.

Quando saí do banheiro, Jeremiah estava ao telefone e Conrad estava dobrando o cobertor. Esperei que ele olhasse para mim. Se ele simplesmente me olhasse, abrisse um sorriso, dissesse alguma coisa, eu saberia o que fazer.

Mas ele não olhou. Colocou os cobertores de volta no armário e depois calçou o tênis. Desfez os laços e puxou o cadarço com mais firmeza. Continuei esperando, mas Conrad não olhou.

— Oi — falei.

Ele finalmente ergueu a cabeça.

— Oi. Um amigo está vindo me buscar.

— Por quê?

— É mais fácil assim. Ele vai me levar de volta para Cousins para que eu possa pegar o carro, e J pode te levar para casa.

— Ah.

Fiquei tão surpresa que demorou um pouco para a decepção, a descrença absoluta, ser registrada.

Ficamos parados ali, olhando um para o outro, sem dizer nada. Mas era o tipo de nada que significava tudo. Em seus olhos não havia vestígio do que acontecera entre nós na noite passada, e eu podia sentir alguma coisa dentro de mim se quebrar.

Então era isso. Enfim, estávamos terminados.

Olhei para ele, e me senti tão mal, porque o seguinte pensamento me veio: *Nunca mais vou olhar para você do mesmo jeito de novo. Nunca mais serei aquela garota de novo. A menina que volta correndo toda vez que você a afasta, a garota que te ama incondicionalmente.*

Não podia nem ficar aborrecida com ele, uma vez que Conrad era assim. Sempre fora assim. Nunca mentiu sobre isso. Ele dava e depois tirava. Senti isso no fundo do estômago, aquela dor familiar, um sentimento de perda, de arrependimento que só ele era capaz de me causar. Não queria me sentir assim de novo. Nunca mais.

Talvez tenha sido por isso que eu vim, para poder ter certeza. Para poder dizer adeus.

Olhei para ele e pensei, *se eu fosse muito corajosa ou muito honesta, teria contado.* Eu diria, ele ficaria sabendo e eu ficaria sabendo, e nunca mais poderia retirar o que disse. Mas eu não era assim tão corajosa ou honesta, então tudo o que fiz foi olhar para ele. E eu acho que ele soube mesmo assim.

Eu te liberto. Expulso você do meu coração. Porque, se não fizer isso agora, não farei nunca mais.

Fui eu quem desviou o olhar primeiro.

Jeremiah desligou o telefone e perguntou a Conrad:

— Dan está vindo te buscar?

— Está. Vou ficar por aqui e esperar por ele.

Em seguida, Jeremiah olhou para mim.

— O que quer fazer?

— Quero ir com você.

Peguei minha mala e a sandália de Taylor.

Ele se levantou e pegou a bolsa do meu ombro.

— Então, vamos. — Para Conrad, ele disse: — Nos vemos em casa.

Fiquei me perguntando a qual casa ele se referia, à casa de verão ou à casa-casa deles. Mas supus que não importava muito.

— Tchau, Conrad — falei.

Passei pela porta com a sandália de Taylor na mão e também não me importei em calçá-la. Não olhei para trás. E bem ali, pude sentir,

a animação, a satisfação de ser a primeira a ir embora.

Enquanto caminhávamos pelo estacionamento, Jeremiah disse:

— Talvez devesse calçar a sandália. Pode cortar o pé em alguma coisa.

Dei de ombros.

— Esse sapato é da Taylor — expliquei, como se fizesse algum sentido. Depois acrescentei: — É pequeno demais.

— Quer dirigir?

Refleti sobre o assunto.

— Não, tudo bem. Você dirige.

— Mas você adora dirigir meu carro — lembrou-me ele, vindo até a porta do passageiro e abrindo-a primeiro.

— Eu sei. Mas hoje estou com vontade de ir de carona.

— Quer tomar café primeiro?

— Não. Só quero ir para casa.

Logo pegamos a estrada. Abri o vidro todo. Coloquei a cabeça do lado de fora e deixei meu cabelo esvoaçar sem rumo, só por deixar. Uma vez, Steven me contou que insetos e outras coisas ficam agarrados nos cabelos das garotas quando andam com a cabeça na janela. Mas não me importava. Gostava daquela sensação. Me sentia livre.

Jeremiah olhou para mim e disse:

— Você me lembra nosso antigo cachorro. Boogie. Ele adorava andar por aí com a cabeça para fora da janela.

Ainda estava usando o tom cortês. Distante.

— Você não disse nada. Sobre antes — comentei.

Olhei de relance para ele. Podia sentir o coração batendo no ouvido.

— O que ainda há para ser dito?

— Não sei. Muita coisa — respondi.

— Belly... — começou ele. Depois parou e suspirou, balançando a cabeça.

— O quê? O que você ia dizer?

— Nada.

Estendi o braço e toquei a mão dele, entrelaçando meus dedos ao redor dos dele. Essa parecia ser a coisa mais certa que tinha feito em muito tempo.

Fiquei com medo que se afastasse, mas ele não o fez. Ficamos de mãos dadas assim até chegarmos em casa.



dois anos mais tarde

Quando eu costumava imaginar o para sempre, ele era sempre com o mesmo garoto. Nos sonhos, meu futuro estava traçado. Uma certeza.

Não era assim que eu o imaginava. Eu, num vestido branco sob a chuva torrencial, correndo para o carro. Ele, correndo na minha frente e abrindo a porta do carona.

— Tem certeza? — perguntou ele.

— Não — respondi, entrando no carro.

O futuro é incerto. Mas continua sendo meu.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela
Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.



Sumário

[Capa](#)

[Obras da autora publicadas pela Galera Record](#)

[Rosto](#)

[Creditos](#)

[Dedicatória](#)

[Agradecimentos](#)

[Capítulo um](#)

[Capítulo dois](#)

[Capítulo três](#)

[Capítulo quatro](#)

[Capítulo cinco](#)

[Capítulo seis](#)

[Capítulo sete](#)

[Capítulo oito](#)

[Capítulo nove](#)

[Capítulo dez](#)

[Capítulo onze](#)

[Capítulo doze](#)

[Capítulo treze](#)

[Capítulo quatorze](#)

[Capítulo quinze](#)

[Capítulo dezesseis](#)

[Capítulo dezessete](#)

[Capítulo dezoito](#)

[Capítulo dezenove](#)

[Capítulo vinte](#)
[Capítulo vinte e um](#)
[Capítulo vinte e dois](#)
[Capítulo vinte e três](#)
[Capítulo vinte e quatro](#)
[Capítulo vinte e cinco](#)
[Capítulo vinte e seis](#)
[Capítulo vinte e sete](#)
[Capítulo vinte e oito](#)
[Capítulo vinte e nove](#)
[Capítulo trinta](#)
[Capítulo trinta e um](#)
[Capítulo trinta e dois](#)
[Capítulo trinta e três](#)
[Capítulo trinta e quatro](#)
[Capítulo trinta e cinco](#)
[Capítulo trinta e seis](#)
[Capítulo trinta e sete](#)
[Capítulo trinta e oito](#)
[Capítulo trinta e nove](#)
[Capítulo quarenta](#)
[Capítulo quarenta e um](#)
[Capítulo quarenta e dois](#)
[Capítulo quarenta e três](#)
[dois anos mais tarde](#)
[Colofon](#)